

AS CASAS

QUE

NOS

DEVOLVEM



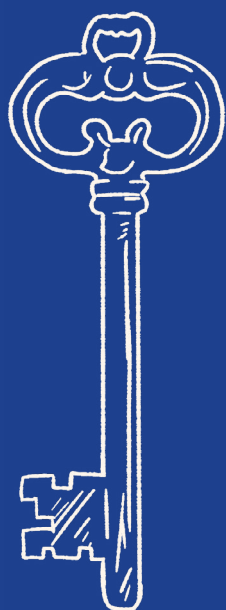
AO

MUNDO

80 ANOS
80 CRÔNICAS

sesc
CNC Senac

80 ANOS



AS CASAS QUE NOS DEVOLVEM AO MUNDO

80 ANOS, 80 CRÔNICAS

Textos

Elisama Santos
Leonardo Piana

Artes

Emerson Rocha

Prefácio

Socorro Acioli

Rio de Janeiro
Sesc | Serviço Social do Comércio
Departamento Nacional
2026

Sesc | Serviço Social do Comércio

Presidência do Sistema
CNC-Sesc-Senac

José Roberto Tadros

DEPARTAMENTO
NACIONAL

Direção-Geral

José Carlos Cirilo

Diretoria de Saúde,
Cultura, Lazer e Assistência

Diana dos Santos Abreu
(interina)

Diretoria de Educação,
Pesquisa e Dados

Érlei José de Araujo
(interino)

Diretoria de Operações
Compartilhadas

Alan Carlo Lopes Valentim
(interino)

Assessoria de Comunicação

André Valle

Coordenação editorial, curadoria
e edição de conteúdo

Camilla Savoia

Equipe editorial

Alice Cardoso

Jeanne Borges

Júlia Dias

Coordenação de Planejamento,
Atendimento e Design

Daniele Ornelas

Capa e projeto gráfico

Paloma de Mattos

Projeto gráfico e diagramação

Luiza Longuinho

Planejamento e Atendimento

Patricia Avolio

Amanda Matoso

Produção gráfica

Marcio Mendonça

Coordenação de Canais de Mídia

Daniel Vidal

Colaboração

Leonardo Moraes

©Sesc Departamento Nacional, 2026

Telefone: (21) 2136-5555 | sesc.com.br

Distribuição gratuita, venda proibida.

Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei nº 9.610 de 9/2/1998.

Baseado em fatos reais, este livro traz 80 histórias de gente que circula pelas nossas unidades como se fossem casas delas. E são. Com amor, devolvemos essas alegrias ao mundo.

Nada disso seria possível sem o apoio incontável dos nossos Polos de Referência e de cada Regional do Sesc espalhado por este país.



“Não desespere
quando a vida fere, fere
e nenhum mágico interferirá

Se a vida fere
com a sensação do brilho
de repente a gente brilhará”

Gilberto Gil

16	Com a palavra
19	Nota da editora
21	Prefácio

PORTÃO | ANTES DE ENTRAR

27	Vovó dançarina
29	A beleza da imperfeição
31	Estreias
33	Corpo-território
35	Ah, os oitenta...
37	O coração vem à tona
39	Dias comuns
41	Meu velho
43	Tempo de espera
45	A maior das celebrações

ENTRADA | COMEÇANDO A SE ACHEGAR

- 51** As esperanças do verão
- 53** Dona da alegria
- 55** Mãos acostumadas ao açúcar
- 57** O que passou, passou
- 59** Aprovada
- 62** Vários saberes
- 64** Os pequenos movimentos
- 66** Minha vez de ser feliz
- 68** Quadrilha
- 70** Não é tarde para viajar

QUINTAL | VAI BRINCAR LÁ FORA

- 77 O tempo da crisálida**
- 79 Interpretando a vida**
- 81 O peixe**
- 83 Era dança que faltava**
- 85 A vitória de Gael**
- 87 O crescimento e as faixas**
- 89 Sonho é uma palavra grande**
- 92 Memórias**
- 94 Artista**
- 96 Vamos ali, em família**

SALA | PRIMEIROS PAPOS

- 101** As três horas
- 103** Dança não tem idade
- 105** A tarefa mais difícil da vida
- 107** Poucos centímetros de luz
- 109** A atleta
- 111** Agora é que começa
- 114** As coincidências da vida
- 116** 72,6 quilômetros
- 119** Uma criança rara
- 121** Questão de vida ou música

COZINHA | CRIANDO INTIMIDADE

127 Sesc, o forró e o melhor da vida

129 Dos penteados ao palco

131 Rotina

133 O menino nomeia o mundo

135 A idade da agenda

137 Sou eu na capa do jornal

140 O livro e a feira

142 A história do sim

144 Um sábado qualquer

146 Bênção

QUARTO | AS COISAS MAIS INTÍMAS

- 151** **Três velinhas**
- 153** **Coragem é isto**
- 156** **A dança da vida**
- 158** **A indiferença da água**
- 161** **A falta**
- 163** **Agora é o tempo**
- 166** **Recomeços**
- 168** **Um exemplo**
- 170** **Escolhas**
- 172** **Francisca na água**

JANELA | LIMIAR ENTRE A CASA E A RUA

177 Lugares são nossas histórias

179 Segundos que mudam tudo

181 A batida do futuro

183 Reencontrando prazeres

185 Sonhos

187 O grupo

189 Um lugar seguro

192 Uma vida rica

194 A herança

196 Digno

RUA | DE VOLTA AO MUNDO

- 201 As casas que nos devolvem ao mundo**
- 203 A revolução das palhaças**
- 205 A contagem**
- 207 Lições de beleza**
- 210 Corrida de pai pra filho, corrida de filho pra pai**
- 212 Ritual de família**
- 214 Dino 1 × Sarcopenia 0**
- 216 Envelhecer se aprende**
- 218 Saudades**
- 220 A vida nova**



COM A PALAVRA

A trajetória do Sistema CNC-Sesc-Senac reflete a própria história do Brasil. Além da nossa infraestrutura integrada de norte a sul do país, o verdadeiro valor desta atuação está no impacto direto gerado na vida de milhões de cidadãos. Esta publicação consolida os resultados e as trajetórias que validam nosso compromisso contínuo com as pessoas.

José Roberto Tadros

PRESIDENTE DO SISTEMA CNC-SESC-SENAC

Alguns estudos (nem totalmente comprovados, diga-se de passagem) sugerem que uma pessoa adulta sorri em média de 15 a 20 vezes por dia. Os mais bem-humorados chegariam a 30 vezes por dia. Não sei se vamos conseguir comprovar isso um dia. Mas de uma coisa eu tenho certeza: se depender do Sesc, vamos sorrir muito mais. O Sesc é o lugar do sorriso, do bem-estar e da qualidade de vida. Nossa instituição existe para isso. Para proporcionar educação, saúde, cultura, lazer e assistência aos trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo. Por isso, em nossos 80 anos, queremos que você conheça histórias de pessoas que, de uma forma ou de outra, encontraram o bem no Sesc. Espero que você possa sorrir e se emocionar com elas neste lindo livro.

José Carlos Cirilo

DIRETOR-GERAL DO DEPARTAMENTO NACIONAL DO SESC

O Sesc chega aos 80 anos com uma história que atravessa o caminho de milhões de brasileiros. O olhar visionário dos empresários do comércio deu início a esta instituição. O trabalho de gerações deu vida a cada projeto. A condução estratégica do presidente Tadros faz o Sesc celebrar 80 anos de forma pujante, potente e plena. O Sistema Comércio conta com o Sesc para o desenvolvimento social de nosso país.

Elienai Câmara

CHEFE DO GABINETE DA PRESIDÊNCIA E COORDENADOR
DE COMUNICAÇÃO DO SISTEMA CNC-SESC-SENAC

São muitas e lindas histórias de vidas transformadas pelos Sesc nesses 80 anos. Nossa ideia foi reunir algumas para você ver a vida acontecendo com o Sesc. Nada disso seria possível sem o apoio generoso dos nossos colegas das áreas de Comunicação do Sesc espalhados por todo o Brasil. Eles colheram esses belos momentos. Nosso muito obrigado. Boa leitura!

André Valle

ASSESSOR DE COMUNICAÇÃO DO
DEPARTAMENTO NACIONAL DO SESC



HÁ 80 ANOS, SOMOS FEITOS DE HISTÓRIAS

NOTA DA EDITORA

Uma vez ouvi Milton Nascimento dizer que entre uma pessoa e uma paisagem, ele olha primeiro para a pessoa. A vida é sobre essa capacidade de doação que a gente tem, não necessariamente sobre ser amado. É sobre amar. Olhar para a pessoa antes da paisagem é o que dá sentido ao detalhe. A paisagem pode ser deslumbrante, mas é o movimento da gente que muda a vida.

Escrever sobre o cotidiano exige exatamente esse desvio de olhar: ignorar por um segundo o cenário grandioso para se encantar com o riso frouxo de um reencontro, se perceber num dia comum ou simplesmente olhar para quem está ao lado. Há 80 anos, o Sesc escolhe fazer exatamente isso. Olhar para a pessoa.

Celebrar oito décadas, para a gente, é contar histórias. Somos feitos delas. As páginas que seguem são um mapa desse afeto acumulado. Cada crônica deste livro é um fragmento miúdo de uma vida, que, no papel, cresce quando vira chão compartilhado.

A obra nasce de um movimento coletivo: convidamos nossos representantes do Sesc em todos os estados do Brasil e em nossos Polos de Referência para partilharem memórias de quem frequenta nossas unidades. A partir desses relatos, Elisama Santos e Leonardo Piana dão vida às crônicas, enquanto Emerson Rocha traz a arte que traduz nossa identidade. Para abrir este caminho, contamos com a presença inspiradora e emocionante de Socorro Acioli na autoria do prefácio.

O caminho pode ser bonito, sabe? Enquanto houver gente, nós continuamos aqui. Com fé no encantamento do cotidiano, olhamos sempre primeiro para a pessoa.

Camilla Savoia

COORDENADORA EDITORIAL DO
DEPARTAMENTO NACIONAL DO SESC



S DE SER

PREFÁCIO

Quando li as crônicas de Elisama Santos e Leonardo Piana sobre as vidas entrelaçadas pelos mundos do Sesc no Brasil inteiro, deu vontade de contar para eles e para vocês, leitores, a minha história.

Nasci e cresci em Fortaleza, no Ceará. Tínhamos poucas livrarias. Todos os livros da minha casa cabiam em uma única prateleira. Capa de couro marrom com dourado, a imponente Enciclopédia Barsa era a única leitura acessível para mim. E eu bem que tentei. Li o que pude, aprendi o que alcançava, mas faltava sonho e fantasia.

Minha vizinha do apartamento 102 um dia me convidou para passear com seus filhos. O programa era a Feira do Livro da Biblioteca do Sesc, onde ela trabalhava. Quando via as bolsas que ela usava, ou qualquer outro material, gostava de ver a inicial do meu nome. S de Sesc, de sorriso, de ser, de sentir, de salvar, de semear. Minhas coleções de palavras no processo de alfabetização foram assim, com a primeira letra que aprendi a escrever. Enfim, fui conhecer o Sesc, que já contava com minha simpatia prévia. Duplo S em uma palavra só.

Pois lá estava a primeira biblioteca da minha vida. Lembro com nitidez das estantes de ferro que deixavam as capas

dos livros um pouco inclinadas, expostas e eu perplexa: existe mesmo esse monte de livros para crianças?

Passei a ir a todos os eventos, à biblioteca sempre que podia. Em uma dessas visitas, tive uma revelação que nunca contei a ninguém, porque nem sequer lembrava. Ocorreu-me agora, que estou pensando tanto no que o Sesc fez por mim. Eu me perguntava muito qual era o sentido de viver, de sofrer, de mudar de cidade, de passar por tantas coisas, pensando na minha família, em mim, no momento difícil que estávamos vivendo.

Os livros me distraíram naquele dia com histórias de várias pessoas, no Brasil, ou longe daqui, os contos de fada, narrações contemporâneas. Foi quando pensei: a vida vale a pena porque, depois de tudo, vira livro. Talvez eu tivesse uns sete anos de idade. Dali resolvi escrever a minha primeira história: a do pipoqueiro João. Era a história de um vendedor ambulante que foi expulso da frente da minha escola, um senhor idoso que andava muitas horas a pé sob o Sol forte para trabalhar. Gostava muito dele e senti demais quando ele sumiu.

Depois de ser flagrada pela minha professora fazendo redação para os meus colegas em troca de chocolates, tive uma conversa com o diretor da escola e ele me incentivou a publicar um livro com o caso do pipoqueiro desaparecido, raptado por bruxas, na minha versão imaginada.

Quando o livro foi publicado, em uma tiragem simples, edição modesta, com meus desenhos, a primeira palestra que proferi como escritora foi no Sesc. Justamente na Feira do Livro Infantil. Uma feira sem vendas, só com empréstimos, leituras em voz alta. Tenho uma foto desse dia, no belíssimo Parque das Crianças de Fortaleza.

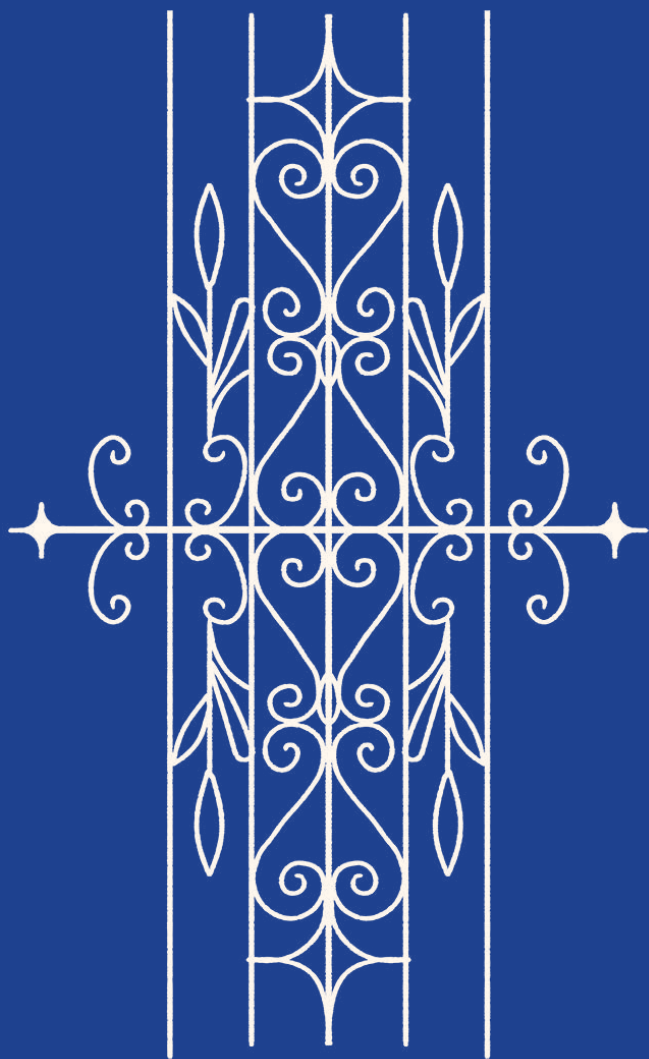
O sentido da vida, de verdade, eu não sei. O da minha vida, sim, é este: viver com livros, para os livros. E tudo foi catalisado pela experiência que tive no Sesc. Ler essa coletânea me fez dar as mãos a todas essas pessoas que contaram suas vidas aqui. Zirlene, Elisângela, Cristal, Guilherme, Rita, Jessica, dona Neusa, Laura, todos vocês: somos da mesma família humana. Nos deixamos tocar e transformar pelas experiências coletivas, pela arte, pelo outro, pelos desafios.

O tempo passou e virei mesmo escritora. Continuo indo ao Sesc, às unidades de todo o Brasil. Sou recebida com o carinho e a atenção competente de equipes que estão ali para receber da melhor maneira. Acolher é a palavra mais certa. Quando vejo os auditórios lotados para me ouvir, lembro da menina tímida que fui. Lembro das maravilhas que os livros da biblioteca me mostraram. A fantasia, o sonho, a capacidade de deixar que as palavras me levassem.

As crônicas de Elisama e de Leonardo são tão bonitas, tão humanas, que comovem tanto quando nos reacendem a esperança de que a beleza da vida sempre pode ser resgatada nos processos coletivos. Na arte, no esporte, na convivência, na conversa, na escuta.

Estou emocionada por este livro existir. E orgulhosa por poder contar aqui a minha história. A Socorrinha, como me chamavam, descobriu o amor pelos livros na biblioteca do Sesc. A Socorro de hoje, a cada vez que volta a um Sesc, refaz o compromisso de devolver ao mundo a esperança e a alegria que aprendeu com os livros e com as pessoas. Creio que a essa altura já tenho quase certeza de que o sentido da vida é fazer alguém feliz, um pouco a cada dia. O Sesc existe para isso. Muito obrigada.

Socorro Acioli
ESCRITORA



PORTÃO
ANTES DE ENTRAR

Nesta casa, ninguém
esquece de onde veio

“Leva tempo fazer cada peça, transformar a argila em outra coisa. Algo útil, bonito, vivo. Ela ainda não sabia disso. Até começar.”

VOVÓ DANÇARINA

ELISAMA SANTOS



O Sol ardia a pele e Zirlene sentia o suor escorrer pelo corpo. Salvador é uma cidade quente, e ela sabia disso desde criança, mas, caramba, aquele era um dia insuportável. Talvez fosse a quentura de dentro que se juntava com a de fora e fazia o corpo parecer em chamas. A vida não podia seguir daquele jeito; quando saiu de casa batendo a porta e querendo sumir no mundo, tinha suas razões. Cuidar de filho, marido, mãe, cachorro e papagaio já era difícil demais de dar conta, mas ter que aturar a ingratidão de quem deveria ajudar e agradecer já era muito! Pois que tirassem as roupas do varal, dobrassem e guardassem as peças, além de acabar de preparar o almoço. Quem ali daria conta de entregar um feijão gostoso como o dela?

Caminhava meio sem rumo quando encontrou uma velha amiga na porta do Sesc.

— Tá perdida no Aquidabã, mulher?

— Ih, vou fazer hidroginástica agora! Vem assistir! A gente bate papo depois! Vai que você se empolga e vira da minha turma que nem quando a gente era menina?

Lembrar da meninice era bom. Saudade do tempo que ria com as amigas, brincava na rua e não se preocupava com o jantar de ninguém. Aceitou ficar, pelo menos sairia daquele calor.

De longe, escutava gargalhadas, a música que a professora colocava, a intimidade entre as pessoas na piscina cheia. Era isso que precisava, mexer o corpo e aliviar a mente. Nem esperou a aula acabar, pediu a ficha de inscrição para a menina da recepção.

Começou com a hidroginástica, depois veio a dança. Pouco a pouco, o Sesc foi se tornando lugar de conforto e alegria. Não a entenda mal, ela ama a família, mas uma mulher precisa de mais vínculos para ser feliz. Faça chuva ou faça Sol, nas aulas dela ninguém mexe, Zirlene não falta.

Imagina o que seria da vida se não estivesse com a cabeça boa quando fez a cirurgia no quadril? Como conseguiria passar por aquela fase horrorosa sem as amigas que conquistou? E o corpo forte? O médico disse que o exame de sangue era bonito de ver: 73 anos com hemograma de menina!

Agora a neta a chamava de vovó dançarina, e ela amava o apelido.

Santo dia daquele encontro que mudou tudo.

A BELEZA DA IMPERFEIÇÃO

LEONARDO PIANA



Tem algo de poético no trabalho com as mãos. Tem algo que é só dela, a delicadeza, o contato com a terra, a criação das formas. Leva tempo fazer cada peça, transformar a argila em outra coisa. Algo útil, bonito, vivo. Ela ainda não sabia disso. Até começar.

Elisângela primeiro achou que não fosse mesmo dar em nada, como tantas coisas com as quais se ocupou. As aulas de cerâmica no Sesc eram também isso: uma ocupação da cabeça, um modo de fuga da própria realidade.

Entrou na sala de cerâmica como fazia sempre, todas as quartas-feiras, o cheiro úmido da argila invadindo suas narinas. Gabriel, o filho, vinha logo atrás, ainda pequeno para a idade, mas muito atento a tudo. A infância tem mesmo desse deslumbramento, tinha 12 anos e olhava mais do que falava. Escolheu um lugar perto da janela, a luz batendo direto na bancada.

Naquele dia, a proposta era simples: cada participante deveria moldar um objeto de uso cotidiano, nada artístico demais, nada complexo, algo funcional, apenas. Elisângela pensou em fazer um prato, Gabriel disse que queria tentar uma caneca.

No começo, ele se atrapalhou. A argila cedia mais do que esperava, o corpo da peça entortava, a borda afinava demais. Frustrado, o menino largou o barro na mesa, cruzou os braços. Elisângela o observou em silêncio por alguns segundos, enquanto ela mesma dava conta da massa disforme entre as mãos. Puxou outra porção de argila e colocou diante do filho.

— A argila não gosta de pressa, Gabriel.

Sentou-se ao lado dele e começou a demonstrar, muito lentamente, como centralizar o barro, como manter as mãos firmes, sem apertar demais. Gabriel tentou copiar a mãe. Errava, corrigia, errava de novo, até a peça desmoronar nas suas mãos.

— Posso tentar mais uma vez?

— Quantas quiser.

Na terceira tentativa, a caneca começou a tomar forma. Não era perfeita, nisto a cerâmica é um reflexo da beleza humana: na imperfeição. Mas a caneca se mantinha em pé. O menino sorriu de canto, a mãe o observava sem interferir. O filho já não precisava que ela guiasse suas mãos.

Quando o tempo da aula acabou, Gabriel colocou a caneca na prateleira, com cuidado. Escreveu o nome num papelzinho e colou na base.

— Quando ficar pronta, posso usar em casa?

— Claro — disse a mãe. — Vai ser sua primeira.

Anos depois, aquela caneca ainda está no armário da cozinha, lascada na borda, mas intacta. Para Elisângela, hoje instrutora de cerâmica, o objeto é uma lembrança imperfeita do dia em que percebeu que o menino estava aprendendo mais do que cerâmica. Na prateleira de baixo, uma coleção de objetos construídos com tempo, persistência, carinho. Objetos que também são laço entre mãe e filho.

ESTREIAS

ELISAMA SANTOS



O estranhamento do sapato só era menor que o orgulho que sentia. Se algum desavisado o observasse, não entenderia o olhar contemplativo que Yuri lançava para os próprios pés. Era a primeira vez que os calçava, não somente aqueles sapatos, mas sapatos em geral. No calor pernambucano, sapatos servem apenas para compromissos sérios. Será que agora a vida passaria a ser mais séria? Amava andar descalço e sentir a grama, a cosquinha gostosa que ela faz. E acabara de descobrir que amava sapatos também.

Para vender algodão-doce na calçada do Sesc, ele usava chinelos, os mesmos que serviam de trave no jogo de futebol com os amigos. Sonhava em ser menor aprendiz naquele prédio enorme, ter um trabalho que, inclusive, lhe permitisse investir nas vendas do algodão-doce. Finalmente, o dia chegou! O primeiro dia em que trabalharia em um lugar com ar-condicionado, usando sapatos.

De onde veio, sonhar não é algo comum. Quem vive cheio de idealizações na cabeça não sabe o que é a vida de gente que precisa todo dia garantir o sustento de amanhã. Um dia após o outro, um dia por vez. Sonhar pede antecipação demais, uma abstração estranha a quem está preso na dureza do que é concreto.

Yuri é dado aos sonhos. Tem em si uma capacidade especial de pensar no amanhã, no depois de amanhã, na vida. E sonhou com o dia em que usaria aquele crachá. Ainda não sabe, mas o Sesc lhe trará muitas estreias. Ficará íntimo de palavras que nunca fizeram parte do seu vocabulário: almo-xarifado, recursos humanos, *meeting*, prazos. Aprenderá tanto todos os dias que, quando a oportunidade para realização de outro grande sonho chegar, estará pronto. Usará o coturno e o uniforme das forças armadas brasileiras. Quando o período no Sesc estiver chegando ao fim, o menor aprendiz se tornará um militar, como tanto acalentou em suas fantasias infantis.

Outras estreias virão: a primeira viagem, o primeiro dia da escola de um filho, a primeira promoção. Mas essa primeira vez, a dos sapatos, inaugurou uma fase que jamais sairá de sua memória. Havia muito o que caminhar pela vida. Que bom!

CORPO-TERRITÓRIO

LEONARDO PIANA



Eu saía de Sepetiba ainda escuro. Pegava ônibus, trem, mais ônibus, uma sensação de que a cidade ia ficando mais bonita à medida que me afastava de casa. Naquele dia, eu quase não fui. Tinha dado uma oficina de manhã em Santa Cruz e resolvido pepino de aluno à tarde. Em casa, larguei a mochila no chão, na cabeça uma ideia fixa: não aguentava mais. Pensei em faltar, uma ausência só não faria diferença. Mas, para quem mora aqui, faltar era abrir mão de algo valioso demais.

No caminho, o Flamengo perdeu feio, vi pelo celular, espremido no ônibus, fiquei de mau humor. Torcer cansa, mas também ensina a insistir, mesmo quando não faz sentido, mesmo quando o jogo já parece perdido.

Desci em Jacarepaguá cheio de filosofias.

Na Escola Sesc de Artes Dramáticas, um dia de apresentação de cenas curtas, cada aluno tinha cinco minutos para colocar algo em pé. Eu estava nervoso, é claro. Não nervoso pela cena em si, mas pelo que ela representava para mim.

A ideia vinha do território, de um exercício que eu fazia com meus alunos na Zona Oeste, um jogo simples, tosco, quase, baseado em improviso e escuta. Nada muito *acadêmico*, quero dizer. Fiquei pensando se era algo bobo demais para um espaço tão grande.

Quando apresentei, todo mundo em silêncio. Um professor coçou o queixo, outro anotou qualquer coisa. E eu ali, parado, esperando um veredito que parecia não vir nunca.

Um veredito final. Definitivo. Até que uma colega comentou que nunca tinha pensado o corpo daquele jeito. Outra falou que se sentiu deslocada, “no bom sentido”. O professor mais velho disse que ainda não estava pronto. “E que bom”, ele disse, brilhantemente.

A gente nunca esquece o momento quando algo importante está acontecendo.

Sepetiba fica longe, uma distância em excesso. Excesso de prática, de tentativa e erro, algo que, pensei, eu precisaria esconder. Mas essa distância também era eu.

Na volta para casa, tarde da noite, comi um salgado frio na rodoviária. O ônibus demorou, como sempre. Pensei nos meus alunos esperando aula na semana seguinte, como sempre. Pensei na oficina da Ser Cidadão, nas perguntas que eu ainda não sabia responder. Pensei também nos colegas da escola, quase todos morando mais perto, falando de teatro como se a oportunidade sempre estivesse a um passo de distância, e não a três horas, como eu levava.

Nessa noite, decidi gravar um vídeo. Não foi bonito. Sentado na cama, a luz terrível, aquela fala sem roteiro. Disse que a escola existia, que dava pra fazer, que ajudaria quem precisasse. Apertei em “publicar” sem pensar muito. No dia seguinte, acordei com o celular inundado de mensagens: gente perguntando se era verdade, se eu achava mesmo que eles conseguiam, se tinha idade limite, se precisava saber cantar.

Respondi uma por uma e, sem perceber, criei um compromisso que não tinha como abandonar: assim surgia o GAP Z.O — Grupo de Apoio e Preparatório da Zona Oeste. E virou rotina: aos sábados, gente chegando cansada, tímida, desconfiada, eu reconhecia aquele olhar.

Quando saíram os primeiros resultados, chorei sozinho no quarto. A distância havia diminuído um pouco, não desaparecido (ela nunca desaparece, é claro), mas agora tinham mais corpos atravessando o caminho.

Hoje, ainda gasto três horas para chegar. À noite, o salgado da rodoviária continua frio. Mas, quando entro na sala e vejo gente do meu território, entendo que algo está mudando de lugar.

AH, OS OITENTA...



ELISAMA SANTOS

Quando o prédio do Sesc Poço começou a ser construído, causou alvoroço na rua. Eu era criança, não fazia ideia do que significava. Falavam que teria uma piscina! Ah, eu amava piscina, passei muitas noites imaginando a água azulzinha! O pai da minha melhor amiga trabalhou na obra, todo dia tinha uma história para contar. A gente fazia contagem regressiva para saber quando iria inaugurar. De lá para cá, foram tantos anos. Mais de setenta! Não, setenta não, quase oitenta! O tempo passa tão rápido e, à medida que a gente envelhece, vai perdendo o jeito de fazer contas. Lembro que comecei a sentir a passagem do tempo quando usava dez anos para descrever o passado. Acabei de usar oitenta!

Eu vi aquele edifício crescer, encher de gente, jovem, idoso, grande, pequeno. Nem imaginava que um dia iria trabalhar lá. A vida é realmente muito surpreendente, não é? A moça que me contratou disse que eu seria da equipe de serviços gerais de um lugar grande e bem movimentado, só depois que soube que era o Sesc da minha rua. Vi construir e depois cuidei de cada cantinho ali. Não deixava faltar uma toalhinha sequer em lugar nenhum! No meu turno, ficava

tudo um brinco. Sempre fui muito caprichosa, filha da minha mãe tinha que ser! Tão caprichosa que, quando surgiu uma vaga de cozinheira no próprio Sesc, eu fui escolhida. Agora, na minha carteira, tinha a assinatura deles!

Fiz cada comida gostosa naquele lugar! Modéstia à parte, meu tempero é uma maravilha. O cheirinho de alho e cebola refogando perfumava a área inteira, quem tinha sala perto da cozinha sofria. O segredo é paciência. Não me assustava fazer comida para tanta gente, porque eu fazia com calma, com carinho. Nunca salguei demais nenhum prato. Nem uma reclamaçãozinha sequer, até um ovo que preparo fica bom. Fui muito feliz naquela cozinha.

Chegou a hora de me aposentar e eu não enjoei dali. Continuo indo quase todo dia da semana. Faço aula de folclore, faço parte do coral... Acredita que pratico até karatê? Volta e meia alguém me diz: “Jaete, você tem 86 anos, precisa ficar mais quieta, mulher!” Agora me diga, vou ficar quieta pra quê? Se parar, eu morro! Vou lá, faço meus exercícios, e às vezes ainda dou uma passada no restaurante. A equipe que está lá é boa! Aprenderam minhas receitas direitinho.

O CORAÇÃO VEM À TONA

LEONARDO PIANA



Pensei que não estivesse procurando nada quando ouvi falar do LabMais numa conversa banal, dessas de corredor. Mas a verdade é que eu estava, sim.

Alguém mencionou o laboratório de audiovisual para jovens, e aquilo parecia grande demais para mim. Gostava de arte, sempre gostei, mas observava aquele mundo como se olhasse pelo buraco da fechadura de uma porta cuja chave eu não tinha. Mesmo assim, me inscrevi.

No primeiro dia, fiquei no fundo da sala. Não conhecia ninguém. Tinha a sensação de que todo mundo ali sabia exatamente o que estava fazendo — todo mundo menos eu, é claro. Eu, o menino que veio de fora. Enquanto discutiam roteiro e cena, eu mal conseguia encarar alguém que perguntasse meu nome.

Na segunda semana, pensei em desistir, seria mais fácil voltar para o meu canto, onde ninguém esperava nada de mim. Mas tinha algo diferente ali. As pessoas não exigiam que eu fosse para fora. Que para tudo eu tivesse a resposta e que ela viesse na hora. Perguntavam o que eu pensava e esperavam, mesmo, que eu respondesse. Era meu tempo, afinal de contas.

Quando surgiu a ideia de um videoclipe, “Sobreviver”, eu não imaginei que fosse atravessar tudo aquilo. O roteiro falava de um menino órfão que crescia com a voz da mãe como uma lembrança constante, uma ausência dessas que não vão embora, que só mudam de forma. A leitura foi como se alguém tocasse numa parte muito íntima, que eu mantinha protegida — um coração, por exemplo.

Numa das cenas, o personagem ouvia, sozinho, uma mensagem antiga da mãe. A sala estava quase escura, a equipe em silêncio, o áudio começou a tocar no retorno. Era ficção, eu sabia disso. Era um exercício, afinal de contas, um ensaio — era um laboratório, não era? Mesmo assim, algo rompeu em mim. A arte tem dessas coisas.

O choro veio falho, destrambelhado, a respiração perdida. Tentei continuar no controle, mas o corpo decidiu por sua conta a interrupção. “Corta”, foi o sinal do diretor, mas pedi que não. “Me deixa terminar?” Entendi de súbito que não estava só interpretando, estava permitindo que uma parte minha — um coração, vejam! — viesse à tona sem desculpa.

Quando a cena acabou, as pessoas me observavam. O respeito às vezes é quieto. Depois da gravação, me sentei no chão do estúdio e fiquei olhando para o branco da parede por alguns minutos. Eu tinha passado anos tentando sobreviver a certas coisas em silêncio, achando que falar delas me diminuiria, e de repente estava descobrindo que dar forma a elas me organizava.

“Sobreviver” — este foi meu primeiro trabalho como ator. E o que permaneceu foi um espaço possível de ser ocupado sem licença. A certeza de que minha história, enfim, valia a pena.

DIAS COMUNS

LEONARDO PIANA



Sempre pensei no Sesc mais como uma extensão de casa, só que com mais gente e menos bagunça. Entrei nos anos 2000 para fazer musculação. Queria cuidar do corpo, aliviar a tensão do trabalho. Achava que seria só isto: treino, banho, volta para casa.

A vida foi acontecendo no meio dos aparelhos — entre halteres e cadeiras reclináveis. Cristal e Guilherme ainda eram pequenos quando começaram na educação infantil. Eu os deixava na sala e ficava alguns minutos parada no corredor, ouvindo o barulho das outras crianças. Eles estavam crescendo fora do meu alcance, e aquilo doía e tranquilizava ao mesmo tempo.

Os anos correram. Cristal virou uma adolescente cheia de questionamentos. Quando decidiu tentar jornalismo, foi o SOS Vestibular que organizou o caos da nossa casa. Apostilas espalhadas pela mesa, simulados no fim de semana, muito café (que eu até tentava regular, mas não adiantava). No dia do resultado, ela saiu da sala com os olhos marejados e disse apenas “Rolou”. Eu abracei minha filha no meio do pátio como se ela ainda tivesse 5 anos.

Guilherme era outra história: caratê, capoeira, futsal. Voltava da colônia de férias suado e rouco, feliz. Isso três anos

seguidos. Eu lavava os uniformes com a sensação de que estava lavando também a infância dele, que não voltaria igual.

Eles estavam crescendo, e eu crescia com eles.

Houve um dia em que tentamos, pela segunda vez, o Internato para Cristal. Eu já a imaginava com a camisa vermelha, estudando no Rio, uma moça independente, segura de si. Ela passou na prova escrita. Fomos confiantes para a entrevista, nos sentamos numa sala muito clara. Mas não foi dessa vez, disseram.

Na volta para casa, ficamos em silêncio dentro do carro. Eu me sentia culpada por ter desejado tanto aquilo, como se tivesse empurrado minha filha para um sonho que era mais meu do que dela. E foi Cristal quem quebrou o silêncio:

— Eu ainda posso ser quem eu quero, né?

Eu olhei para ela e entendi que aquele “não”, recebido horas antes, não tinha quebrado nada essencial.

No dia seguinte, fui treinar. Coloquei mais peso do que o habitual na barra. Enquanto respirava fundo entre uma série e outra, olhei ao redor: aquele lugar já tinha assistido às nossas vitórias e nossas recusas.

Depois disso, passei a notar outras coisas. O Dia do Desafio que organizava o calendário da família, as feirinhas de Natal, a biblioteca onde eu me escondia para ler enquanto esperava os meninos, o dentista que acompanhou o crescimento deles, o Sesc Mesa Brasil, que me despertou a vontade de ajudar ativamente.

Nem tudo é extraordinário, evidente. A maioria das memórias é feita de dias comuns. E essa é a beleza. Hoje, quando entro com a minha Credencial Sesc na mão, sinto que estou voltando para um lugar que guardou pedaços da minha história, uns mais felizes que outros, como são mesmo as histórias verdadeiras.

MEU VELHO

LEONARDO PIANA



Bolsa leve, apenas uma toalha dobrada. O corpo ainda estava um pouco duro, demorando a acordar. Seu relógio interior era hábil. Rita chegava, cumprimentava quem estivesse por perto, ia para a hidroginástica, depois para o pilates. Tinha começado a ir por causa da dor, suas articulações reclamavam e as dimensões do corpo pareciam diferentes do que ela se lembrava.

Indicaram exercício e ela foi, sem saber direito se daria conta. Pois deu. Naquela sexta, depois que as atividades terminaram, Rita resolveu não ir embora de imediato. Sentou-se perto do espaço onde o pessoal costumava se reunir à noite. Havia música ao vivo, mesas ocupadas, gente conversando. Reconheceu alguns rostos do grupo da manhã. Eles acenaram para ela, e Rita acenou de volta.

O cantor era um homem de voz robusta, puxava um repertório conhecido. Em certo momento, alguém comentou sobre músicas antigas, dessas que todo mundo sabe um trecho, pelo menos. Foi quando alguém da mesa dela disse, meio alto:

— Ela canta — e apontou para Rita.

Ela negou com a mão, rápido. Imagine só! Fazia tempo que não cantava para ninguém, nem lembrava direito quando havia sido a última vez. Talvez em Mossoró, sozinha, o rádio ligado, enquanto o tempo passava muito devagar. Naquela época, a biblioteca tinha sido companhia — livros levados para casa e devolvidos depressa, eles a ajudavam a organizar os dias.

— Canta, sim! — insistiram. Ela riu, meio sem jeito. Não era verdade, ou pelo menos, não inteiramente. O cantor ouviu a conversa e se aproximou dela:

— Quer tentar?

Rita quase disse não. Imagine!

Mas, de súbito, lhe veio à mente uma memória do pai — por que será? *Seu velho* dizendo “Imagine só, minha filha!”, então Rita aceitou.

Subiu devagar, segurando o microfone com cuidado. O cantor perguntou qual música. Ela respondeu baixo: “Meu velho”, de Altemar Dutra.

Ele sorriu para ela, começou a tocar.

É um bom tipo, o meu velho/Que anda só e carregando/Sua tristeza infinita/De tanto seguir andando. Nos primeiros versos, a insegurança na voz, não por falta de memória — a letra estava intacta em sua mente. Mas porque cantar aquilo era fuçar num canto que ela costumava manter quieto. Aos poucos, a voz foi se firmando.

Quem estava por perto diminuiu o volume das conversas. Rita não olhava para ninguém. Cantava olhando para um ponto qualquer à frente, como se atravessasse o tempo. Quando terminou, ela devolveu o microfone ao cantor.

— Obrigada. — Sentou-se de novo na mesa. Ninguém fez comentário imediato. Uma amiga encostou a mão no braço dela, apertou de leve. Ficaram assim por alguns segundos, e ela respirou fundo.

Na manhã seguinte, a mesma bolsa, a toalha dobrada. O corpo ainda rígido no começo do dia. Cumprimentou as pessoas, entrou na água, seguiu os exercícios. Nada parecia diferente. Durante o alongamento, alguém comentou:

— Você canta bonito.

O que tinha acontecido na noite anterior não era para ser repetido, Rita imaginou, nem transformado em história. Era um ponto no meio de muitos anos. Quando saiu, ela ajeitou a bolsa no ombro e pensou nos versos da noite anterior: *Eu vivo os dias de hoje/Em ti o passado lembra.* O Sol já estava alto.

TEMPO DE ESPERA

LEONARDO PIANA



Um dia abafado de 2020, ou pelo menos parecia abafado detrás da máscara que apertava o rosto de Paloma. A pandemia tinha empurrado as pessoas para dentro de casa, para dentro de si mesmas. Ela tinha 11 anos, era seu primeiro dia no Sesc Cidadão, sentou-se no fundo da sala e esperou. Era boa nisso, em esperar. (Apenas uma época terrível faz as crianças boas na espera.)

A equipe precisava de ajuda para montar um cenário simples. Papelão, tinta, pano reaproveitado. Faltava alguém para cortar estrelas de cartolina:

— Quer tentar, Paloma? — uma professora perguntou.

A menina fez que sim com a cabeça. Cortou devagar, para não errar, concentrada. Mesmo assim errou, as estrelas saíram de pernas tortas, ela ficou chateada. Mas a professora agradeceu do mesmo jeito. Quando terminaram, Paloma ficou ali, em pé, esperando outra tarefa, algo em que pudesse se superar. Não veio. Mesmo assim, não voltou para o fundo da sala.

Aos poucos, a menina passou a chegar antes do horário, foi se acostumando com a máscara, até que o acessório (item obrigatório) deixou de representar todo aquele horror. Descobriu a sala de artes plásticas, os instrumentos, o espaço vazio

onde se ensaiava teatro. O violino apareceu por acaso, esquecido num canto depois de uma oficina, esplêndido. Ela pediu para segurar:

— Posso?

Aprendeu a apoiar o instrumento no ombro, a testar o arco, a ouvir o som áspero virando linha. *Uma das maravilhas deste mundo*, pensou.

Paloma não era de falar muito, mas escutava tudo. E quando precisava dizer algo, dizia ajudando a pintar, costurando figurino, ajustando um pano que caía errado. Foi assim que os anos correram, tecidos por mudanças, aprendizados e falhas — anos que deixaram a pandemia para trás, levando com ela as máscaras e aquela sensação de uma espera infinita. A infância ficava no passado, chegava a adolescência.

Em 2024, então, no ensaio geral do musical, faltou a protagonista, a menina tinha ficado doente, não poderia mais participar. A substituição parecia impossível, estavam a poucos dias da apresentação. Paloma estava no palco, ajustando um cenário, quando alguém perguntou se ela sabia a marcação. Sabia, é claro. E sabia também a letra. E a entrada de luz. E o tempo da música.

A voz saiu firme o suficiente, imperfeita e verdadeira. Mas algo invisível tinha crescido ali, dentro dela. E Paloma sabia que continuaria crescendo, se ela quisesse. Se deixasse que crescesse. Ela deixaria.

A MAIOR DAS CELEBRAÇÕES

LEONARDO PIANA



Jessica Caroline acordou antes do despertador. Ainda deitada, repassou mentalmente o que havia na cozinha: meio pacote de arroz, café quase no fim, nada de leite. As crianças — *as suas crianças* — dormiam espalhadas pela casa pequena, cada uma ocupando um pedaço possível. Levantou-se devagar, sem fazer barulho para não acordá-las, e foi até a pia. Lavou o rosto na água gelada e ficou ali alguns segundos, olhando o próprio reflexo no espelho. Prometeu a si mesma: fazer o que fosse preciso.

A pandemia tinha ficado para trás no calendário, mas Jessica se lembrava bem — *meu Deus, como esquecer?* — das semanas em que o telefone não tocava com ofertas de trabalho, das portas fechadas, da geladeira vazia no meio da tarde. Lembrava-se, sobretudo, do medo. O medo de não conseguir sustentar uma normalidade mínima, ou uma simples ideia de normalidade, perante os filhos: escola, comida, uma brincadeira qualquer que distraísse a cabecinha infantil deles do caos que o mundo tinha virado do lado de fora.

Jessica não queria deixar que o caos invadisse a casa.

Naquela época, o Instituto Embalando Sonhos não fechou. Mudou o jeito, o ritmo, mas continuou ali e, com ele, o Sesc Mesa Brasil. Para ela, aquilo significava caixas pesadas de alimento, sacolas cheias, dias em que dava para respirar, mesmo num período em que a respiração parecia cheia de riscos.

As crianças acordaram uma de cada vez, anjos que fazem escala para não tomar muito espaço. Mariah pediu ajuda para calçar o tênis, que teimava em não entrar. João reclamou do uniforme, a barra pingada de achocolatado. Emanuele saiu sem falar muito, como se fosse grande demais, adulta antes da hora, para demonstrar necessidade de qualquer coisa.

No caminho até o Instituto, o Sol já forte, a samambaia seguia seu movimento de todos os dias. Jessica cumprimentou outras mães, trocou duas ou três palavras. Havia entre elas um tipo de cumplicidade conhecida quando se olhavam. Sabiam o que significava chegar ali.

No pátio, as crianças se espalharam: umas correram direto para as atividades, outras ficaram perto das mães. Sentada num banco de cimento, Jessica esperou. O barulho do caminhão chegando fez as cabeças se virarem para a rua quase ao mesmo tempo.

A distribuição começou e Jessica entrou na fila com calma, segurando a sacola que tinha trazido de casa. Quando chegou sua vez, recebeu os alimentos pensando em cada um dos filhos e no que mais gostavam de comer: frutas (Emanuele), arroz e feijão (João), iogurte (Mariah). Agradeceu com um aceno, as crianças brincando, o dia forte. A menor segurava firme a barra da blusa da mãe, cantando: “iogurte! iogurte!”.

Uma celebração ao iogurte — o que de mais importante havia para se celebrar, afinal de contas?

Mais tarde, enquanto esperava as crianças terminarem as atividades, Jessica conversou com uma orientadora: orientações simples, caminhos possíveis, a sensação de não estar à mercê. Aquilo também fazia parte.

Quando voltou para casa, guardou tudo com cuidado na geladeira antiga, no armário, fez cálculos. À noite, enquanto preparava o jantar, Jessica não pensou em como esticar o im-

possível, nem para quem pedir ajuda no dia seguinte, se precisasse. Apenas cozinhou. Sob os pés, um chão firme o bastante para que seus filhos dormissem tranquilos e acordassem no dia seguinte com cheiro de café da manhã à mesa — o melhor cheiro de todos, celebrando cada um dos alimentos.

“Iogurte! iogurte!”, Jessica imaginou Mariah cantando outra vez. E, de colher de pau na mão, mexendo o feijão no fogo, Jessica sorriu diante da maior de todas as celebrações.



ENTRADA
COMEÇANDO A SE ACHEGAR

A beleza da natureza é ter
tempo para ganhar vida

“O destino era a Ilha de Itaparica. Para Maria, aquele não era só mais um passeio, como talvez fosse para muitos ali. Viajar sozinha nunca tinha lhe parecido uma possibilidade real.”

AS ESPERANÇAS DO VERÃO

LEONARDO PIANA



Tinha 30 anos quando fui a Tramandaí. Era verão. Não era a primeira vez que via o mar, mas era a primeira vez, sim, que ele parecia possível. Cheguei como sempre chego: na cadeira de rodas, esperando que alguém dissesse onde eu podia ou não podia ficar, porque as pessoas têm disso, dessas determinações a nosso respeito. Mas não disseram.

A faixa de areia era longuíssima, irregular, e permaneci onde estava, observando. O roteiro conhecido: as pessoas iam até a beira, molhavam os pés e voltavam contando da temperatura da água como se fosse novidade. Eu escutava e fazia piadas.

Foi em Tramandaí que vi a cadeira anfíbia parada perto do posto dos salva-vidas, e por isso aquele verão foi diferente. Ela era grande, as rodas largas, não era bonita, não tinha sido feita para ser, nitidamente — mas era prática.

Um rapaz do Sesc, com cara de professor de educação física, perguntou se eu queria entrar no mar. A pergunta me desmontou mais do que qualquer obstáculo, e eu já não era mais desmontado com facilidade. Àquela época, já tinha aprendido a medir minhas possibilidades antes de aceitar convites por aí. Pensei na areia fofa, na água puxando e que talvez desse errado. A temperatura da água — a quantos graus estava? Pensei por fim que, se dissesse não, ele não insistiria.

— Sim.

A travessia do que para mim parecia antes um campo minado até a água foi estranha. A cadeira afundava na areia menos do que eu imaginava e, quando a primeira onda tocou meus pés, meu corpo reagiu antes da cabeça: estava gelada, subiu devagar, bateu nos joelhos, na cintura. Segurei nos apoios com força.

— Está tudo bem? — o rapaz do Sesc perguntou.

O mar balançava, a cadeira firme, uma pergunta sem resposta. Era verão. Pela primeira vez em muito tempo, não era eu tentando me adaptar ao chão. Era o chão que se movia para mim.

A próxima onda veio maior, molhou meu peito e eu ri, não que fosse engraçado, mas era graça, mesmo, o que tomava conta de mim, aos poucos. Minha irmã estava na beira, chorando. Meu pai fingia que era só vento nos olhos.

Em algum momento parei de segurar tão forte. Deixei que o mar me levasse consigo, dentro do limite seguro, e que o rapaz com cara de professor permitisse também. A água empurrava e voltava, empurrava e voltava, sem pena, sem o excesso de cuidado.

— Quer ficar mais? — perguntou ele.

— Quero.

Quando saí, a areia parecia outra, o verão era um assombro, cheio de esperanças, os guarda-sóis e os sorrisos, tudo tinha mudado de repente. Meu corpo continuava o mesmo, no entanto. E a cadeira era a mesma, os obstáculos não tinham evaporado com a maré. Mas algo tinha se transformado para sempre dentro de mim e diante dos meus olhos.

Naquela noite, teve música perto do calçadão. Um grupo tocava e as pessoas dançavam sem muita coreografia. Minha mãe perguntou se eu queria ir embora.

— Não — eu disse, e fiquei ali, mexendo os ombros, a cabeça, o ritmo marcado do meu jeito possível.

Voltei ao mar nos dias seguintes e nos anos que vieram. O problema nunca foi a água, o mar, mas a margem em que tantas vezes tinham me colocado.

Hoje, quando a roda larga da cadeira anfíbia começa a deslizar pela areia, eu já sei o que vem, como uma onda. Sei das esperanças que o verão traz.

DONA DA ALEGRIA

ELISAMA SANTOS



— *Essa é a dona Neusa, você precisa conhecê-la. É a alegria em pessoa! Está no nosso grupo de dança há mais de vinte anos e brilhou em vários teatros aqui de Curitiba, até o Guaíra, acredita?*

Neusa se aproxima sorrindo. Faz rapidamente uma conta mental e percebe que frequenta o Sesc Água Verde há 27 anos. O tempo passou tão rápido, quase não dá para acreditar. Na primeira vez que cruzou aquela porta, o mundo estava opaco. Não lembra exatamente por que o fez ou quem a convidou, guarda em si apenas a sensação de que precisaria ir mais vezes.

Quando o médico lhe falou sobre a depressão, ela duvidou do diagnóstico. Mulheres como ela não tinham essas frescuras. Eram fortes, resilientes. Ela tinha um marido, uma família, filhos lindos e saudáveis, por que estaria depressiva? Só estava cansada. Muito cansada. A sonolência que lhe invadia era sinal de exaustão, a falta de apetite devia ser por conta da gastrite, e a apatia era apenas uma fase que logo passaria.

Mas não passava, e a tal da depressão começou a fazer mais sentido, mas ela tinha vergonha disso, não era ingrata, tinha uma vida boa, tinha de ser feliz. O corpo parecia pesar toneladas,

e a comida tinha um gosto estranho. Ela tentava voltar a ser a Neusa de sempre, mas não encontrava o caminho. A Neusa de sempre estava perdida em algum lugar bem fundo dentro dela, tão fundo que seus braços cansados não alcançavam.

Foi nessa fase que foi à primeira seresta. Sentou quieta, em silêncio, certa de que ficaria por apenas alguns minutos e logo voltaria para o calor dos seus lençóis, mas a música entrou pelos ouvidos, pelos poros, tomou conta do corpo, jogou a dor para o lado e roubou para si toda a atenção. Os braços ficaram leves e as pernas já não pareciam desconectadas do corpo. Cada pedacinho seu se mexeu em harmonia com a batida e, de olhos fechados, se entregou.

No dia seguinte, voltou ao Sesc. Queria se matricular na dança, queria mais seresta, queria sentir a vida percorrendo suas veias novamente. E foi assim que iniciou a dança circular, a oficina de memória e o coral. Foi assim que o corpo voltou a ser seu, e a alegria deixou de ser uma visita rara e se tornou uma morada tão presente que virou sua marca.

Estendeu a mão para a mulher a quem estava sendo apresentada. Tinha orgulho do sorriso que agora naturalmente brotava em seus lábios.

— Oi, muito prazer! Vamos dançar?

MÃOS ACOSTUMADAS AO AÇÚCAR

LEONARDO PIANA



As mãos já eram acostumadas ao açúcar, quando entrei no Sesc Avenida. Me sentei ao lado de outras mulheres para aprender sobre bolos confeitados. Como se já não soubesse... Eu trabalhava na área, já conhecia, sim, a textura da manteiga no ponto certo, o cheiro do forno — anúncio de que era hora de abrir a porta.

Na primeira aula, alisei um bolo com a espátula. A cobertura denunciava minhas pressas. A instrutora se aproximou e, sem tocar em mim, disse:

— Menos força, querida. Escute a massa.

Escutar a massa... Eu nunca tinha pensado que massa também fala.

Numa tarde, ao terminar um bolo coberto de flores de açúcar, percebi que estava aprendendo a ter a paciência necessária. Com os ingredientes, comigo mesma. Eu tinha aprendido que cada camada de bolo escondia um medo antigo. Cada recheio muito bem distribuído, modéstia à parte, era uma forma de dizer: eu posso, sim, permanecer.

O curso acabou, mas algo em mim tinha acabado de ser inaugurado. Como é bom revelar as partes até então submersas do nosso coração: eu era confeitadeira, e amava ser.

Um tempo depois, recebi do Sesc um convite para voltar. Já não como aluna, mas como instrutora. Lembro-me de segurar o telefone e sentir o mesmo frio na barriga da primeira aula... Ensinar? Eu era capaz?

Aceitei, é claro, antes que o medo tivesse tempo de crescer, como uma massa que vai ao forno quente.

Na primeira turma que conduzi, vi nos olhos das alunas a mesma mistura de urgência e sonho que um dia eu mesma carreguei. Mulheres que precisavam transformar farinha em dinheiro, silêncio em algo a dizer. Quando coloquei a espátula na mão de uma delas, repeti, quase sem perceber:

— Menos força, mais escuta.

Era um ciclo, e eu acabava de recomeçá-lo.

Nada disso, no entanto, é tão forte quanto a memória daquelas tardes na cozinha do Sesc. Cheguei querendo aprimorar técnica de confeitaria e saí aprendendo a me colocar em pé. Era também eu que precisava ser desenformada, ganhar vida, me reinventar. Hoje, quando uma aluna minha acerta o ponto do *chantilly* e sorri como se tivesse descoberto um segredo antigo, reconheço o instante preciso em que tudo muda: o primeiro ingrediente, a garfada que alcança todas as camadas em equilíbrio, tudo a um centímetro de distância.

O QUE PASSOU, PASSOU

ELISAMA SANTOS



Berrava de dor, gritos altos e agudos. Gritava, gritava, gritava e ninguém escutava. Por que ninguém o ajudava? O que estava acontecendo que todos ignoravam seu sofrimento assim sem qualquer pudor? A dor aumentava e fazia sentir cada vértebra, como se brigassem por espaço, espremendo uma à outra com furor. Tentava levantar e as pernas não respondiam, permaneciam inertes, desacordadas. Sacudia, beliscava. Aos tapas, pedia uma reação, qualquer uma. Nada. Só agonia crescente, que agora se difundia entre os pulmões, rins e todas as outras vísceras cujos nomes esquecera. Garrafas de uísque vazias estavam espalhadas pela casa, mas ele já não lembrava se as havia consumido ou se tinha sido consumido por elas, se bebera hoje ou ontem. Dor, dúvida e vergonha se misturavam, formando um bolo indigesto na garganta. Queria correr daquela sala solitária, do constrangedor cheiro de álcool, do vômito seco na camisa. Ao longe, uma voz distante o chamava. “Rodolfo? Rodolfo?”

Abriu as pálpebras assustadas, o pijama ensopado grudado ao corpo, batidas frenéticas no peito. Um pesadelo, foi somente um pesadelo.

— Vida, tá tudo bem?

A voz dela continuava tão doce quanto quando a escutou pela primeira vez. Doce e firme, como poucas. Foi na aula de hidroginástica, aquela que iniciou tentando fugir de uma cirurgia na coluna, que a conheceu. Ela estava de maiô vinho combinando com a touca. Não imaginou que o Sesc mudaria a sua vida para sempre. Tanto se fala dos benefícios do exercício físico para o corpo, tanto se repete sobre diabetes, colesterol, triglicerídeos... Para ele foi muito maior que isso. Talvez o pesadelo tenha assustado por ser real demais. Ele se lembra da dor que irradiava pelas costas, da sensação de pressão em cada parte da coluna, do medo de morrer na mesa de cirurgia ou de fugir dela e morrer também. Difícil esquecer o desejo por um copo de uísque, conhaque ou qualquer outra bebida forte o suficiente para competir com o medo, com a dor, com a angústia. Era no copo com gelo que diluía as palavras que não dizia, a falta de companhia, a frustração por envelhecer assim. Não se via como alcoolista. Era apenas um alívio que podia parar a qualquer momento, não era óbvio?

Certa vez escutou que o maior antídoto para o vício era a conexão com a vida e, a cada dia, tinha mais certeza da verdade dessa afirmação. Agora, conectado com o corpo, com a namorada, com os amigos das atividades 60+ do Sesc, as doses diárias ficaram em outra vida. Escapou da cirurgia, nem o remédio para dor é mais necessário. Trocou o bar pela piscina, que mudança espetacular.

— Tô bem sim, amor. Foi só um sonho ruim. Passou... Ainda bem que passou.



Quando Laura desceu do ônibus em Campo Grande naquele fim de tarde, as padarias estavam fechando, havia gente voltando do trabalho, o barulho conhecido da avenida. O Polo Educacional Sesc havia ficado para trás. Mais cedo, ela tinha passado o dia inteiro na visita com o pessoal do GAP Z.O — Grupo de Apoio e Preparatório da Zona Oeste. Tinha conhecido as salas espaçosas, o palco, a biblioteca, tinha visto os alunos atravessando os corredores com naturalidade, sorrindo para ela. Durante a visita, tinha anotado informações, feito perguntas e rido também, afinal, estava entre amigos. Por algumas horas, tinha sentido que podia.

Em casa, sentada na cama, a sensação mudou. No quarto pequeno — a parede descascando perto da janela, o uniforme pendurado na porta para o trabalho do dia seguinte — pegou o celular e abriu as fotos que tinha tirado no Polo. Rolando o dedo pela galeria, ela se deu conta, de súbito, de que aquelas imagens pareciam pertencer a outra pessoa.

Pensou em desistir, mesmo antes de tentar o ingresso. A ideia de atravessar a cidade todos os dias, de acordar às seis para trabalhar e seguir direto para as aulas, de voltar depois da

meia-noite, isso a apavorava. A prova era o menor dos problemas. O que havia era um custo invisível, alto demais, de ocupar um espaço que, durante anos, tinha parecido muito distante, e de fato era, ao menos geograficamente.

No grupo do preparatório, as mensagens começaram a chegar:

“E aí, o que achou?”

“Eu fiquei nervosa.”

“Imagina a gente estudando lá.”

“Acho que não é pra mim...”, Laura digitou.

“Se não fosse pra você, eles não tinham nem aberto a porta, amiga.”

Ela ficou olhando para a tela do celular, lembrando-se dos domingos no preparatório, dos alunos da Escola Sesc de Artes Dramáticas que atravessavam a cidade para orientar quem ainda nem sabia se seria aprovado, do primeiro exercício de improviso, quando sua voz tremeu, e mesmo trêmula era ainda uma voz: a dela. Na semana seguinte, fez a inscrição.

O dia da prova foi seco. Texto, cena, banca avaliadora, essas coisas. Laura saiu sem saber se tinha ido bem, voltou para o trabalho como se nada estivesse em jogo. Quando o resultado saiu, leu o próprio nome duas vezes para ter certeza, a palavra ao lado do nome: *aprovada*.

Os dois anos seguintes foram feitos de cansaço real, de acordar cedo, trabalhar, atravessar a cidade até o Polo, ensaiar, estudar teoria e voltar tarde. Às vezes, cochilava em pé no ônibus. Outras, ficava acordada, quase em êxtase, conversando com os colegas que também moravam longe. Riam das cenas que tinham dado errado, discutiam textos, dividiam sanduíches. A distância física continuava a mesma, mas o percurso tinha deixado de ser tão solitário.

O acontecimento que mais marcou Laura não foi a aprovação nem a formatura. Foi uma apresentação no fim do primeiro ano. Era uma cena difícil, ela precisava sustentar um silêncio longo diante do público. Antes de entrar, pensou no quarto em Campo Grande, na noite em que quase desistiu, que, vista de longe, parecia uma bobagem.

Nos bastidores, uma professora comentou que ela estava mais segura, e Laura percebeu que a distância que a assustava no começo não era só uma distância entre dois polos opostos de uma cidade, mas a distância entre quem ela achava que podia ser e quem, aos poucos, estava se tornando.

No último dia de aula, ao sair do Polo já de noite, encontrou os colegas no ponto de ônibus, sentaram-se juntos. Dessa vez, Laura não olhou para a cidade como se a atravessasse, mas como quem era atravessada por ela. Em Campo Grande, olhou para todas as suas coisas, acumuladas dentro do quarto. Lá fora, o céu à noite era o mesmo, iluminado pelas luzes da cidade. Nesse dia, adormeceu com um sorriso desenhado no rosto.



VÁRIOS SABERES

ELISAMA SANTOS

Fiz o caminho de casa até aqui muitas vezes. Minha filha era pequena, e a biblioteca me possibilitava estudar e entretê-la ao mesmo tempo. Mas a verdade é que, quando me mudei para Palmas, esse prédio do Sesc estava em construção. Talvez um anjo tenha soprado no meu ouvido que era aqui perto que compraria minha casa, porque, sinceramente, sem o Sesc não sei como faria para concluir minha tese de doutorado.

Faço questão de tirar vocês, alunos de pedagogia da Universidade Federal do Tocantins, de dentro dos muros da universidade e trazer para cá, porque aqui podemos ter contato com a vida que vai além dos livros e do papel. Cada estudante e família que cruzar o caminho de vocês é maior que as notas, os apontamentos, os diagnósticos, os rótulos e os aprendizados que os livros trazem.

A primeira vez que eu trouxe uma turma foi para que conversassem com os alunos da Educação de Jovens Adultos do Sesc. Queria que escutassem as dificuldades, as histórias, as vitórias. Que soubessem que cada nome na caderneta é uma vida. E foi bonito demais de ver. Mais bonito ainda foi perceber o efeito que o Sesc teve em cada estudante.

Eu costumo frequentar esse espaço. Venho para o cinema, assisto a espetáculos de teatro, faço atividade física. Minha filha cresceu chamando muita gente aqui de tio e de tia, e não tenho palavras para dizer o quanto isso enriqueceu a minha vida e a dela. E foi quando trouxe a primeira turma aqui que vi que uma parte considerável dos meus alunos nunca havia entrado em uma sala de cinema ou assistido a uma peça de teatro.

Muitos sonhavam em participar de eventos culturais e acreditavam verdadeiramente que não seria possível em suas realidades. Foi ao perceber isso que notei que incentivar esses encontros nos ajuda a crescer como pessoas e como profissionais, porque uma coisa não está dissociada da outra.

“A missão de vocês hoje é abrir os olhos, ouvidos e coração para o saber que vai além da cadeira da universidade. Conversem com as pessoas, tanto colaboradores quanto frequentadores, e percebam como o aprender nos acompanha ao longo da vida, independentemente de estarmos sentados escutando um professor.”

“Na semana que vem, vão se dividir em grupos, discutir as principais reflexões e organizar uma apresentação para o restante da turma.”

“Importante: não façam apenas para tirar uma boa nota na minha disciplina. A professora Dilsilene aqui vai passar pela vida de vocês, mas o que absorverem aqui fica.

Bons encontros, turma!”



OS PEQUENOS MOVIMENTOS

LEONARDO PIANA

Água rasa, impacto seco, silêncio interno. Foi um gesto rápido, impensado, quase banal: um mergulho que ela levaria anos para entender. O corpo pode virar uma terra estranha de um dia para o outro.

“Lesão nas vértebras”, “ausência de movimentos”, “tetraplegia”. O vocabulário médico empilhava-se sobre ela enquanto seu corpo permanecia imóvel, compelido a não participar daquela conversa.

Tetraplegia, a palavra ecoando enorme, longínqua, dentro dela.

No primeiro ano, quase não houve progresso, nenhum sinal mínimo que a animasse. A fisioterapia era correta, insistente, mas parecia acontecer em outro plano, distante, muito distante dela. A sensação era de que os dias passavam por cima do seu corpo, sem atravessá-lo. As mãos ainda estavam ali, pousadas sobre o colo, mas já não pareciam suas. Queria recuperá-las do modo possível.

No primeiro dia na academia do Sesc, Cristina reparou nos detalhes: o som das anilhas, o cheiro de ferro e limpeza, os espe-

lhós grandes e o cuidado dos professores Darliel e Sander. Eles não perguntaram o que ela tinha perdido, não perguntariam. Estavam mais interessados naquilo que poderia ser recuperado.

Os treinos foram feitos de ajustes minuciosos, movimentos pensados mais para acordar o corpo do que para fortalecê-lo. Às vezes, Cristina saía com a impressão de que nada tinha acontecido, mas voltava no dia seguinte, no outro e no próximo. Um mês virou um ano, que virou oito, até agora.

Cristina estava deitada no banco, presa aos suportes, concentrada na respiração. O exercício era simples.

— Tente contrair a mão direita — disse Sander.

— Não consigo — respondeu ela.

— Só tente, vai.

Ela tentou como sempre: com a cabeça, não com o corpo. Até que sentiu algo mínimo, um tremor quase desrespeitoso de tão pequeno, devia ser engano. Tentou de novo. O indicador se moveu num deslocamento curtíssimo e imperfeito: real.

Cristina temeu que qualquer reação pudesse apagar aquilo. Darliel percebeu primeiro, mas não comemorou. Apenas confirmou:

— Você sentiu, né?

Ela assentiu com a cabeça. Tinha sentido.

Depois daquele dia, o treino se tornou uma negociação diária com os próprios limites. Às vezes chove e Cristina pensa em desistir. Às vezes se irrita com os professores, recusa-se a fazer o exercício e, logo em seguida, dá risada.

Outros movimentos vieram aos poucos, lentos, trabalhosos. O corpo era uma terra a ser explorada, de novo e de novo, tinha deixado de lhe parecer estranho.

Hoje, aos 31 anos, Cristina está empenhada nessa exploração. O acidente segue existindo, inscrito no corpo, mas já não define tudo. Os pequenos movimentos — aqueles novos, reaprendidos, ou os antigos, como um sorriso — são a anunciação de dias melhores.



MINHA VEZ DE SER FELIZ

ELISAMA SANTOS

A vida não foi fácil para mim, minha filha, não vou negar. Você está aqui me pedindo pra contar um pouco da minha história para esse seu livro, mas se prepara que, olha, tem é choro nesse meu caminho. Sou uma pessoa positiva, não sou de ficar me lamentando, não, mas passei por cada uma.

Perdi meu marido para o câncer faz um tempo. Não sei se você já acompanhou alguém com essa doença, a bichinha maltrata. Ele sofreu e eu ali do lado, porque não sou mulher de arredar o pé quando a coisa aperta, não. Um pouco depois foi a minha cunhada. Era uma moça tão doce, tão gentil, tão amorosa. Às vezes a vida não é justa, porque aquela era um anjo que merecia viver muito.

Depois de duas quedas dessas, de enterrar meu marido e a minha cunhada, sabe o que aconteceu? Comecei a ficar doente. Uma fraqueza, dificuldade de respirar, não gosto nem de lembrar. Fui para o médico direitinho, como manda o figurino, fiz todos os exames que ele pediu e, segundo ele, estava com tuberculose. Comecei o tratamento, mas, em vez de melhorar, só piorava.

As dores aumentando, o corpo cada vez pior. Mudei de médico e você não vai acreditar, eu estava me intoxicando com os remédios de tuberculose, tinha recebido o diagnóstico errado. Na verdade, era câncer. Olha, fiquei triste por demais. Achei que dessa vez ia morrer, que ia encontrar com o falecido. Fiz o tratamento e melhorei da doença, mas fiquei com uma tristeza, abatida, sabe? Parecia que nada dava certo para mim, um sofrimento atrás do outro. Eu sou uma pessoa boa, minha filha, merecia mais!

Um belo dia, encontrei a Rute, uma amiga de longa data. Se você quiser, depois te falo mais dela, tenho cada história que você nem imagina. Pois bem, a Rute, toda bonita e feliz, dizendo que ia para Belo Horizonte com o Sesc. Eu pensei: “Quem é Sesc, pelo amor de Deus?” Ela me explicou e fiquei tão curiosa que no outro dia já estava lá.

Fui atendida por uma mocinha educada, atenciosa. Olha, me empolguei na hora e me inscrevi em todas as oficinas que ela me ofereceu. TODAS. Macramê, tecnologia, tudinho. E foi a melhor coisa, até grupo no zap eu tenho com as meninas para sair depois do coral. Vou para o Sesc todo santo dia. Sou outra pessoa! Até minha médica perguntou: “Solange, o que está acontecendo que anda tão risonha, tô gostando de ver!”, minha filha logo respondeu: “É o Sesc, doutora, só vive animada assim.” Pois só vivo animada mesmo, finalmente! Tenho 67 anos, menina, quero é ser feliz. Não vou te negar, não, tem dia que o medo de morrer volta, sabe? Mas aí eu lembro que tem Sesc no dia seguinte e passa!



QUADRILHA

LEONARDO PIANA

Aos 95 anos, a memória de dona Deodora falha nos detalhes, mas dá conta do que realmente importa. Esquece, por exemplo, onde foram parar os óculos; confunde, às vezes, o dia da semana. Mas os caminhos até os lugares permanecem intactos. O corpo segue devagar, é verdade, mas os pés parecem saber sozinhos quando é dia de ensaio.

Naquela tarde, dona Deodora chegou ao Sesc mais cedo que de costume. A quadrilha se apresentaria na semana seguinte e, como nos últimos anos, ela interpretaria Santo Antônio. O figurino já estava separado em casa, reservado como um tesouro: a batina simples, bem passada, o cordão, o pequeno livro sem palavras, cenográfico. O texto não era longo. De todo modo, havia algo que a inquietava desde a noite anterior.

Sentou-se numa cadeira de plástico, observando os outros chegarem, cumprimentando um a um com a intimidade construída ao longo das últimas décadas. Alguns ali a conheciam desde jovens. Outros, mais novos, tratavam-na com cuidado exagerado. Dona Deodora não gostava disso, mas também não brigava. Sabia que o tempo muda a forma como os outros olham, tinha tido tempo suficiente para aprender isso.

O ensaio começou, a música entrou um pouco mais alta que o normal, a coreografia seguiu seu curso humano e, portanto, imperfeito. Quando chegou o momento de Santo Antônio entrar em cena, dona Deodora levantou-se. O joelho direito reclamou, nada grave, mas o suficiente para fazê-la hesitar por um segundo. Pensou em se sentar de novo: será que devo? Deixar que alguém me substitua? Será esta a minha última quadrilha?

Mas então se lembrou da primeira vez em que tinha vestido uma fantasia feita de papel e tecido reaproveitado, nos anos 70, ali mesmo. Lembrou-se das viagens, das danças folclóricas, do coral afinando vozes em salas improvisadas. Deu um passo, depois outro, entrando no espaço marcado, segurando o livro com firmeza, os gestos que conhecia de cor. Os braços subiram menos, os passos foram mais curtos, mas estavam ali, prontos para a atuação.

Eram os braços de uma velha, eram os braços dela, antes de tudo. E serviam.

Quando a música terminou, acenou discretamente para os colegas e sentou-se novamente.

— Está tudo bem? — perguntou alguém.

— Está, sim — respondeu. — Só preciso descansar um pouco.

Enquanto esperava a hora de ir embora, ouviu o coral ensaiando na sala ao lado. Reconheceu a música antes mesmo da primeira frase, fechou os olhos por um instante. Teve a certeza de que, se no dia seguinte houvesse ensaio novamente, ela estaria ali. Como sempre esteve. E sorriu de novo. Para a vida, primeiro. Então para o mundo. Por fim, para si mesma.



NÃO É TARDE PARA VIAJAR

LEONARDO PIANA

Maria Francinez sempre escolhia o assento da janela. Gostava de saber por onde estava passando, reconhecer placas, rios, nomes de cidades que, até então, só existiam no mapa. Naquela manhã, o ônibus do Sesc seguia pela estrada vazia. Ela ajeitou a bolsa verde no colo.

O destino era a Ilha de Itaparica. Para Maria, aquele não era só mais um passeio, como talvez fosse para muitos ali. Viajar sozinha nunca tinha lhe parecido uma possibilidade real. A ideia de adoecer longe de casa, de precisar de ajuda — e, meu Deus, não saber a quem recorrer! —, de errar um horário ou um remédio... Tudo isso pesava mais do que a curiosidade. Ainda assim, estava ali, com o crachá preso à blusa que ela mesma tinha costurado. No bagageiro, uma mala pequena que ela mesma tinha fechado, com as coisas que ela tinha escolhido levar para si.

No banco ao lado, sentou-se uma mulher que não conhecia. Cumprimentaram-se naquela educação automática. Pouco depois, passou a guia, alta e de cabelos castanhos, conferindo nomes, perguntando se todos tinham tomado café, lembrando-os do protetor solar.

Aconteceu no meio da travessia de balsa. O Sol castigava naquele dia, o vento batendo no rosto, ou melhor, a ventania. Maria decidiu se levantar para tirar uma foto. Foi um passo mal calculado, o chão levemente molhado, ela sentiu o desequilíbrio antes da queda, o susto, a bolsa verde voando...

Não chegou a cair. Duas mãos firmes a seguraram pelo braço: uma da guia, a outra da passageira ao lado.

— Calma, Dona Maria — disseram quase que ao mesmo tempo.

Ela ficou ali, parada e sem graça, mas agradecida, respirando fundo, sentindo o coração acelerar mais do que devia, e depois desacelerar. A vergonha veio depois, e o medo, aquele antigo, de perceber que já não dava para contar só consigo mesma.

— Tá tudo bem — disse ela, mais para se convencer.

Ajudaram-na a sentar, trouxeram água, ficaram por perto mais tempo do que o necessário, fazendo companhia. A mulher ao lado comentou qualquer coisa banal sobre o vento. Zilá, era o seu nome. A guia, tão bonita, seguiu falando do roteiro, como se o quase acidente não tivesse interrompido nada fundamental.

Mas, para Maria, tinha interrompido, sim.

Ela passou o resto da travessia quieta, olhando a água, repassando a cena na cabeça. Pensou em como teria sido se estivesse sozinha. Pensou nos familiares que insistiram para que ela não viajasse mais, cogitou desistir das próximas vezes. Na ilha, já no hotel, enquanto desfazia a mala, ouviu uma batida leve na porta. Era Zilá.

— Vim ver se a senhora precisava de alguma coisa.

Conversaram pouco, trocaram histórias simples. Zilá tinha sido professora de educação infantil, amada pelos alunos.

— Se eu sinto falta? É claro que sim.

Descobriram idades próximas, 65 tinha a outra, Maria estava chegando na casa dos 70.

— Parece muito mais nova — elogiou Zilá.

— Que bobagem, querida!

Até que tinham dores parecidas, os medos não ditos — aqueles que assombram as mulheres nessa etapa da vida.

À noite, jantaram juntas. Nos dias seguintes, andaram lado a lado, sem combinar.

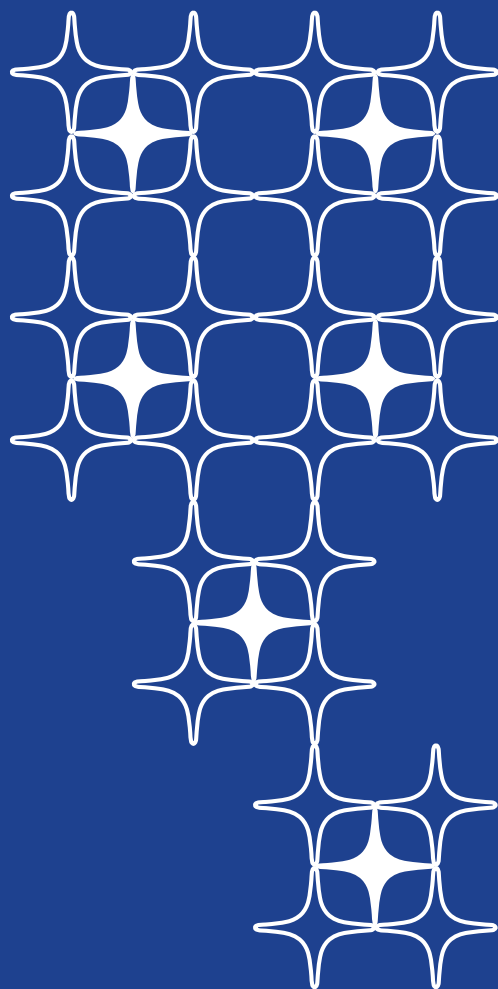
No regresso, Maria Francinez voltou a sentar na janela do ônibus. Olhou a estrada com outro tipo de atenção, Zilé ao lado dela.

— Vamos juntas, da próxima vez.

— Vamos. — Maria sorriu para ela. Trocaram números de telefone.

Através do vidro, a paisagem corria. Era muito bonita, pensou Maria Francinez. Não a paisagem, mas a possibilidade de viajar, de conquistar uma nova amiga num tempo que antes lhe parecia tarde, esta nova etapa da vida.





QUINTAL
VAI BRINCAR LÁ FORA

A alegria pode ser cotidiana

“Hoje me sinto como uma menina, com vontade de viver coisas novas. Há sempre um coelho na cartola esperando para ser descoberto por alguém disposto a levantar da arquibancada e participar do espetáculo.”

O TEMPO DA CRISÁLIDA



LEONARDO PIANA

As borboletas estavam lá, quando era menina. A mãe dizia que era presságio de boa sorte, o pai dizia que era a natureza em equilíbrio. Ela, desde menina, acredita na beleza.

Adulta, as borboletas viraram insetos, coisa de quintal. A infância tinha passado e, junto com ela, a vontade de sair correndo atrás do que voava. Quando o pessoal do Sesc Pantanal apareceu falando de ovos, de lagartas e da criação em casa, primeiro Maria Lucinda ficou desconfiada, aceitou mais pela insistência. Levou a caixa para casa sem saber direito onde estava se metendo.

Montou o viveiro num canto da varanda, longe do Sol forte. Nos primeiros dias, quase não dormiu, antes com medo de mexer demais. Depois, o medo de mexer de menos. As lagartas cresciam rápido, faziam suas exigências, folhas frescas, atenção diária. Qualquer descuido parecia grave demais para seres tão pequeninos. De vez em quando, Maria Lucinda chegava perto do viveiro, olhava e pensava, *isso aqui não é pra mim, não.*

Com o tempo, começou a reconhecer os sinais dos bichos. Aprendeu quando alimentar, quando não tocar, quando simplesmente observar. Aprendeu a espera. Passou a organizar

os dias em função daquele pequeno espaço da casa. A família estranhou no começo, mas depois se acostumou: as borboletas viraram assunto de mesa, de rotina, uma responsabilidade dividida.

A fase da crisálida sempre deixava Maria Lucinda inquieta, tudo parado demais, nenhum movimento, nenhum sinal nítido de que algo estava acontecendo. Então era preciso confiar. Quando levava as crisálidas para o Sesc, sentia um orgulho quieto, o dinheiro que recebia fazia diferença: pagava contas, comprava comida, trazia um alívio secreto, que ela não costumava admitir em voz alta.

Foi numa tarde comum, fazendo contas com papel e caneta, que a ideia apareceu: *dá pra tentar estudar*. A enfermagem sempre esteve ali, meio esquecida, coisa de outra vida, parecia. Inscreveu-se sem contar para muita gente.

Os anos seguintes foram mais complicados, certamente mais complicados que as borboletas. Estudar depois de adulta não era simples, tem dias em que a cabeça não acompanha, em que o cansaço fala mais alto.

Às vezes, Maria Lucinda se sentava perto do viveiro, olhava o ciclo acontecer de novo, de novo... Nada ali era rápido, nada pulava etapas.

O dia da formatura. Teve discurso, teve um diploma na mão, teve foto e sorriso largo, asas de borboleta. Quando chegou em casa, antes mesmo de tirar os sapatos, foi direto ao viveiro: uma crisálida estava se abrindo. Ela se sentou no chão e ficou ali, olhando. Chorou sem saber por quê. Talvez tivesse entendido, finalmente, que também tinha passado por aquilo, a espera.

O tempo da crisálida.

Às vezes, quando alguém pergunta como tudo começou, Maria Lucinda responde:

— Começou pequeno. E deu trabalho, viu?

Depois se lembra da mãe dizendo que as borboletas eram sinais de bom presságio. Lembra-se do pai, as borboletas são equilíbrio da natureza. Lembra-se de si mesma, menina, correndo atrás do que voava, perseguindo a beleza.

INTERPRETANDO A VIDA



ELISAMA SANTOS

Tínhamos menos de um mês frequentando as aulas de teatro quando vi, pela primeira vez, o Moacir chorar. Não foi exatamente choro, de verter inúmeras lágrimas. Na cena, o personagem recebia a notícia de que o único filho havia morrido. O olhar dele me marcou. Aquela intensidade emocional, aquela entrega, a sensibilidade que ele emprestou ao personagem foram lindos de ver. A gente só empresta o que tem, concorda?

Ali descobri um Moacir que eu não conhecia. Não é todo dia que vemos um homem com 70 anos se entregando desse jeito. Já vivi tempo suficiente para aprender que as máscaras que os homens colocam sobre si vão se misturando a quem são e, quando ficam velhos, já não sabem diferenciar uma coisa da outra.

A gente já se conhecia, mas as aulas de teatro no Sesc Rio de Janeiro nos juntou de outro jeito. Tudo nessa história é meio surreal, não? Um amor que começa na velhice, se fortalece em aulas de teatro e é coroado com um casamento que tem como padrinho o professor do curso e, como madrinha, a analista de Cultura da unidade.

Eu, Santana, me casei aos 72 anos. Aprendemos tantas bobagens na vida. Aprendi que algumas experiências precisam ser vividas na juventude, que, depois de velha, a gente só mantém o que já conquistou, como se existisse data de validade para achar o sorriso de alguém bonito, descobrir um novo hobby, aprender a desenhar, pintar ou interpretar. Eu acreditava realmente nisso e, quando achei que a vida já tinha me oferecido tudo o que tinha para dar, de repente me vi apaixonada pelo teatro e pelo Moacir!

Fingindo ser outras pessoas, a gente se mostra muito. É dando voz a figuras que não existem que a gente externa o que dói, grita e gargalha sem magoar ninguém. Eu saio das aulas leve, ele também. Além de que, com uma paixão em comum, não falta assunto.

Hoje me sinto como uma menina, com vontade de viver coisas novas. Há sempre um coelho na cartola esperando para ser descoberto por alguém disposto a levantar da arquibancada e participar do espetáculo. Fui espectadora por tanto tempo, não quero desperdiçar nenhuma chance de subir no palco. Se for de mãos dadas com o Moacir, melhor!

O PEIXE

LEONARDO PIANA



A menina ficou me olhando de esgueira desde manhã bem cedo, andava de um lado pro outro com o tal do papel na mão: inscrição. Eu, da minha parte, fingi que não era comigo. Quando a menina minha neta chegou perto, disse “vó”, tentou se explicar. O Sol já estava refletido na água do mar em Paraty, mas eu balancei a cabeça, na-na-ni-na-não.

Menina da minha família insistente que só a menina minha neta. “Barro, vó”, ela disse, “curso, gente, vai fazer bem pra senhora”, que no caso era eu mesma.

Eu mesma balancei a cabeça, “pare com isso, menina besta, a vó não gosta de lugar cheio, de perguntarem coisas pra mim e as palavronas demorarem pra sair da boca”. O Sol no mar: desde pequena é assim, as palavronas vêm à boca de um jeito só delas, tortas e belas, como o Sol quando atinge a água, essa é a vida da vó, menina.

Com o tempo, a gente aprende a ficar mais em casa e no mar do que rodeada de gente. A família toda aprendeu, meu marido há mais de 40 anos também, o pai e a mãe da menina minha neta, até a menina aprendia. A gente nasceu foi para o mar.

A menina não aceitou, pegou minha bolsa, colocou no meu colo, “vamos”, ela disse, e eu demorei. Levantei, sentei, levantei de novo, ela não desistia, “vamos, menina, só pra te agradar, hein?”

No caminho, pensando em voltar, inventei dores nas pernas, a idade já me alcançava. Pelo tempo, eu já tinha sido fisgada, o Sol na água tinha atravessado meus olhos vezes demais.

Mais do que eu queria, mais do que imaginava: naquela sala linda e aberta, cheia de mesas, de mulheres, muitas, como eu.

A menina ficou comigo na primeira aula, o olhar de esgueira dela, menina danada. No início, o barro na minha mão era um peixe se debatendo, o barro queria escapar, voltar à sua condição primordial de terra molhada enquanto eu lutava, com cuidado — não contra ele, é claro, mas lutava ao seu lado.

E se o barro queria ser peixe, que assim fosse, eu sabia lidar com peixe e os mistérios da maré. Foi pensando nisso, aliás, que o Sol do outro lado da janela virou um escândalo, dava pra ver o mar.

Entre minhas mãos, o barro virou peixe não foi na primeira aula, não, esta que a minha neta presenciou me olhando de rabo de olho. Foi na segunda aula de cerâmica que ele começou a tomar a forma animalesca de um animal marinho tão conhecido meu: um peixinho querido.

Depois vieram as canecas, os pratos, mas o peixe veio primeiro, que servia de bandeja. As mulheres em volta eram muitas e me disseram que tinha ficado bonito, o prato, a caneca, o peixe, principalmente ele: o peixe.

Na terceira aula, nem precisou a menina minha neta me chamar: eu já estava lá. O peixe de barro tinha ido pro forno e virado um peixe de cerâmica, não um peixinho, não: um peixe justíssimo, e o meu marido sempre diz que peixe bom a gente reconhece só de bater o olho.

Imperfeito, meu peixe era inteiro. “Está muito bonito”, foi o que me disseram, e fiquei olhando para ele por um longo tempo, enquanto o Sol dava voltas antes de me levar embora para casa — o peixe junto, o peixe virando orgulho no meu interior. A professora elogiou, meu marido também, a menina minha neta se gabou dizendo “ainda bem que eu levei a vó”. E eu pensei: “ainda bem”.

Se ano que vem tiver de novo, vou pedir que a menina faça minha inscrição, fico pensando enquanto conto minha história para a câmera. Então olho pela janela, vejo o Sol refletido no mar em Paraty e sei que estou em casa. Sorrio para a professora, antes de me levantar, de me despedir, o peixe firme entre as mãos.

ERA DANÇA QUE FALTAVA

ELISAMA SANTOS



Fazia tanto tempo que não dançava. Será que o corpo ainda conseguia se mexer com leveza? Os braços, agora mais pesados, ainda seriam capazes de criar curvas sinuosas pairando pelo ar? E os quadris? Depois de anos trabalhando sentada, de carregar criança e se espremer na roupa de trabalho, ainda conseguiam rebolar, se soltar e se entregar? Ou a tensão do dia a dia se incrustou de maneira irreparável?

Decidiu participar da aula de dança no Sesc só após a aposentadoria, e tinha medo de ser tarde demais. Quais os efeitos da idade na dança? Não queria descobrir. Já não era a jovem que dançava com firmeza e doçura por todo o salão, consciente de si, da música e de cada movimento. As marcas que o corpo atual carregava congestionariam as curvas? As dores do cansaço pesariam os membros?

A professora pôs uma música para o aquecimento e, sem que Iracy percebesse, os medos se dissiparam. O corpo conhecia o caminho do movimento, cada passo estava guardado em um lugar sagrado dentro dela, adormecido, mas vivo. Os músculos se movimentavam, as articulações encontravam a

fluidez perdida. De olhos fechados, sentiu a melodia pulsar no coração, transbordar pelos poros. Como pôde passar tantos anos sem dançar? Por que a gente permite que o prazer seja esquecido em cantos empoeirados? A gente se perde da gente mesmo e nem vê. Quando se dá conta, a rotina faz o lápis servir apenas para fazer conta, e não para desenhar; a voz para listar as obrigações, reclamar e brigar, não para cantar; o corpo para trabalhar e aguentar, e não para dançar.

Era de dança que o corpo precisava quando o sono não vinha, quando a cabeça doía, quando a pressão subia. Era de dança que ele precisava para lembrar que estava vivo, inteiro, forte, potente.

Mais que remédio, precisava de dança.

Saiu da primeira aula suada, descabelada e em êxtase.

Outras tantas vieram e, com elas, encontros, abraços, histórias, amizades, laços.

De repente, o Sesc virou uma segunda casa. Segunda não, terceira, porque a dança lhe devolveu a intimidade com a primeira e mais poderosa: seu corpo.

A VITÓRIA DE GAEL

LEONARDO PIANA



O Sol ainda não tinha esquentado o asfalto, o movimento começava aos poucos, as pessoas ajeitando o tênis, conferindo números do Circuito Sesc de Corridas no peito, chamando crianças pelo nome. Amanda empurrava a cadeira de Gael com cuidado, desviando dos cones e das mochilas jogadas no chão. O menino estava animado, olhando tudo ao redor, como se aquela barulheira fosse uma tremenda festa, montada especialmente para ele.

Quando anunciaram a largada da bateria adaptada, Amanda sentiu o corpo inteiro ficar atento, urgente. Ajustou o cinto da cadeira *julietti*, conferiu se as rodas estavam firmes e se abaixou para falar no ouvido do filho:

— Pronto?

E Gael sorriu para ela — o tipo de gesto que não precisa de tradução.

Durante o percurso, Amanda ia junto, um pouco atrás, às vezes correndo, apressando-se para não o perder de vista, para não atrapalhar o momento também. Sobretudo, para não o perder. Às vezes, a maternidade pode ser sufocante. Observava o filho sendo conduzido com segurança, passando pelos

mesmos pontos que os outros participantes. Às vezes, a torcida aplaudia mais alto. Às vezes, era só o som das rodas no chão, da respiração acelerada de quem ajudava a empurrar.

Ela tentou se controlar, mas a água brotou dos olhos: inadmissível, a água. Impossível de conter. Era um peso de tudo o que já tinha passado pela cabeça dela desde o diagnóstico, um peso de noites sem dormir, um medo constante do futuro. Ver Gael ali, participando como as outras crianças, desmontava, silenciosamente, muitas angústias.

Quando a linha de chegada apareceu, Amanda parou. Ficou atrás, quase escondida, queria guardar aquela cena inteira, os detalhes da cena: o arco inflável, o apito, as palmas, o filho cruzando a linha, com o corpo sustentado pela cadeira, o rosto iluminado. Quando Gael passou, levantaram os braços dele, anunciaram o nome, Gael, Gael!, colocaram a medalha em seu pescoço.

Amanda levou a mão à boca. Um dia lhe disseram que ele não faria, que ele não seria capaz. Gael procurou a mãe com o olhar, onde ela estava? Quando a encontrou, disse, a voz baixa e firme:

— Eu consegui, mãe.

— Conseguiu, sim.

Na volta para casa, a medalha balançava no peito de Gael a cada movimento da cadeira. Amanda dirigia em silêncio, cansada e leve. Os desafios continuariam. E continuaram. O futuro dela estava diante de si, um passo à frente, sempre. Parados num semáforo, Amanda tocou o rosto do filho, no banco do passageiro: o futuro ao seu lado. Mas aquele peso de tudo agora era só o peso do metal no peito de Gael, virava orgulho. Tinha conseguido. Tinham conseguido. Estavam juntos.

O CRESCIMENTO E AS FAIXAS

ELISAMA SANTOS



Eu sei que ele está ansioso, mesmo que me responda que está tudo bem. Desde pequeno quer se mostrar corajoso. Já falei que tudo bem sentir medo, tristeza, chorar, isso não faz de ninguém menos corajoso, pelo contrário. Está caminhando de um lado para o outro, aguardando o Sensei informar a data da mudança de faixa. O primeiro faixa-preta inteiramente formado no Sesc Mato Grosso! Impressionante, não? Sei que sou mãe, mas esse é um feito enorme.

Confesso que isso não passou pela minha cabeça quando o matriculei na aula, aos 3 anos. Só queria que ele gastasse um pouco da energia que veio em excesso. O menino não parava quieto! Estava sempre correndo, trombando nas coisas, pulando pela casa. Não sei o que seria da minha vida sem as atividades do Sesc. Natação, futsal, Baú de Histórias. Mas, cá entre nós, eu via um brilho no olho diferente com o judô. A atenção redobrada, a dedicação em cada movimento, ele sempre teve talento.

Não me esqueço da primeira competição de que o Lucas participou. Ele ficava uma lindeza com o judogi infantil, a faixa

branca amarrada na cintura, o rosto concentrado, os movimentos que misturavam firmeza e fofura, a felicidade de me ver na arquibancada. As faixas cresceram com ele, e, aos 18 anos, a faixa preta vai me lembrar de que meu menino se tornou um homem do qual tenho muito orgulho.

Digo que vai dar tudo certo, que o exame será marcado e, assim como nos outros, ele conseguirá demonstrar tudo o que aprendeu e o quanto ama o esporte, mas isso não diminui a agonia. Está mais nervoso do que para o Enem! Tarefa difícil essa de mãe, de afirmar o que não sei se realmente vai acontecer, mas prometo que vou estar com ele haja o que houver. Enquanto as palavras saem, eu rezo intimamente e peço vida e saúde para quantos campeonatos vierem e quantas vitórias e derrotas surgirem no caminho.

E o menino maior que eu, que já está na faculdade de educação física, que atravessa o caminho sem volta para a vida adulta e que sabe tanto quanto eu que as minhas promessas de permanência não possuem qualquer garantia, se aconchega no meu abraço. Ali ficamos, como já fizemos tantas vezes, confiando que o futuro nos reserva alegrias.

SONHO É UMA PALAVRA GRANDE

LEONARDO PIANA



Esta história começa de mãos dadas. A mãe tinha insistido em ficar ao lado de Emily, diante do computador antigo da sala, para ver o resultado na tela. A internet oscilava, o site travava, o cursor piscava, o mundo era todo nervosismo e ansiedade.

Emily digitou o CPF com cuidado, conferindo número por número. Tinha dormido pouco na noite anterior, talvez fosse por isso. Talvez fosse porque não quisesse errar nada naquele momento. Ela refazia mentalmente a estrutura do texto escrito, entregue junto à prova, a introdução bem-feita, os argumentos, a proposta, tentando adivinhar onde poderia ter perdido pontos. “Será que todas as vírgulas estavam no lugar?”

A tela demorou para carregar, a mãe foi buscar água.

— Você precisa se acalmar.

Emily não respondeu. Quando o número apareceu na tela, ela não entendeu, pensou que devia estar olhando a linha errada:

— Mil — ela leu em voz alta. Uma palavra curtíssima para dar conta de um sonho, este, prestes a se tornar realidade.

De volta da cozinha, a mãe viu os olhos arregalados da filha, Emily girou o monitor na direção dela.

Houve uma gargalhada dos momentos incrédulos, no lugar do grito que poderia ter havido, no lugar do silêncio. A nota era um caminho: três anos antes, como treineira, os 500 e poucos pontos na redação haviam sido um golpe duro, e Emily não contou para ninguém o número insuficiente para o que ela queria ser. Guardou-o como se fosse um diagnóstico, algo provisório. Naquele dia, decidiu que escrever viraria um método ou, mais que isso, uma rotina. Duas redações por semana, pelo menos, de temas variados, com uma correção rigorosa como ela era consigo mesma; a caneta vermelha passou a ser uma ferramenta, não mais uma ofensa. A caneta vermelha dizendo os erros e depois os acertos — os sorrisos.

No Colégio Sesc São José, os professores não a tratavam como a garota-prodígio, muito menos como uma promessa. Lá, ela aprendeu a ser aluna, com prazo, com argumentos consistentes, com um repertório construído com afinco, dia após dia, “você pode ir além”, “você consegue, vai conseguir”.

Durante a pandemia, ela mesma montou seu cronograma colado à parede do quarto: violino às segundas — seu lembrete íntimo de que havia outras partes de si além das provas —, simulados às quintas, revisão aos sábados. Quando o cansaço apertava, Emily reduzia o ritmo, mas não parava, não.

No dia da prova, aquela definitiva, Emily entrou na sala com uma sensação incomum: era como se já tivesse estado ali tantas e tantas vezes. O tema apareceu, a menina sentiu primeiro um vazio, um respiro breve, depois os pensamentos foram se organizando. Uma a uma, as gavetas se abriram na cabeça. Ela estruturou mentalmente os parágrafos, antes de escrever a primeira linha. Pensou nos textos que tinha lido, nas discussões em sala de aula, nas correções acumuladas, nos erros, é claro, mas também nos acertos. Na caneta vermelha.

Agora, diante do número “mil” na tela do computador, o que mais a surpreendia não era o reconhecimento, a nota, mas um tipo raro de confirmação.

Faculdade de medicina, bolsa integral, era o que Emily queria, era o que deixava, dia após dia, de ser uma hipótese para se tornar matrícula. Ela, porém, não queria que a nota a

transformasse em personagem fixa de uma história simples, muito linear. Apesar das conquistas. Apesar das felicitações, dos convites, dos abraços merecidos. “Parabéns, querida”, as pessoas diziam.

Algum tempo depois, sozinha no quarto, Emily abriu a gaveta onde guardava os cadernos antigos. Folheou uma das primeiras redações, marcada com anotações severas, algo de outra época. Foi sorrindo que reconheceu ali, enfim, uma garota mais jovem e imatura, mas não menos determinada. No guarda-roupa, encontrou também a camiseta do terceiro do São José, azul, com o nome da turma estampado. Manchetes com seu nome, o futuro grandioso diante de si — não foi nisso que pensou. O que veio de súbito à mente foi a próxima aula, o próximo livro, o próximo sonho. Então, Emily fechou o caderno, pôs celular no modo avião e se sentou à mesa para estudar.



MEMÓRIAS

ELISAMA SANTOS

Meu Deus, menino, como você tá crescendo! Faz tempo que não te vejo! Como está a sua mãe? Tá boa? Olhe, tomei um susto quando te escutei me chamando, viu? Um vozerão desse falando “seu Cipó!” como quem me conhece e eu sem nem reconhecer. Que bom que sua mãe tá bem, imagino o tanto que ela sente falta do perna de pau do seu pai, que Deus o tenha. O homem era correto, gente boa de verdade, mas jogava mal que eu nem sei falar, moço. O campeonato de futebol aqui do Sesc de Sete Lagoas de 1975 a gente só ganhou porque, modéstia à parte, eu jogava muito. Jogava não, jogo, não se engane não, não troco meus 76 anos pela juventude de ninguém. Ainda bato um bolão! Mas, olha, seu pai era um perna de pau... Só que o bichinho era bom no buraco. Ele te ensinou, não foi? Eu lembro que você tinha talento! Que molequim danado você era, hein? Olha, quando corria por esse Sesc, pra gente te achar dava trabalho. Tua mãe ficava agoniada, coitada. Você se lembra de Das Graças? Que trabalhava aqui? Aposentou já faz uns vinte anos. Ela sempre te encontrava. Tinha uma paciência com você, nossa!

Pois é, muita gente daquela época já se aposentou. Se você sente falta de alguns, imagina eu! Cinquenta anos vindo pra cá pelo menos uma vez na semana! Já aposentei foi gente, viu?

Mas me conte, como tá sua menina? Já deve tá uma moça, hein? Uai, mentira! Passou em medicina? Ô, meu Deus, seu pai ia ficar orgulhoso por demais de um negócio desse, hein? Não se esqueça de me chamar pra formatura! Quero ir! Sabe quem eu vi dia desses? O Jacó! Isso, aquele que jogava comigo e com o seu pai. Você quase casou com a filha dele, eita menina bonita! O coitado tá doente de dar pena. Eu falei com ele, não pode dar sorte pro azar, tem que fazer exercício, se cuidar pra viver muito. O que é mais difícil de quando a gente fica velho é isso, ver os amigos indo embora, saber que tem mais tempo vivido do que tem pra viver... Por isso que eu não paro. Ganhei no lancebol um dia desses, sabia?! Tô te dizendo, ainda bato um bolão.

Mas vá lá, não te empato não, vocês agora vivem correndo. Fale com sua mãe que apareço por lá qualquer dia desses pra gente tomar um cafezinho, meu irmão traz da roça um queijo que é de comer rezando. Ela vai gostar, certeza. Saúde pra sua família, bom demais te ver. Inté!



ARTISTA

LEONARDO PIANA

Na infância, era o corpo — febres, dores, consultas — que levava Liz ao Sesc. A mãe ia junto, o pai já tinha a carteirinha, e tudo parecia resolvido ali dentro. Ou parecia que se resolveria.

Mais tarde, na adolescência, Liz passou a ir ao Sesc por conta própria, quase todos os dias. Ficava mais tempo na biblioteca do que na escola. Sentava-se sempre na mesma mesa, perto da janela. Levava caderno, às vezes livro, às vezes nada, às vezes ficava e observava as pessoas, copiava trechos, inventava histórias que não mostrava para ninguém. Não pensava em carreira, em futuro — não ainda, pelo menos. Embora o teatro já habitasse o seu interior, as aulas na escola lhe davam tempo para alimentar sentimentos que nem sabia existir.

Já com mais idade, Liz entrou numa companhia. Foi onde começou a ensaiar, a errar, a repetir, a errar de novo, a errar melhor. A fazer do erro um acerto também. Apresentou algumas peças no Sesc mesmo. Pela primeira vez, viu gente assistindo a algo que ajudou a construir.

Um lugar onde dar vida às histórias.

Depois veio o cinema: o cineclube chamava-se “Fala Sério”. Exhibiam filmes em escolas públicas e na própria unidade do Sesc. Antes das sessões, Liz fazia esquetes com o grupo,

depois ficava para conversar com os alunos. Na volta para casa, sempre pensava no caminho que tinha feito até ali — e no que viria depois, inevitavelmente. Da criança levada para consulta até aquela pessoa que agora conseguia sustentar a atenção numa sala de aula.

Anos depois, quando teve um filme aprovado no “Baixada em Foco”, voltou às mesmas unidades, mas de outro lugar. Assistiu ao seu curta sendo exibido em Nova Iguaçu, Duque de Caxias e São João de Meriti. Ficou para os debates, ouviu as perguntas, respondeu a elas como pôde.

Numa dessas exposições, reconheceu a mesma inquietação na plateia — a inquietação que também sentia diante do teatro, do cinema, da arte. Gente tentando decifrar o que via, o que podia fazer com aquilo, como Liz também fazia quando tinha a oportunidade: transformar a matéria da vida em referência, construir repertório, dar corpo às histórias — as suas e as dos outros.

Hoje, entre projetos e mais projetos, novas tentativas de arte e de vida, Liz continua voltando. Nem sempre como artista em cena, nem sempre como estudante. Às vezes, volta ao Sesc só para percorrer o espaço e lembrar que foi ali que aprendeu a começar, que aprendeu a se reconhecer como artista, antes de tantas coisas em processo na vida. Tornar-se quem se é, por exemplo: uma missão eterna. Difícil. Incrível.



VAMOS ALI, EM FAMÍLIA

LEONARDO PIANA

— *Vamos ali* no sábado — convidou Aldo. Nada de mais, é claro, ele conhecia o caminho até o Sesc de cor. Darçone foi junto, sem muita expectativa. Caminhavam separados por alguns passos; Aldo cumprimentava pessoas que ela não conhecia e apontava, com entusiasmo, coisas que pareciam óbvias demais para merecer comentário. Darçone só olhava. Gostava do cinema, das feiras. Aos poucos, o sábado virou um acordo entre eles. “Vamos ali” era o mesmo que dizer “no Sesc, no sábado”.

Depois veio o nascimento de Augusto, e “vamos ali” logo entrou no dicionário dele, desde pequeno, quando os adultos acham que as crianças não entendem.

— Vamos ali — o menino dizia, crescendo.

Era um sábado quente, desses em que a piscina vira centro de gravidade. Augusto insistiu para entrar sozinho, sem o colo de Aldo — abaixado ao seu lado, tentando explicar por que não podia ir sozinho — e sem o braço de Darçone, que segurava a toalha, atenta aos riscos, como sempre, coisa de mãe.

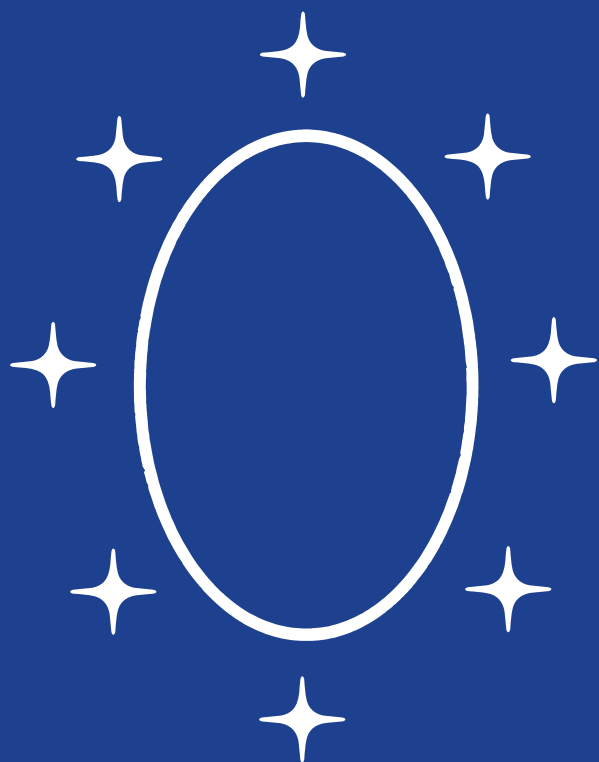
Augusto foi. Tinha convencido os pais. Afundou um pouco, voltou, engoliu água, fez que ia chorar, chorou.

Aldo deu um passo à frente, mas parou, Darçone também. Assistiram ao menino se apoiar na borda, respirar fundo e tentar de novo. Não nadou, na verdade. Só atravessou uns poucos metros até o degrau mais raso. Os pais riam da cena, porque os pais têm disso, uma preocupação quase tola.

Ao sair da água, o menino não correu para os braços deles. Ficou parado, sério, como se estivesse conferindo mentalmente algo do corpo, então sorriu. Darçone envolveu o filho na toalha; Aldo passou a mão na cabeça dele, sem dizer uma palavra.

Mais tarde, sentados na lanchonete, Augusto falava sem parar da piscina. Aldo e Darçone se olhavam por cima dos copos de suco. Tinham escolhido aquele lugar para estar juntos antes mesmo de saberem que seriam três — “vamos ali”, “vamos”, “vamos” — e agora viam o filho ocupar aquele mesmo espaço de todos os sábados, como se a ele sempre tivesse pertencido.

Nos meses que se seguiram, Augusto passou a reconhecer os caminhos, a esperar a catraca, a apontar a piscina de longe. Quando viajaram juntos para a unidade de Cacupé, o menino ficou encantado com os animais, o espaço aberto, a ideia de que aquele mundo também era seu. No retorno a Rondonópolis, no primeiro fim de semana, Augusto perguntou se iriam “ali”, e Aldo respondeu que sim, como sempre. Afinal, o significado de família era também o que estava ao redor dos três: o que os unia.



SALA
PRIMEIROS PAPOS

O horizonte agora
pertence a nós

“Se antes ele caminhava sozinho por ruas poeirentas, agora fazia parte de um organismo maior: a orquestra era uma cidade.”

AS TRÊS HORAS

ELISAMA SANTOS



Durante três horas por dia, Maria Milza esquece a casa, a família, o mundo lá fora.

Durante três horas por dia, não importam a louça suja, as toalhas sobre a cama, a poeira nos móveis, a mancha de vinho no tapete novo.

Não importa quem comeu o quê, se o marido está tomando remédio para a pressão, se o filho marcou médico para investigar a dor no estômago.

Ela não pensa se a conta da concessionária de energia elétrica foi paga, se a carne é suficiente para o almoço de domingo, se a roupa ficou na máquina de lavar ou estendida no varal.

Durante três horas por dia, Maria Milza entra na academia do Sesc Aquidauana, mexe o corpo nas aulas, deixa o suor escorrer e não se preocupa com a aparência, com a idade ou com os cabelos brancos, cinza ou pretos.

O peso que o corpo suporta é apenas o dos aparelhos, os quilos que levanta são mais leves que as responsabilidades que sobrecarregam seus ombros há muito tempo.

A música alta abafa as preocupações que, escanteadas pelo riso largo, dão algumas horas de sossego.

Durante três horas, ela é só Maria Milza, e a profissão não importa. Ela não é mulher de ninguém, nem filha de ninguém, nem mãe de ninguém, nem avó de ninguém. Ela é só ela, só presente.

Ali, o mundo está lá fora, o ar é leve e o autocuidado ganha protagonismo. Ela ganha protagonismo. Sem perceber, passa os dias pensando em tanta gente, cuidando de tantas coisas que, por vezes, guarda a sensação de que a terra precisa de suas mãos para se manter girando. Mas, durante três horas por dia, ela entra no Sesc e não pensa em ninguém além de si: a rotação e a translação não param.

Quando as três horas acabam e Maria Milza caminha de volta para casa, pensa nas várias Marias que já cruzaram o seu caminho: na Maria de Lourdes, na Maria da Conceição, na Maria Madalena, nas que não carregam Maria no nome, mas carregam na sina. As Marias que aprenderam a manter as roupas lavadas, os armários organizados, as panelas cheias e os panos de prato alvos, mas nunca aprenderam a ter algum tempo para si, que mal sabem de qual música gostam ou qual comida preferem. Pensa que já foi assim, de todo mundo exceto dela mesma. Deseja a todas pelo menos uma hora por dia para só existirem. Ela tem três, e não abre mão de sequer um segundo delas.

DANÇA NÃO TEM IDADE

LEONARDO PIANA



Josias chegou ao Sesc Santo Amaro numa terça-feira nublada, levado por duas vizinhas que falavam por ele quando ele mesmo não conseguia falar por si. A esposa tinha morrido havia só quatro meses. Desde então, Josias acordava cedo sem motivo, dormia tarde, vencido pelo cansaço. A casa tinha ficado maior. Os objetos, absurdos, inúteis para ele.

Sentou-se diante da assistente social, o corpo inclinado para a frente, e respondeu às perguntas com frases curtas. Disse que queria viajar, não soube explicar para onde. Talvez só quisesse não estar ali, nem em casa, nem em lugar algum que o lembrasse da vida anterior.

A assistente social não insistiu. Ela falou do Grupo Aconchego, encontros semanais, atividades coletivas. Ele ouviu sem interesse. Ainda assim, quando se levantou para ir embora, disse que voltaria na segunda-feira seguinte. Não queria parecer mal-educado, afinal de contas.

O grupo estava reunido numa sala ampla. Havia café numa mesa lateral e um rádio antigo tocando baixo. Ninguém o cercou de perguntas. O que fizeram foi lhe oferecer uma cadeira, só isso, e continuaram a conversa. Um senhor contou que tinha perdido a irmã, uma mulher comentou a dificuldade que tinha para dormir, Josias ouviu tudo. Pela primeira vez desde o enterro,

não era o único no mundo que tinha perdido alguém importante — alguém mais importante que ele mesmo, pensava.

Inscreevou-se no grupo quase sem perceber. Na semana seguinte, sugeriram que assistisse ao ensaio da dança, recusou com a cabeça, mas foi. Observou os passos marcados no chão, os corpos tentando acertar o ritmo.

— Vem tentar — disse uma senhora de cabelos presos num coque alto.

Ele recusou de novo. Na terceira vez que chamaram, levantou-se:

— Tá bem, tá bem.

Os primeiros movimentos foram rígidos, os joelhos reclamavam, estalando, ele ouviu, ela também. Josias sentiu vergonha, mas ninguém riu. Ajustaram o passo, repetiram a sequência e, quando a música terminou, ele estava ofegante.

Naquela noite, dormiu sem remédio.

Passou a atravessar a cidade três vezes por semana. Levava uma garrafa de água e um saco com a camisa reserva. O trajeto virou parte do processo: as pessoas subindo e descendo, a vida delas. Fazia com que se sentisse menos deslocado.

No fim do semestre, houve uma apresentação para as famílias. As vizinhas insistiram que ele convidasse os filhos. Ele resistiu, mas cedeu, estava ficando bom nisso: em ceder, um homem mais flexível. No dia, vestiu a camisa branca do grupo e ficou nos bastidores olhando para o palco. Quando a música começou, caminhou até sua posição. Procurou a plateia com os olhos e viu os dois filhos sentados na segunda fileira, atentos.

Josias executou os passos, errou um giro, corrigiu no seguinte. No meio da coreografia, parou de pensar. Ao final, seus filhos se levantaram. O mais velho foi até ele e o abraçou com força, como não fazia desde o velório.

— O senhor está diferente, pai.

Josias sorriu, não sabia explicar. Na semana seguinte, voltou ao grupo como de costume. Sentou-se, tomou café, reclamou do calor. Quando a música começou, levantou-se sem que ninguém precisasse chamá-lo. Ele ainda sentia falta da esposa todos os dias, mas essa falta não o impediria de dançar.

A TAREFA MAIS DIFÍCIL DA VIDA

ELISAMA SANTOS



A tarefa de casa hoje é escrever uma redação sobre nossa infância, agora que temos mais de 13 anos e somos adolescentes. Fiquei tentando me lembrar das coisas importantes da minha vida, do que poderia falar sem passar vergonha, das coisas que gosto muito, das que não gosto tanto assim... Que difícil isso, ficar repassando as lembranças e escolhendo sobre o que falar.

Peguei o celular da minha mãe e fui olhar as fotos para refrescar a memória. Me vi pequena dormindo no colo de vó, me deu uma saudade tão grande dela que pedi à minha mãe que a gente fosse lá para o interior no feriado, enfim comer canjiquinha com costelinha. Ah, também vi uma foto minha com aquela falsiane (me recuso a falar o nome dela) e tive que falar pra mim mesma “Julia, pare de ser besta e esqueça essa criatura!” APAGUEI A FOTO. Minha mãe guarda cada coisa que eu descredito, juro.

Nossa, me vi na formatura do ABC e chorei. Odeio ficar chorando por qualquer coisa, mas isso não é qualquer coisa, você sabe. Fiquei com pena de mim... Às vezes, me sentia tão burra, sabe? O pessoal do Criar Sesc me fala que ninguém é burro e que não devo falar isso, que não é legal, mas é a

verdade, eu me sentia muito burra mesmo! Ali começou a pior fase da minha vida inteirinha. Nada entrava na minha cabeça, o que não fazia sentido, porque até que sou inteligente, fui para a segunda fase da Olimpíada de Matemática desse ano, não teria conseguido se fosse burra como achava que era. Fui melhor que aquele menino metido da outra escola, e olha que todo mundo fala que ele é tipo um gênio.

Sorte que a pior fase, apesar de ter sido eterna, não durou muito, porque lá no Sesc me ajudaram muito e eu aprendi tudo, porque, no fim das contas, sou boa em aprender. E sou boa em esportes, ser destaque na nataç  o   para poucos, t ? Quando t  na piscina, juro, não tem pra ninguém!

Minha mãe agora t  fazendo teatro enquanto faço natação. Acho legal, n ? Ela merece fazer algumas coisas para ela, a coitada s  trabalha e cuida dos outros. Ih, já perdi o foco. Voltando para a redação, encontrei várias fotos da nossa viagem para Porto Seguro. Nossa, foi muito bom! Será que o meu pai vai me deixar ir quando a galera da escola fizer excursão pra lá? Me disseram que acontecem coisas surreais! Não quero perder, mas confesso que fico com medo t mb m. Ai, era para eu estar falando do passado e já t  aqui pensando no futuro. Por que eu sempre faço isso? Credo!

Meu Deus, encontrei uma foto com um penteado tão feio. Como a minha mãe me arrumava daquele jeito? Socorro! Ok, perdi o foco de novo.

Eu literalmente não sei sobre o que escrever, tanta coisa aconteceu na minha infância! Vou deixar para decidir l  no Sesc, no reforço escolar. Inclusive, t  atrasada. Reza por mim, essa é a redação mais difícil da minha vida, juro!

POUCOS CENTÍMETROS DE LUZ

LEONARDO PIANA



Jhemerson tinha 9 anos e os joelhos empoeirados quando atravessou aquele portão movido por uma curiosidade ingênua. A unidade do Sesc Lajeado ficava num canto quase esquecido de Campo Grande. As casas cresciam tortas, e o vento levantava sacolas como pássaros cansados, capazes de voos muito baixos.

Entregaram-lhe um instrumento, não importa qual. O que importa é que, quando soprou, bateu ou dedilhou as cordas pela primeira vez, algo diferente se moveu dentro dele. Como se alguém tivesse aberto uma janela e o som escapasse vivo.

A gente sabe quando essas coisas acontecem: esses encontros que esperavam desde o nascimento para tomar forma, como o de um menino com seu instrumento. E foi bem ali que aconteceu, no meio de uma tarde morna, o bairro respirando sua moleza. Cada nota fez um risco no céu baixo da periferia, cada acorde uma escada improvisada.

Ele voltou, é claro. Um dia após o outro, Jhemerson aprendeu a conversar com cordas, a arrancar segredos de teclas

brancas e pretas, que lhe confienciavam tudo. Um instrumento chamava o outro, uma família inteira de sons esperando por ele, dentro da sala de música. Quando percebeu, eram mais de quinze instrumentos que tocava — quinze vozes diferentes, obedientes aos seus dedos de menino, ao sopro dos seus lábios.

Entrou para a orquestra. No palco, sentou-se entre outros corpos igualmente posicionados como edifícios, o som virava ponte. Jhemerson compreendeu que música é movimento, encontros: um violino respirava junto com o clarinete, um instrumento compunha o som de outro, o silêncio era tão importante quanto o estouro dos metais. Se antes ele caminhava sozinho por ruas poeirentas, agora fazia parte de um organismo maior: a orquestra era uma cidade.

Numa tarde pediram a ele que ajudasse as crianças menores. Ele aceitou com timidez, sentou-se diante de um menino de olhar inquieto, segurando o instrumento como quem segura um animal arisco, bem apertado.

— Ele não vai escapar, não.

Quando Jhemerson guiou as pequenas mãos do menino até a primeira nota, foi como se prolongasse um gesto: a vontade do som transformava-se também na vontade de ensiná-lo, na vontade de que a música pudesse salvá-lo, de que uma única nota o deslocasse rumo a uns poucos centímetros de luz.

A ATLETA

ELISAMA SANTOS



É muito emocionante ver a linha de chegada, sabe, meu filho? Eu nem sei explicar o tanto que é bom. Um pouco antes de vê-la, a gente tem certeza de que não vai conseguir. As pernas ficam bambas, o calor aumenta, dá sede, vontade de parar, de deitar, de desistir. Continuar correndo mesmo assim é pra gente turrona, determinada. Mas mesmo a mais turrona das pessoas ainda se pergunta por que tá fazendo isso. Quer dizer, me pergunto. Podia estar em casa, deitada no sofá assistindo à novela, podia só ficar testando as receitas dos bolinhos que eu gosto, mas não, fui inventar de correr! Pra que isso?

Aí aparece aquela voz na cabeça dizendo: “Maria da Conceição, tu não é mais uma mocinha!” E não sou mesmo, ainda bem, porque, quando era mocinha, era mais besta, e eu tô ficando velha e esperta. O cansaço bate forte e às vezes penso: “É isso, chegou a corrida que eu não vou dar conta de concluir.”

Mas aprendi que o segredo é tentar só mais um pouquinho. Não fico pensando que tenho que acabar o percurso, fico pensando que posso ir um pouquinho mais. Foram os professores lá do Sesc que me ensinaram isso. Quando dizia que não ia conseguir fazer do jeito que eles falavam, tinha sempre

alguém me dizendo para fazer o melhor que conseguia. E não é que consigo um monte?

Dos meus 77 anos, trinta foram fazendo exercício direitinho lá no Sesc, você sabe como eu levo meus compromissos a sério. Mas nunca, nunca mesmo, imaginei que ia virar atleta e começar a correr! Você imaginava uma coisa dessas pra mim? Eu achava que, se você não fosse atleta na juventude, só nascendo de novo. A gente tem umas ideias bobas, né? Pois pode olhar lá na sala, mais de cinquenta medalhas. Participei de mais de cinquenta corridas, tem hora que nem acredito nisso!

Como ia contando, quando a gente acha que não vai mais dar conta, enxerga a linha de chegada lá longe. Aparece um fôlego que só Deus sabe de onde vem, e a vontade de cruzar aqueles centimetrozinhos no chão é tão grande que nasce a certeza de que a gente consegue um pouquinho mais. Quando finalmente a “chegada” fica pra trás, é tanta alegria, alívio e orgulho que o coração parece que não vai dar conta. Dá vontade de esticar essa sensação no tempo e ficar nela por horas. Ali eu sinto que sou capaz de tudo, a vida não me assusta nem um pouquinho. É por isso que eu corro. E quero correr mais umas cinquenta corridas, sem exagero... Quem sabe depois disso eu paro? Quem sabe?

AGORA É QUE COMEÇA

LEONARDO PIANA



Diogo se deu conta de que algo tinha mudado quando a sala ficou em silêncio após a última fala. E não era aquele silêncio protocolar, de ensaio, aquele depois do qual alguém logo comenta algo ou pede para repetir a cena. Era outro tipo de silêncio, mais atento, mais espesso, quase constrangido. Ele ainda estava no meio do palco, vestido de Frollo, sentindo o suor escorrer pelas costas, empapar a roupa, tentando entender se tinha ido longe demais.

Do fundo da sala, Franciane foi a primeira a bater palmas. Uma palma só, na verdade, curtíssima. Depois vieram outras. O diretor ajeitou os óculos:

— Podem parar por aí — disse.

Diogo saiu de cena sem saber se tinha feito algo muito bom ou muito errado.

No corredor, sentada no chão, descalça (como sempre ficava nos intervalos), Franciane apoiava o texto no joelho.

— Você quase derrubou a sala — disse ela, sem levantar os olhos.

— Derrubei pra qual lado? — perguntou ele.

Ela riu, então, olhando para ele, finalmente:

— Pro lado certo — disse —, mas agora vai ter que sustentar isso todo dia.

Foi ali, no estreito daquele corredor, que Diogo entendeu que não estava sozinho. Até aquele momento, o teatro fora mais uma tentativa, uma investigação às vezes muito solitária — como são mesmo as maiores investigações da vida.

Franciane, porém, tinha chegado diferente, tinha atravessado o teste de Esmeralda, aquele espaço era dela. E, de algum jeito, puxou Diogo consigo: um amigo.

Os ensaios de *O Corcunda de Notre Dame* passaram a ocupar os dias dos dois, a tomar conta do tempo, da vida. Chegavam cedo, saíam tarde, dividiam lanche e faziam reclamações e planos sem forma. Às vezes, no meio de uma cena, trocavam um olhar rápido, quase imperceptível, só para confirmar que estavam vivos. Que, por trás dos personagens, eram eles mesmos, e ninguém deveria saber, ninguém sabia.

Na estreia, o teatro cheio, figurino ajustado. Mas aquela sensação de que algo podia dar errado a qualquer momento, de onde vinha? Antes de subir ao palco, Franciane apertou o braço de Diogo com força.

— Se eu esquecer tudo — disse ela —, você me olha.

— Se eu travar — disse ele —, você canta bem alto.

A apresentação passou veloz como passam as coisas importantes. As luzes se apagaram, veio o aplauso, Diogo sentiu um vazio confuso. Nos bastidores, Franciane chorava abraçada a quem passasse, a Diogo também. Quando o público foi embora, para cuidar das suas próprias vidas — afinal, o mundo continuaria seguindo seu ritmo, apesar da peça, apesar do palco, deles, de tudo —, os dois ficaram sentados no teatro, sozinhos, com os pés pendurados, balançando para a frente e para trás.

— E agora? — perguntou ela.

— Agora a gente continua. — Diogo deu de ombros.

Depois veio o Palco Giratório, prêmios, viagens, cidades, quartos apertados e longas conversas depois das apresentações. Em cada um dos lugares onde estiveram, o Sesc surgia como uma espécie de porto. Mais tarde, é claro, o Rio de

Janeiro também entrou em cena, Franciane foi primeiro. Ligou para Diogo direto da Escola Sesc de Artes Dramáticas:

— Aqui é grande demais, mas acho que dá. Tem que dar.

Diogo desceu do ônibus, sua mochila velha às costas, um cansaço que mal cabia no corpo. Franciane o esperava do outro lado da rua, acenando como se o amigo voltasse de uma guerra.

— Bem-vindo ao caos — disse ela.

Os dias no Polo Educacional Sesc foram dias de batalha, de aulas puxadas, trabalhos, pouco dinheiro e muita saudade. Às vezes, no meio da correria, dividindo marmitas, o molho de tomate pingado na gola da camisa, paravam no pátio só para se lembrarem de onde tinham vindo.

Numa noite qualquer, depois de um dia pesado, os dois passaram horas tentando fechar um projeto que parecia não parar em pé. Diogo estava pronto para desistir. Franciane, sentada no chão da sala de ensaio, rabiscava ideias impossíveis num caderno.

— E se a gente fizer mesmo assim?

— Mesmo sem garantia de que vai dar certo? — perguntou ele.

— Mesmo com medo de que tudo dê errado — disse ela.

Ele se sentou ao lado dela, estendeu-lhe a mão. *Agora é que começa*, ele pensou, então disse:

— Vamos fazer.



AS COINCIDÊNCIAS DA VIDA

ELISAMA SANTOS

Eu sinceramente não sei se acredito em coincidências ou sorte. Não consigo colocar na conta do acaso os encontros que transformam nossa vida, que se encaixam perfeitamente em nossas necessidades ou que dão sentido ao que parecia caótico e desordenado. Algo deve mover esses encontros e cruzar os caminhos.

Minha história com o grupo Sesc de Maturidade Ativa chamo de coincidência, mas no fundo acredito em um presente divino. Sempre fui uma mulher muito ativa, ficar parada esperando a vida acontecer nunca fez sentido para mim. Trabalhei e trabalhei muito, dentro e fora de casa. Iniciei minha vida profissional em 1956 e fui professora, oficial administrativa na prefeitura, promotora de vendas e tanto mais.

Você consegue imaginar o impacto da aposentadoria em uma vida como a minha? Não que eu não quisesse ter tempo para viajar e bater papo com as amigas, só que eu precisava de mais. Gosto de rotina, de encontro com pessoas que vivem situações semelhantes à minha, gosto de escutar e conversar. Parar de trabalhar pede uma reorganização da vida que me assustou.

Certo dia, ainda vivendo o luto que os recomeços trazem, uma amiga me convidou para participar de um grupo de teatro para mulheres 60+, que acontecia no Sesc Lajeado. Enquanto aguardava o início do grupo, assisti a uma palestra para o público idoso: lançariam o projeto Maturidade Ativa na cidade!

Cada fala da palestrante ecoava em meu coração e arrancava de mim um tanto da solidão que a aposentadoria trouxe. Me senti vista, acolhida e integrei a primeira turma do programa, permanecendo nele até hoje, mais de 20 anos depois. Os encontros às terças-feiras se tornaram prioridade na minha rotina. Cada evento, palestra, viagem e encontro me fazem acreditar que a vida segue linda.

O ser humano precisa de seres humanos. O Sesc me trouxe calor, escuta, riso, sonho, parceria. Pode avisar à depressão que, na agenda de Solange Therezinha, ela não vai mais encontrar nenhuma brecha! Estou com 89 anos e ativamente caminhando para os cem.



72,6 QUILÔMETROS

LEONARDO PIANA

Raquel aprendeu cedo que morar em Santa Cruz era sempre cálculo de distância: até o centro, até a praia, até qualquer lugar onde, para ela, as coisas pareciam acontecer. Quando criança, ouviu falar de um curso de teatro em Copacabana. Guardou o número como se fosse um segredo: 72,6 quilômetros. Sabia que não iria, que não tinha dinheiro, que não tinha quem a levasse. Ficou com as novelas da avó, as atrizes, a certeza de que queria estar do outro lado da tela.

Aos 15, entrou numa companhia amadora do bairro, onde descobriu o palco de verdade: o cheiro da madeira, o foco da luz no rosto, os olhos clareados, o silêncio antes da fala. Descobriu também o limite da técnica que faltava, da orientação que faltava, da perspectiva que faltava. Ela queria entender o que estava fazendo, não só repetir o que a mandavam fazer.

Foi André quem falou da Escola Sesc de Artes Dramáticas. Raquel ouviu desconfiada. Escola estruturada, professores reconhecidos, acesso possível, parecia exagero. Quando as inscrições abriram, ela ficou noites e noites sem dormir. Se tentasse e não passasse, pelo menos teria tentado. Se não tentasse, ficaria para sempre imaginando. Se tentasse e passasse...

No primeiro dia de aula, atravessou a cidade de ponta a ponta: três horas entre ônibus e BRT até o Polo Educacional. Desceu cansada e, ainda assim, elétrica. Ao entrar na sala, percebeu algo que não esperava: outros rostos da Zona Oeste. No intervalo, confirmaram no sotaque e nas linhas de ônibus.

— Direção Santa Cruz × Alvorada?

— O próprio. — Ela riu.

Viraram grupo antes mesmo de se tornarem amigos. A ida silenciosa, cada um lutando contra o sono. A volta era outra história. Saíam às 21h40, enfrentavam transporte lotado, ar quente, atraso, empurrões. Chegavam em casa perto das 00h30. No começo, Raquel achou que não daria conta, não.

Numa noite, eram quase 23h, o BRT parou no meio do trajeto: pane elétrica — portas fechadas, o ar desligado, a impaciência dos passageiros. Alguém começou a reclamar alto, outro empurrou para tentar descer. Raquel pensou no trabalho cedo no dia seguinte, nas falas para decorar, na pilha de tarefas acumuladas.

— A gente pode descer e tentar outro — sugeriu um dos colegas.

Do lado de fora, a estação estava escura, e não havia previsão de conserto. Descer significava esperar sem garantia de transporte.

Raquel encostou a cabeça na janela. Foi quando o colega ao lado começou a recitar um trecho do exercício da aula, em tom exagerado, quase cômico. A outra completou com a fala seguinte, errando de propósito. Alguém riu. Outro entrou na brincadeira. Em poucos minutos, o BRT parado virou palco improvisado por eles, as pessoas ao redor observaram tudo, primeiro com estranhamento, depois com curiosidade.

Raquel entrou na cena, por fim, projetando a voz, sustentando o olhar suado do amigo à frente, ignorantes do calor e do atraso. Eles estavam ali, fazendo o que tinham escolhido fazer, apesar dos reveses.

Quando o veículo voltou a funcionar, um senhorzinho sentado perto da porta perguntou:

— Vocês são artistas?

— Estamos estudando para ser — Raquel respondeu.

Os dois anos passaram entre ensaios, provas, deslocamentos intermináveis, o grupo crescendo junto, corrigindo falas uns dos outros. Era uma rede. No último dia de aula, reuniram-se no ponto final do ônibus. Cada um sabia que dali em diante os caminhos se ampliariam. Nesse dia, Raquel olhou para a placa indicando Santa Cruz e pensou nos 72,6 quilômetros que um dia a impediram. Muitos, mas agora ela sabia percorrê-los, cada um deles.

UMA CRIANÇA RARA

ELISAMA SANTOS



Pedi que ninguém desse bola de presente para o Lucas. Liguei para os parentes, para os amigos, insisti que os brinquedos não estimulassem o contato, que meu pequeno menino ficasse protegido de esbarrões, quedas, tropeços. Mas como eu conseguiria? Como ia garantir que a pele, que nasceu tão sensível e frágil, suportasse a energia e a alegria de uma criança que não tem dificuldade alguma de ser feliz?

Ninguém conseguia explicar o que eram aquelas bolhinhas na pele do meu bebê. Surgiam com facilidade e nitidamente causavam dor, mas eram um mistério. Até que o diagnóstico veio: epidermólise bolhosa; e as palavras “raro” e “incurável” se alojaram em minha mente por tempo indeterminado. O medo se tornou um companheiro constante. Como ele iria para a escola? Como teria amigos? Como ficaria com alguém além de mim? Como mãe, tive um ímpeto quase incontrolável de proteger meu filho do mundo, de impedir que qualquer toque lhe causasse mal, mesmo que não intencional. Mas o mundo ideal não existe, e a licença-maternidade acaba. Por seis meses, dormi e acordei pensando que seria impossível delegar os cuidados daquele bebê tão frágil.

No nosso primeiro dia separados, estacionei em frente ao berçário do Sesc e fiquei um tempo no carro, chorando. Era uma aposta, a melhor que eu podia fazer, mas, ainda assim, uma aposta. Não havia garantia alguma de que tudo daria certo. Na verdade, não há garantia em lugar algum. Mas, quando entrei, fomos recebidos com um sorriso por alguém que tinha pesquisado como cuidar dele. Ela sabia o nome da condição, o quanto era rara — existem menos de mil pessoas como ele no Brasil — e como acolhê-lo. Aquela cena acalmou meu coração.

De lá para cá, foram mais de cinco anos. Meu filho agora é aluno do Ensino Fundamental do Sesc e foi destaque nas Olimpíadas de Língua Portuguesa, além de amar futebol. Sim, as bolas fazem parte da nossa vida. Lucas é raro, mas não somente pela epidermólise bolhosa. É raro por ser quem é, por transbordar gentileza e por ter um sorriso capaz de iluminar a vida de quem convive com ele.

QUESTÃO DE VIDA OU MÚSICA



LEONARDO PIANA

Naquele dia, cheguei ao Sesc com o estojo do instrumento pesado e a ideia de que aquela poderia ser a última vez que tocaria ali. Estava no fim do ensino médio, com a cabeça cheia de contas, o currículo vazio e uma pergunta insistente: como continuar com a música àquela altura?

Eu tinha começado anos antes, quase por acaso. Achei que precisaria largar tudo quando mudasse de escola. Música parecia luxo, uma dessas coisas que a gente faz enquanto dá, e depois para.

— Luxo — eu disse, mas meu professor não aceitou a resposta. Falou da Escola de Música do Sesc, conversou com o maestro, pediu que me ouvissem. Lembro-me da audição como se fosse hoje: do suor formando uma mancha no lugar dos sovacos na camisa clara — minha melhor camisa —, do coração acelerando, finalmente, eu estava sendo visto.

A bolsa veio e, com ela, o alívio. Que luxo era continuar tocando, estudando e errando também. Aprendi a escutar os outros e entendi que a música é disciplina, tem que chegar no horário, tem que praticar, tem que trabalhar, também, se você quiser ser isso, e eu queria, mas não tinha embocadura para a palavra: músico. “Eu quero ser músico”, eu mentalizava.

No fim do ensino médio, veio a urgência do dinheiro, e eu me afastei da música quase sem perceber. Foi então que o Sesc apareceu de novo. Entrei como jovem aprendiz, e ali ganhei rotina, responsabilidade e um salário contado no fim do mês. Mas, mais importante que tudo isso, o trabalho trouxe de volta a chance de não abandonar o que eu queria ser.

Hoje, a música continua tendo o seu lugar em meio a todo o resto. Lidero um grupo de cultura afro-brasileira que não para de crescer. Às vezes, penso naquele garoto do 9º ano, no garoto que fui, achando que precisava escolher entre a vida e a música, uma questão de vida ou morte. Se pudesse, diria a ele que estava equivocado. Se pudesse, diria a ele sobre o caminho, que será longo, sim. Mas diria também sobre a crença no futuro, algo que estou aprendendo: as coisas acontecem no seu próprio ritmo, e a gente entra no meio, de improviso, para tocar junto.





COZINHA
CRIANDO INTIMIDADE

Estamos sempre
começando

“Pensava no palco, naquela hora: eu tinha 73 anos, estava pronta para entrar em cena.”

SESC, O FORRÓ E O MELHOR DA VIDA

ELISAMA SANTOS



Dona Ivone olhou para o espelho mais uma vez, a última antes de finalmente descer para o jantar. Por vezes não conseguia acreditar nas reviravoltas que a vida deu. Ajustou o brinco, passou a mão pelo cabelo, estava pronta. Um leve tremor percorreu o corpo, arrepiando a pele. Quem diria que estaria casada com aquele homem com quem nem queria dançar, em um evento ao qual estava desanimada para ir, com uma idade em que já não acreditava ser possível reencontrar o amor?

Lembranças do que parecia outra vida invadiram sua mente, a ansiedade em mudar para o Maranhão, sair do Ceará que tanto amava, com o primeiro marido, filhos e esperança. Tampouco esquecia o dia em que o esposo se foi, a viuvez que a cobriu com um manto pesado. A vida a empurrou para mais uma mudança, mais um recomeço. E aqui estava ela, com o sorriso de satisfação estampando o rosto.

Até hoje não sabia dizer o que aconteceu quando sentiu a mão dele na sua cintura, o forró invadindo a sala, o Sesc cheio de homens e mulheres rodopiando com seus mais de 60 anos. Riram como duas crianças, apaixonaram-se como adolescentes. Casaram-se poucos meses depois, com a urgência e a sabedoria de quem sabe que o futuro é agora.

Quando a viu sair do quarto, seu Manoel sentiu o corpo relaxar. A presença dela tinha esse poder de fazer o mundo parecer certo, de colocar nos eixos uma vida inteira. Quantas vezes contou para quem quisesse ouvir que foi no Tocantins que encontrou uma cearense como ele e que se tornou a dona do seu coração? Que ambos cresceram no Ceará, moraram no Maranhão, se mudaram para ruas próximas no Tocantins e que só no Sesc, finalmente, se conheceram? Quantas vezes contou que se casou aos 70 com uma beldade de 61?

A morte da primeira esposa foi um baque difícil de recuperar, jamais imaginou viver aquela cena: a casa cheia, famílias reunidas, a celebração de um novo amor.

A voz de Luiz Gonzaga invadia o pátio do Sesc quando estendeu a mão convidando Ivone para dançar pela primeira vez. As gargalhadas que fluíam enquanto deslizavam no salão se misturavam à música, e ele lembrava que estava vivo, muito vivo. Queria aquele perfume todos os dias, a maciez da pele aquecendo a sua. Pensou que as rugas e a idade o separaram do menino que fora, mas ela resgatava seus desejos adolescentes. E foi assim, se surpreendendo um tanto a cada dia, que os últimos anos passaram tão rapidamente.

“Hora da foto”, alguém diz, e os dois se juntam na frente de um painel onde está escrito: “Feliz bodas de cristal!” Não sabem quantas bodas comemorarão, e, nesse momento, isso pouco importa.

O forró invade a sala. Os amigos e amigas do Vida Ativa se misturam à família. É dia de festa. A vida é uma festa, pensam, enquanto os corpos grudados acompanham a música, dançando como uma reza em agradecimento pelos últimos quinze anos juntos.

DOS PENTEADOS AO PALCO

LEONARDO PIANA



No palco, minhas mãos tremiam como as de uma menina. Eu tinha 73 anos e um corpo cheio de histórias: horas em pé no salão fazendo penteados como ninguém; horas com os filhos no colo — e então os filhos crescidos —, e agora os netos; madrugadas adentradas num shopping iluminado demais. Ainda assim, ali estava eu, esperando a deixa, respirando fundo atrás da cortina.

Trabalhei como cabeleireira a vida inteira. Aprendi como as pessoas se reconhecem pelo espelho. Elas falam de tudo enquanto observam o próprio rosto, e eu sempre gostei de conversa. Sempre fui uma senhora animada, não me leve a mal, era até, digamos, imitativa, puxo assunto, bagunço um pouco. Não os penteados. Os penteados, ah!, eu os deixava belíssimos, intactos.

Quando decidi parar, parecia uma ousadia. Fui morar na praia, fiquei lá por 17 anos, imagine! Viajei muito, conheci lugares. Quando cansei, voltei para Cuiabá com uma sensação estranha: de missão cumprida, mas também com certo vazio.

De volta, encontrei o grupo de pessoas idosas do Sesc — ou talvez eles tenham me encontrado. Minhas amigas insistiram,

e eu fui, eu... Como se diz? Isto: eu me joguei. Hidroginástica, dança, coral e... Teatro.

Teatro. Um desejo guardado, empurrado para depois ao longo de décadas, sempre havia algo mais urgente para dar conta: filho para nascer, filho para criar, expediente interminável, aquele shopping, treze horas diárias, os penteados!

No dia da estreia, uma das colegas segurou minha mão nos bastidores, ela também tremia. Nenhuma de nós era jovem, nenhuma queria mais ser outra pessoa. Tinha aprendido muito a ser eu mesma. Quando entrei em cena, parei de tremer. Sabia exatamente o que fazer.

Depois do espetáculo, nós nos sentamos num barzinho, como sempre fazemos após os encontros, e tomamos um chope. Alguém comentou que estava cansada. Olhei para o rosto iluminado das minhas amigas, sentadas ao redor, radiantes. Eu não estava, não. Brindamos.

Pensava no palco, naquela hora: eu tinha 73 anos, estava pronta para entrar em cena.

ROTINA

ELISAMA SANTOS



Ele acorda todos os dias no mesmo horário, faça chuva ou faça Sol. O corpo que passa tempo demais na cama se acostuma a ficar parado, aos 80 então... Seu Élcio não se deixa esquecer que é bom viver. Alonga os braços assim que levanta, estica o máximo que pode, depois inclina, com a intenção de um dia, quem sabe, quase tocar o tornozelo. Agora sim, está pronto para mais um dia. Caminha até a cozinha, passa pelo corredor, a parede tem risquinhos feitos pela bisneta, ele sempre olha para eles como se fossem novos, admira como quem passeia pelo Louvre e conhece a Monalisa.

Na sala, os porta-retratos enfeitam a estante, os filhos sorriem em diferentes idades, dias marcantes eternizados, puxando da memória o que se viveu. Com o tempo, algumas lembranças estão esmaecidas, já não guarda os cheiros, faz tempo que confunde alguns nomes. Por vezes, tem a sensação de que alguns fatos se fundiram na mente, tornando-se uma coisa só.

O cheiro de café perfuma toda a casa, antecipando o sabor amargo e forte, que faz tão boa companhia ao pãozinho na chapa. A manhã caminha entre cuidados rotineiros com a casa e pequenas bisbilhotadas no celular. Os objetos, assim como

o corpo, pedem cuidado constante. Há sempre um parafuso afrouxando, um ranger estranho em algum lugar, algo perdido que precisa ser encontrado, algo antigo que finalmente vai se aposentar.

A hora do almoço chega veloz e anuncia que precisa se apressar. Coloca a roupa, amarra o tênis e segue rumo ao Sesc para a melhor parte do dia. Passa pela recepção sorrindo, pergunta pela família da atendente, quer saber se o filhinho dela melhorou da gripe. Encontra os amigos e amigas, se direcionam para o ginásio, brincando como um menino que chega à escola. Faz um tempo que joga vôlei adaptado e está cada vez melhor na prática. A tarde passa divertida.

Se despede de todos, encontra o vizinho de 70 anos na portaria do prédio. Mais uma vez, recomenda o Grupo da Melhor Idade do Sesc, ficar em casa vendo notícia trágica na televisão “faz mal pra cabeça”, diz, pela milésima vez, torcendo que surta algum efeito. Se não fosse o exercício físico, as atividades e as amizades do Sesc, já estaria fazendo companhia a São Pedro, tem certeza disso. Abre a porta e caminha direto para o banheiro, toma um banho frio, se sente vivo como nunca.

A noite se aproxima pedindo o merecido descanso. Verifica se a luz noturna está acesa, Deus o livre de uma queda nessa idade. Sem ele, o time não vai para lugar nenhum, ele é, inegavelmente, um dos melhores jogadores. Está cansado e feliz. Amanhã a rotina se repete. Ainda bem.

O MENINO NOMEIA O MUNDO

LEONARDO PIANA



Benjamin tinha 2 anos e um jeito todo seu de dar nomes ao mundo. Apontava, puxava a mão da mãe, fazia sons curtiíssimos, mais como uma espécie de aviso do que como uma conversa. Quem convivia com ele aprendia rápido a decifrar que aquele “ã” era água, aquele outro “co”, gutural, era “colo”, às vezes, mas também podia ser “cocô”. As palavras hesitantes em entrar no seu universo.

“Faltava algo?”, a mãe se perguntava nos encontros com outras crianças, quando as frases vinham completas. Benjamin ficava olhando, quieto, atentíssimo, como se fosse personagem de um filme mudo.

A sala da fonoaudióloga Ana Paula era pequena, organizada e, com a chegada do menino, logo virou uma bagunça. Os brinquedos não ficavam no mesmo lugar por muito tempo, havia figuras coloridas espalhadas pela mesa e uma cadeira na qual Benjamin raramente se sentava: preferia o chão. Mostrava objetos, repetia sons, e o trabalho ia acontecendo, então, num ritmo que parecia lento demais, arrastando-se durante meses — as sessões pouco mudavam.

Devagar, Benjamin ampliava o olhar antes da fala, e aos poucos coisas simples começaram a ganhar palavra: “borracha”,

“azul”, “casa”. Depois vieram as pessoas: “mamãe”, “Ana” e, mais tarde, “Paula” — até virar tudo junto: “Ana Paula”, a mulher que o ajudava, todas as semanas, a nomear as coisas.

Houve um dia, Benjamin em casa, espalhando carrinhos pela sala, como de costume, enquanto a mãe organizava a mochila da escola. No fundo da cena, uma música infantil que ele já tinha ouvido um milhão de vezes. Até então, o menino gostava da melodia, notava-se, balançava o corpo. Mas, naquele dia, no meio do refrão, ele parou, olhou para a televisão, depois para a mãe, e cantou. Não tudo, não com afinação, nada muito claro de todo modo, mas as palavras lhe vieram em sequência — duas, três, quatro —, uma colada na outra, no tempo certo da canção. A mãe ficou ali, parada, olhando o filho repetir o trecho, concentrado e sério.

Quando a música terminou, Benjamin voltou aos carrinhos. A mãe tomou cuidado para não transformar o momento em algo grande demais, com medo de perdê-lo, o momento, de que se quebrasse diante de si. Na sessão seguinte, contou tudo para Ana Paula. Alheio à conversa, o menino encaixava peças de um quebra-cabeça.

A fonoaudióloga ouviu e chamou Benjamin: que cantasse outra vez. E ele cantou, um pouco mais, um pouco melhor.

A partir daí, as palavras passaram a lhe chegar contínuas, em frases curtas, perguntas, músicas. O mundo ganhava contornos diante da curiosidade de um menino com sede de desvendá-lo. As palavras faziam parte dele, uma de cada vez, tinham entrado, continuam entrando.

Chegará o dia em que elas se transformarão em outra coisa, menos imediata: em letras escritas, em livros coloridos e, depois, sem cor nenhuma, cheio de letrinhas, milhares delas, encadeadas.

Chegará um dia em que o mundo de Benjamin, como o dos adultos, será todo feito de palavras. Ele não tem pressa.

A IDADE DA AGENDA

ELISAMA SANTOS



HIDROGINÁSTICA - TERÇA, QUARTA, QUINTA E SEXTA NO SESC FLORESTA
SEGUNDA - TEATRO NO SESC TUPINAMBÁS
TERÇA (MANHÃ) - AULA DE DANÇA LIVRE NO SESC PALLADIUM
TERÇA (TARDE) - TECNOLOGIA NO SESC FLORESTA
QUARTA - DANÇA FOLCLÓRICA NO SESC TUPINAMBÁS
QUINTA - DANÇA POPULAR E MENTE ATIVA NO SESC FLORESTA
SEXTA - CORAL NO SESC FLORESTA

Cecília olha a programação semanal colada na geladeira. Sabe que muita gente a considera exagerada, sobretudo para uma mulher da sua idade. Em seus 82 anos, não se recorda quando as suas ações foram consideradas justas, corretas ou adequadas. Há sempre alguém para falar como uma menina deve se comportar, depois o que se espera de uma mocinha, logo mais qual a regra de conduta para uma mulher casada e mãe, e agora, mais próxima do fim que do começo da vida, como uma idosa deve agir. Cansou das regras excessivas, não deixaria que as ideias alheias lhe tirassem o sorriso do rosto, justo quando achou que nunca mais sorriria assim novamente.

Enterrar um filho é antinatural. A ordem das coisas foi quebrada em sua vida, os caminhos foram destruídos, as referências desfeitas. Quando viu o filho em um caixão, a vida

perdeu a cor. Dormia e acordava perguntando a Deus o que lhe fez para merecer um castigo desse tamanho. Onde arranjaria forças para seguir com os dias? Arrumar a cama, comer, tomar banho, coisas tão pequenas e insignificantes, que mesquinhez se preocupar com elas quando o coração parecia bombear o sangue do jeito errado. Não imaginou que fosse possível sentir tanta tristeza, que um corpo conseguisse suportar um peso de dimensões tão absurdas, que as suas pernas, tão pequenas, fossem capazes de se fixar ao solo com tanta determinação, cada passo mais difícil que o outro.

A lágrima escorre enquanto segue olhando o papel grudado com o ímã, mas agora ela umedece um rosto sereno, uma junção que sempre lhe pareceu inacreditável. A dor não passou, mas saiu do centro das atenções, abriu espaço para uma convivência pacífica com outras emoções. Deixou que a alegria arrumasse a mesa e a enfeitasse com uma flor. Deixou que o alívio tirasse o pó dos cantos, que a esperança abrisse a janela.

Foram as aulas que a ajudaram a reaprender a viver. Foram os professores que estenderam a mão para que se levantasse, os amigos que entraram em sua vida e escolheram ficar e caminhar ao seu lado. Cada um daqueles compromissos aumentou sua capacidade de viver. O Sesc pavimentou o chão de uma vida melhor. Não, aquela não era uma agenda cheia demais para alguém da sua idade. Era a agenda perfeita para ela e por ela.

Escutou uma buzina no portão, hoje iria de carona com uma amiga. Beijou a mão e tocou o papel. Balbuciou “obrigada”. Tinha muito a agradecer.

SOU EU NA CAPA DO JORNAL

LEONARDO PIANA



O que me lembro melhor é da véspera.

Minha mãe avisava, “amanhã a gente vai”, e meu irmão e eu ficávamos elétricos, como se fosse uma longa viagem. Separávamos roupa, discutíamos quem ia usar o quê, tentávamos dormir cedo, não conseguíamos. Eu acordava antes do despertador, mesmo quando não tinha despertador.

A gente morava num lugar onde brincar na rua nem sempre era simples. Minha mãe fazia o que podia — e o que não podia também — para dar conta de tudo. E o Sesc era onde as coisas ficavam um pouco mais fáceis para a gente, onde podíamos comer sem preocupação e correr sem medo, ver gente, ver show, a vida acontecendo. Eu achava que todo mundo tinha aquilo.

No Dia do Comerciante era diferente. A gente chegava cedo, cedo mesmo, porque o lugar lotava. Minha mãe gostava do Jau, um cantor que sempre aparecia por lá, e a missão de todos nós era garantir um lugar onde ela pudesse se sentar para assistir ao show, ficar à sombra e, ao mesmo tempo, vigiar a gente na piscina. Ela nunca entrava na água. Ficava com uma bolsa no colo, olhando, chamando de vez em quando, perguntando se a gente tinha comido.

— Sim, mãe.

Eu devia ter uns 8 anos. Estava na piscina, fazendo exatamente o que minha mãe mandava não fazer, é claro: pulando, correndo na borda, mergulhando sem ver direito onde caía. Tinha um movimento diferente ao redor, gente com câmera, falando alto. Um homem se aproximou e pediu que eu repetisse o pulo, eu repeti. Depois pediu de novo, e eu repeti, já meio desconfiado, mas achando graça.

— Isso — disse ele —, continua assim. — E eu continuei.

No dia seguinte, alguém levou um jornal lá em casa. Meu rosto na capa. Não entendi direito o que aquilo significava, mas minha mãe entendeu bem. Ela segurou o jornal com cuidado, como se fosse um objeto delicadíssimo, e mostrou para as vizinhas. Fiquei olhando mais para ela do que para a foto. Era a primeira vez que via aquele orgulho todo nos olhos dela, e o orgulho invadiu também meus olhos.

Já não tenho mais 8 anos. O tempo aconteceu comigo, imparável.

Cresci, fui embora de Salvador, tentei construir uma vida que fizesse sentido — para quem? Entrei numa multinacional, virei líder de equipe, aprendi a falar em metas e resultados, em prazos. E funcionava, até. Pelo menos do lado de fora.

Por dentro, as coisas começaram a desmoronar. A dor de cabeça vinha antes do fim do expediente e chamava ansiedade, chamava insônia, chamava cansaço que não passa com descanso. Eu tentava manter tudo em pé, mas alguma coisa já tinha desandado fazia tempo, e demorei para admitir — mais para mim mesmo do que para os outros. Para eles, devia ser nítido o que acontecia comigo.

Quando saí do trabalho, não tinha plano. Voltei para Salvador sem saber bem o que fazer, só sabendo que precisava parar de repetir a mesma coisa.

Foi então que voltei ao Sesc. Vi um curso, depois outro, mais um: serigrafia, cerâmica, corte e costura, eu não sabia direito o que estava procurando, mas sabia que estava procurando algo.

O corpo foi desacelerando, pouco a pouco, a cabeça junto com ele.

Vi um curso: teatro. No começo, achei que não ia dar conta. De ficar em cena, de lidar com outras pessoas, de me expor. Mas tinha algo ali que me puxava. Era só um exercício: que a gente relembresse um momento marcante da infância. Não era para contar, só para deixar o corpo reagir à memória, fosse o que fosse e como fosse. Tentei pensar em outra coisa, qualquer coisa mais simples, mas veio a imagem da piscina — nítida, cristalina diante de mim.

O barulho do dia, a temperatura da água, a luz do Sol, o fotógrafo e, principalmente, o depois: minha mãe segurando o jornal no dia seguinte.

Há coisas que não se apagam.



O LIVRO E A FEIRA

ELISAMA SANTOS

O Sol iluminava o letreiro e quase atrapalhava a leitura: 38ª Feira do Livro do Sesc Manaus. Alguns passos após a faixa que anunciava a entrada do evento, uma mesinha a esperava, ocupada por um copo com água, algumas canetas e um banner: lançamento de *Eu lírico e eu*, Ana Letícia Matos. Era o seu nome, o seu livro, o seu dia. Algo transitava entre a fantasia e o real. Não sabia dizer se quem caminhava até o estande da livraria era a jovem de hoje ou a menina que tantas vezes andou por aquela feira, ano após ano, admirando os livros, tocando as capas com devoção, imaginando se um dia chegaria a sua vez. É possível separar? A mulher que se tornava não fora construída por aquela menina, que também foi tantas?

Entrava com ela a menina que amava escrever, a aluna nota dez em redação. Aquela que, incentivada pelos professores do Centro de Educação Sesc José Roberto Tadros, lia um livro após o outro e criava histórias que pareciam vivas de tão reais. Ah, de mãos dadas também estava a menina que amava teatro e inventava peças em casa, obrigando toda a família a sentar no sofá e assistir aos espetáculos. Foram tantas as apresentações em casa que, quando subia ao palco do Centro de Educação,

a intimidade com a arte era inegável. Aquele dia foi uma construção de muitas versões de si mesma.

Há alguns anos, a Feira do Livro contou com a presença de uma de suas autoras favoritas. Saiu cedo da aula, comeu o lanche no caminho, cronometrou cada passo para garantir que teria um bom lugar na fila. Ensaiou as palavras que diria enquanto segurasse as mãos que deram vida aos personagens que lhe arrancavam lágrimas e gargalhadas, mas, quando o momento chegou, as palavras sumiram e somente um “obrigada” tímido escapou pelos seus lábios.

Agora era a sua vez de estar do outro lado da mesa, com a caneta na mão. As amigas sorriam à sua espera. Os professores e professoras fizeram questão de prestigiá-la; parecia uma grande festa.

A mãe aguardou pacientemente o seu momento de abraçá-la e os olhos de ambas, cheios de lágrimas, disseram o que não cabia em palavras.



A HISTÓRIA DO SIM

LEONARDO PIANA

Sofia chegou à escola de mãos dadas com a mãe, mantendo uma atenção exagerada ao chão. Os professores logo notaram: não era só timidez. O chão, para ela, decidia muitas coisas. O chão falava. Antes de chegar ali, ele tinha falado de desafios e obstáculos, de tropeços e “nãos”.

Nas outras escolas, o chão falava às vezes de um jeito até educado, outras vezes de forma ríspida, rápida, definitiva. Mas o chão daquelas escolas dizia sempre “não”. Nenhum parecia saber o que contar para uma criança como ela, que via pouco e se movia devagar. “Não” — ecoava a palavra curta, mas nada singela.

Houve uma última tentativa da mãe: o e-mail derradeiro, enviado à escola quase sem esperança. A resposta veio no mesmo dia, convidando a família para conhecer o espaço. Quando entraram no prédio do Sesc, o chão tratou logo de perguntar do que é que Sofia precisava: “Como você aprende melhor, hein?”, “O que te deixa mais insegura?”

Um chão que sabia das coisas.

Na primeira semana, Sofia caminhou por um corredor onde se instalava o piso tátil. Parou, tocou o relevo com a ponta do pé, “Alô alô! testando...”, o chão disse, ela riu.

Uma professora ficou ao seu lado, esperando sem pressa. Pela primeira vez, o tempo não era um problema a ser resolvido pelos adultos. Outras adaptações vieram aos poucos: materiais, letras em Braille, acompanhamento individual quando necessário.

Num dos recreios, Sofia queria brincar, mas não sabia como entrar na roda. Ficou parada, segurando a mochila, até que outra criança falou, não foi o chão dessa vez. A voz de um menino, foi isso que ela escutou, perguntando se ela queria ouvir uma história. Sentaram-se no banco de madeira. Ele contou uma história linda, feita de fadas e aventuras — a mesma que a mãe costumava lhe contar. Sofia não enxergava bem o rosto do colega, mas ouviu tudo, riu no fim, quase se emocionou.

Com o tempo, a família percebeu que Sofia estava ficando cheia de vozes: dos meninos e meninas, dos professores, dos objetos que agora se comunicavam com ela, de um chão escolar. Ela passou a chegar em casa contando o que tinha aprendido, quem havia conhecido, o caminho novo que tinha percorrido, a beleza desse caminho, as palavras impressas nele.

Hoje, quando caminha pelo corredor, Sofia conversa com o chão através dos pés, guardando na memória suas indicações. Ela, que um dia esteve acostumada à história dos “nãos”, está aprendendo, enfim, os contos que lhe dizem “sim”.

— Vamos brincar? — perguntam as crianças. Sofia toca o chão mais à frente com a ponta dos pés. Agora sabe aonde ir.

— Sim — responde ela, um sorriso delicado aparecendo no rosto. — Vamos, sim.



UM SÁBADO QUALQUER

ELISAMA SANTOS

— *Dona Tereza?* Como a senhora está? Que coisa boa ver a senhora. Lembra da gente?

Tereza observa o casal, procurando de onde os conhecia. Seria o filho de Joana, aquela que morou em sua rua? Não, provavelmente não. Estudaram com os filhos dela? O rapaz, baixinho e sorridente, tinha olhos generosos e a abraçava sem cerimônia. A moça, um pouco mais séria, amarrava as longas tranças em um coque, buscando amenizar o calor daquele verão. Ambos agiam como sobrinhos que encontravam uma tia querida.

— Me ajude a lembrar, meu filho. Com quase 70 anos, a memória já não funciona tão bem, sabe? — fala, quase pedindo desculpas, mas não há o que fazer. Depois de um tempo, a mente prega peças constantemente.

— Ah, não se preocupe! Tá tudo bem. A gente ficava lá no Sesc todo dia: João Pedro e Manoela. A senhora vivia colocando a gente de volta para as aulas. A gente escapava pra tentar namorar! — O rapaz solta uma gargalhada alta e, imediatamente, a imagem dos dois adolescentes surge.

Ela se lembra do menino que a abraçava com carinho quando a mãe o levava para as atividades. Cresceu e começou a

namorar uma colega, formavam um casal fofo, e ela, volta e meia, precisava colocar os pombinhos de volta às salas. Que surpreendente encontrá-los no mercado, juntos, tantos anos depois.

— Lembrei! Vocês continuam juntos! Esse menino lindo? Tem os seus olhos! — responde animada, olhando para a criança sentada dentro do carrinho.

São quase cinquenta anos de Sesc. Viu muita criança que corria pelos corredores se tornar adulto. Acompanhou sonhos. A menina que cantarolava o dia inteiro e semana passada fez um show na unidade. A outra que a atendeu no postinho dia desses. E o José Ricardo, que virou advogado famoso, dando entrevistas na TV e tudo mais?

— Estamos, sim! — responde a moça, enquanto se abraçam e trocam um olhar carinhoso.

— Bom demais ver a senhora. Estamos morando fora da cidade, mas qualquer dia desses passo lá pra te ver.

— Passa sim, passa sim!

O casal segue seu caminho, e ela sorri lembrando o passado. O dia ganhou uma nova cor. Ah, as delícias inesperadas de uma manhã de sábado.



BÊNÇÃO

ELISAMA SANTOS

Era verdade, verdade verdadeira: ele, Pedro, iria integrar a equipe responsável pela primeira exposição de artes visuais do Sesc Tupinambás. Podia não parecer algo gigantesco, mas, para ele, era a junção de mais de um sonho. A primeira peça de teatro que assistiu na vida foi em uma das unidades do Sesc. Não lembra exatamente que idade tinha. Seis? Sete? Nove anos? A bem da verdade, não se recorda se foi a primeira peça que viu ou a primeira que tem consciência de que viu. Fato é que, enquanto escutava o jumento, o cachorro, a galinha e a gata em um plano mirabolante rumo à liberdade, seus olhos brilhavam. Até hoje, tantos anos depois, ao cantarolar sobre gatos que nascem pobres, mas livres, é tomado por um indescritível encantamento.

Agora, teria a chance de organizar algo que despertasse em alguém algo semelhante. A arte chega a lugares que ninguém mais alcança, e ele estava grato por contribuir com algo tão grande. Quem sabe outro Pedrinho fosse tocado pela exposição e, assim como ele, crescesse sonhando em se colocar no mundo pela arte? O que faríamos com nossos sentimentos sem uma boa música para traduzi-los? O que faríamos com

nossas lágrimas sem fotos e vídeos tocantes que as arrancam de nós, desafogando nosso peito?

Estava em Belo Horizonte, quilômetros e quilômetros distante do oceano, mas, ao pensar no Sesc, fechou os olhos e sentiu o cheiro do mar, aquele aroma incomparável que lhe fazia amar as férias. Cada minuto até o Sesc Grussaí era contado com ansiedade, cada uma das mais de oito horas de viagem predizia memórias transbordantes de ternura. Lembrava-se de ficar na água até que os dedos estivessem mais enrugados que os do homem mais velho do mundo, de cochilar no colo da mãe enquanto todos acabavam de jantar, de ir embora contando os minutos para o ano seguinte, quando voltariam.

Agora faria parte do Sesc, com os seus talentos, por meio da forma mais sublime de comunicação: a arte. Que simbólico, por meio do *Bença a benza* poder contar a história de benzedeiças tradicionais e a sua riqueza tão singular, recebendo a bênção e ajudando a multiplicá-la. Abençoada seja a vida, afinal.



QUARTO
AS COISAS MAIS ÍNTIMAS

Uma vida plena é aquela
que a gente sente tudo

“O professor me cumprimentou, minha mãe me abraçou apertado. Minha camiseta estava molhada, e eu odiava ir embora para casa com a camiseta molhada. No banco do carro, enquanto dirigia, minha mãe perguntou se eu estava feliz.”

TRÊS VELINHAS

ELISAMA SANTOS



O salão estava todo enfeitado. Balões coloridos pendurados, mesas com lindos arranjos embelezando o ambiente. Girassóis. Dona Benê sempre amou girassóis e o seu amarelo vivo. A música tocando baixinho, um bolero que lembrava os que o pai dela escutava quando era criança.

Na mesa central, docinhos variados: brigadeiro, beijinho, casadinho e cajuzinho. Por que os cajuzinhos saíram de moda? São tão gostosos! E os que a Madalena faz são incomparáveis, todo mundo tem que provar um dia. O bolo, então, que belezura. De andar, com biquinhos de glacê como os de antigamente. Recheio de cocada, seu predileto. O doutor Joaquim que a desculpe, mas hoje ela vai comer doce, nem que seja um tiquinho. Não é qualquer dia que três velas numéricas representam a idade da aniversariante. Benedita agora era, oficialmente, centenária.

Hoje, com cem anos, lembrou que frequenta aquele salão no Sesc de Poços de Caldas há quarenta anos. A mudança de cidade mexeu tanto com sua rotina, com os sonhos, e o Sesc foi um oásis. Jogou vôlei, fez parte do coral e da seresta, dançou, se alongou, fez amigos, recebeu abraços apertados diante das inevitáveis perdas da vida, comemorou pequenas e grandes

alegrias. Agora, o salão reunia as pessoas que mais amava para celebrarem juntas a sua vida. E que vida! Longa e bem-vivida.

Os netos já tinham netos e seus frutos corriam entre as cadeiras, se misturando às famílias dos professores, amigos e demais funcionários que faziam parte da sua vida. Depois de viver uma centena de anos, ela havia aprendido que amor é bem que se multiplica e reproduz: que quanto mais a gente dá, mais tem.

Aquela juventude bonita do Sesc e colaboradores aposentados chegavam com presentes e felicitações, gente que não via fazia tempo, gente com quem continua jogando seu carteadado duas vezes por semana. Gente que faz do mundo um lugar encantado.

Queria poder embrulhar a alegria que trazia no coração, o sentimento de que a vida é boa, a satisfação com a própria história que a inundava e presentear cada uma daquelas pessoas. Queria, do fundo da alma, que um dia olhassem um salão cheio como aquele e se regozijassem como ela.

“Hora do parabéns!”, alguém gritou. E foi sob uma salva de palmas e risadas altas que Benê se direcionou para o centro do salão.

CORAGEM É ISTO

LEONARDO PIANA



No dia em que pensei que ia desistir, cheguei mais cedo à sala de aula. Fiquei sentado na borda da piscina, balançando as pernas, sem coragem de entrar. A água estava parada, azul, enorme. Já nadava havia mais de um ano, já atravessava a piscina inteira, já tinha aprendido a respirar sem engolir junto meio mundo. Mesmo assim, naquele dia, parecia que eu estava de volta ao começo.

Meu nome é Leandro, mas quase ninguém me chama assim. Leozinho foi o nome que ficou grudado em mim desde pequeno. Só que, quando eu erro, quando eu travo, bem, eu viro Leandro outra vez.

Naquela semana, o professor tinha avisado que começaríamos a treinar para a primeira competição interna. Não era nada demais, só um festival entre turmas. Mas, na minha cabeça, era como se todo mundo fosse ficar me olhando, esperando que eu falhasse, que eu cansasse no meio, que eu desistisse.

Eu conhecia bem essa sensação. Antes da natação, evitava tudo o que pudesse dar errado; preferia ficar no meu quarto. Conversava com um senhor chamado Psicólogo sobre esse medo todo. "Coragem é diferente de não ter medo nenhum", ele dizia. "Coragem é fazer mesmo com o medo ali, com você". Eu achava até bonito quando ele falava, acreditava nele.

— Não vai entrar? — o professor perguntou, se aproximando de mim. Dei de ombros, não queria explicar que estava com medo de passar vergonha num festival que nem valia medalha de verdade.

— Já vou.

A água estava fria no começo, como sempre, a água era um alerta. Mergulhei e fiquei alguns segundos debaixo d'água, sem plateia, o mundo inteiro quieto ali dentro, preso numa respiração.

O treino era simples: quatro tiros de ida e volta, valendo tempo. No terceiro, meus braços começaram a pesar, deu vontade de parar na borda, de fingir que estava tudo bem. “Não aguento mais, só isso”, como eu fazia no começo, “Estou muito cansado”.

Mas aquele dia tinha uma diferença: eu sabia que conseguia.

Virei na metade da piscina, quase sem ar, a cabeça gritando “Saí”, o corpo dizendo “Cansaço”. Só que, no meio de todo o barulho, eu ouvi outra coisa. Ouvi a memória do Psicólogo dizendo que eu não precisava ser perfeito, do professor falando “Confia no seu ritmo, Leozinho”, das palmas da minha mãe, me assistindo da arquibancada, mesmo quando eu chegava por último. Terminei o tiro.

Saí da água ofegante, os braços tremendo. Não tinha sido o melhor tempo da turma, nem perto disso. O professor anotou na prancheta e disse só:

— É isso.

Como se fosse simples.

Sentei na borda de novo, dessa vez com as pernas dentro d'água. Olhando para a piscina, pensei que, um tempo atrás, eu teria inventado uma dor de barriga, uma dor de cabeça, uma dor de qualquer coisa. Mas agora, não. Agora eu tinha completado a prova.

A competição aconteceu duas semanas depois. Meu coração parecia que sairia nadando sozinho. Mas, quando mergulhei, não pensei na arquibancada, nas pessoas me olhando. Pensei no treino, e que eu já tinha vencido qualquer coisa

antes até da largada. Não ganhei medalha e, não que isso importe muito, não fui o último também, não dessa vez.

O professor me cumprimentou, minha mãe me abraçou apertado. Minha camiseta estava molhada, e eu odiava ir embora para casa com a camiseta molhada. No banco do carro, enquanto dirigia, minha mãe perguntou se eu estava feliz.

Demorei para responder. Era felicidade? Essa sensação como se eu estivesse boiando, sabendo que a água sustenta o corpo da gente?

— Estou — eu disse. — Acho que sim.

Era verdade.



A DANÇA DA VIDA

ELISAMA SANTOS

A apresentação começa em alguns minutos, mas Melissa não quer subir no palco, não hoje, não com Rodrigo. Há dois dias as coisas estão estranhas. Por vezes, a lista de obrigações parece grande demais e ela odeia ter de relembrar a ele o seu papel na organização da casa. Já não basta gerenciar a vida de três adolescentes? Ela se esforça para lembrar como começou a briga, mas não consegue encontrar o motivo. Existe um motivo único, ou vários deles que se misturam em um grande novelo? O salão do Sesc está cheio. Dá para escutar o burburinho das pessoas lá fora. A dança de salão pede proximidade, sintonia, e ela tem a sensação de que serão um par desarmônico, cada um dançando num ritmo diferente, em frequências quase opostas. Será que o público vai perceber?

Já dançam juntos há muito tempo. Quando iniciaram as aulas no Sesc, não faziam ideia de que se tornariam uma dupla tão afinada. Sendo sincera, educaram os filhos com muita sintonia e, na maior parte do tempo, bailam pela rotina com fluidez. Ela, que dançava jazz no Sesc quando criança, aprendeu que ter uma companhia era, também, muito gostoso. Ainda assim, às vezes sente falta de escolher os próprios passos

sozinha, não ter de prestar atenção em mais nada nem ninguém além da música e ela própria.

A semana foi estranhamente corrida. Alexandre ficou gripado, Arthur precisou faltar às aulas de inglês e Augusto perdeu o celular. A rotina, tão bem-azeitada, foi repleta de derapadas. Estava exausta. Até a mãe demandou um tanto essa semana e faltou ao grupo Mente Ativa. Nos últimos dias, quase não frequentaram o Sesc, lugar onde boa parte das atividades da família acontecem. Estavam desconectados, talvez não fosse o momento de subir no palco.

A deixa foi dada, chegou a hora. Ela oferta as mãos geladas a Rodrigo, que as segura com firmeza, mirando os seus olhos. A luz ilumina os rostos dos meninos na plateia, a música começa, e os pensamentos desaparecem. Eles deslizam pelo chão, tão íntimos, tão unidos, tão eles. Os medos se dissipam. Conversariam depois. Neste momento, apenas sentem o que há para sentir. Estão em casa.



A INDIFERENÇA DA ÁGUA

LEONARDO PIANA

A excursão para Lages começou com uma queda: Waldir tropeçou na escada do ônibus ainda parado, antes mesmo de saírem da cidade. Nada grave, só um joelho ralado, a dignidade um pouco ferida. Alguns passageiros se levantaram ao mesmo tempo, o guia perguntou se era melhor cancelar, mas foi Edla quem respondeu antes:

— Ele sobe de novo.

E Waldir subiu.

Não era a primeira viagem que faziam com o Sesc. Já tinham perdido a conta exata, desconfiavam estar perto de algo em torno de trinta. Aposentados, ambos organizaram a vida muito em torno desses roteiros. A mala ficava quase pronta no armário, com um nécessaire abastecido (coisa de Edla) e remédios separados em saquinhos (coisa de Waldir). Em casa, os dias tinham começado a ficar parecidos demais, então decidiram, juntos, viajar.

No banco do ônibus, Waldir manteve o joelho estendido, Edla observava o companheiro. Conheciam-se havia 46 anos,

e ela sabia diferenciar uma coisa da outra, separar a dor da teimosia, por exemplo. O machucado no joelho era as duas coisas.

— Se quiser, a gente desce na próxima parada e volta — disse ela.

Ele olhou pela janela. A estrada começava a se alongar.

— Não — respondeu ele.

A viagem seguiu: pousada rural do Sesc, passeio guiado pela cidade. No segundo dia, o grupo visitaria uma cachoeira de fácil acesso, segundo o folheto — mas o *fácil*, agora, exigia negociação.

Na trilha irregular de pedras deslizantes, Waldir caminhava devagar. Edla mantinha-se próxima, sem oferecer apoio direto, a mão dizendo *estou aqui, se você precisar de mim*.

No meio do caminho, ele parou ofegante, sentou-se num banco de madeira e apontou o joelho inchado. Edla chamou rápido o guia, que sugeriu que esperassem ali. Parte do grupo já seguia adiante.

Edla avaliou a distância até a água. Não era longe, mas não era perto também.

— A gente pode voltar — disse ela.

Waldir respirou fundo. Não queria que aquela viagem se resumisse à história da queda na escada antes mesmo de pegarem a estrada, nem ele queria ser resumido à desistência de um passeio “por causa de um machucadinho no joelho”.

— Vamos devagar — ele pediu.

E foram.

Cada passo foi medido, o barulho da água aumentava conforme avançavam. Alguém ofereceu ajuda, e Waldir até agradeceu, mas recusou.

A queda d'água era bonita, corria como sempre, indiferente às dificuldades alheias, às dores deles. Waldir molhou a mão, depois o rosto, e fez uma careta por causa da água fria.

Na foto que Edla tirou, ele aparece sentado, calça arregaçada, joelho inchado, a expressão concentrada, muito séria, como se estivesse aprendendo algo novo.

— Doeu muito? — perguntou ela.

— Doeu — respondeu ele.

Ficaram ali um tempo sem falar. O resto do grupo espalhado, vozes distantes. A excursão continuaria com seu cronograma.

Na volta, Waldir aceitou o braço de Edla para descer um trecho mais inclinado. Se lhe perguntassem, diria que nunca aconteceu. No ônibus, ele apoiou a cabeça no ombro dela, coisa que não fazia em público havia anos.

Mais tarde, no quarto da pousada, Edla passou pomada no joelho dele, com seu cuidado prático, habitual. Waldir reclamou do cheiro forte, ela o mandou ficar quieto, a rotina de casa emergindo também ali, nos pequenos gestos.

— A gente ainda vai chegar nos trinta hotéis — disse ele, olhando para o teto.

— Se não chegar, tudo bem também — disse ela.

Ele virou o rosto:

— Mas eu quero chegar.

Ela entendeu, o companheiro não estava falando apenas dos hotéis.

No último dia, ao entrar no ônibus para voltar, Waldir segurou firme no corrimão, subiu sem ajuda e sentou-se ao lado de Edla, do lado da janela, como sempre.

A queda tinha virado só um detalhe. Na memória, o trajeto até a água, a beleza da cachoeira, a companhia um do outro. Quando o ônibus arrancou, Edla encostou a mão sobre a do marido, sorrindo.

A FALTA

ELISAMA SANTOS



Amarrou o cadarço sabendo que nada daquilo fazia sentido. Hoje não era dia de ir para uma aula de funcional. Devia ficar em casa, com a família, pensando no sorriso do pai e no quanto o abraço dele lhe faria falta. É esse o esperado, não é? Encolher-se no luto em vez de sair de casa no dia seguinte ao enterro. Mas Leda precisava sair. Precisava entrar pela porta do Sesc, encontrar as pessoas, correr entre os cones, sentir que o corpo era forte, que daria conta da saudade, da ausência, da impossibilidade de escutar o “Deus te abençoe, minha filha”.

Aquele grupo já a ajudou a lidar com perdas antes. Não foi exatamente uma perda que a levou para a aula pela primeira vez? Mexeu os ombros inconscientemente, talvez como um jeito de dizer para si mesma que os movimentos voltaram, que estava recuperada da lesão e que se recuperaria da morte do pai também.

A musculação alcançou os efeitos que a fisioterapia já não conseguia, quando ela quase já não tinha esperanças de ter seus braços se movendo naturalmente. Quantas vezes chorou, acolhida pelos colegas, pela equipe? Quantas vezes foi no Sesc que renovou a esperança de que tudo daria certo? Ir para a aula hoje não era uma decisão pensada, mas sentida, e isso era o suficiente, tinha de ser.

Sentou na cama novamente, com um aperto indizível no peito. Visitou a casa dele no domingo, comeram juntos, se despediu com um abraço corriqueiro e um até logo, mas não existiria logo e essa certeza lhe arrancava o fôlego. Se soubesse, teria se demorado mais naquele abraço, pediria que contasse mais uma vez as histórias de infância, assistiria novamente a uma comédia sem graça só para vê-lo rir. Se soubesse, não teria saído de casa e veria o primeiro sinal dado pelo coração, mal-dito coração que não fez o seu trabalho bem-feito, justo num corpo que não deixava nada pela metade.

Saiu pela porta sem olhar para ninguém, não queria saber o que pensariam da sua atitude. Caminhou até o Sesc e, em poucos passos, escutou a música alta misturada ao burburinho dos alunos, o professor falando que o treino seria caprichado, as crianças correndo atrás da bola ao longe. Teve a certeza de que, na próxima hora, o corpo sentiria mais que a dor da falta. Sorriu.

AGORA É O TEMPO

LEONARDO PIANA



No dia seguinte, Rodolfo faria 19 anos. Leda chegou mais cedo ao Sesc. Queria evitar qualquer imprevisto. Aniversário do filho sempre a deixava um tanto tensa, como se a passagem do tempo pudesse desorganizar a relação entre eles.

Rodolfo já estava na piscina, como fazia desde os 4 anos. *Parece que foi ontem*, pensou Leda. O rapaz entrava na água sem olhar para trás — seu ritual. O pai tinha ido junto, tinha se sentado na borda, de onde observava atento cada braçada do filho, como de costume.

Da arquibancada, Leda percebeu uma movimentação estranha. Primeiro, um silêncio — não combinava com o barulho normal da aula. Depois, gente se levantando depressa. O professor saiu apressado da água e alguém chamou rápido — e muito, muito alto — pelo nome do seu marido. Que não respondeu.

Rodolfo continuava nadando.

Quando Leda se aproximou, estavam tentando reanimá-lo: o marido. A cena era objetiva e fria, era técnica, quase não dava espaço para emoção. Leda estava paralisada.

Rodolfo terminou a série. Apoiando as mãos na borda, saiu da piscina. Caminhou até a mãe, como sempre fazia. Teria percebido o desmoronamento?

— Acabou — disse Leda. Olhando para o filho, pensou em explicar, não conseguiu. Tocou-lhe o ombro:

— Vamos esperar um pouco.

O marido morreu ali, na beira da piscina. Não houve tempo para despedida ou uma última conversa. Foi um corte brusco na rotina. *O que viria depois?*

No dia seguinte, Leda temeu: o luto, que viria, sim. Temeu a possibilidade de que Rodolfo se perdesse sem a presença do pai. Mas, no primeiro dia após o enterro, ele acordou no horário de sempre, vestiu a roupa de treino, pegou a mochila e disse: “Sesc”. Leda pensou em mantê-lo em casa, queria proteger aquele intervalo, mas havia algo na firmeza do gesto dele que a fez concordar. E foram.

Na entrada, o funcionário que colocava a pulseirinha segurou o pulso de Rodolfo, mas não disse nada. Apenas olhou para Leda por um segundo a mais. Na piscina, o professor se aproximou:

— A gente vai no seu tempo hoje, tá?

Ele nadou como sempre. Cumpriu cada exercício, pausa, respiração. Para Leda, na arquibancada, o mundo havia se dividido em duas partes, antes e depois. Mas, dentro da piscina, algo permanecia intacto.

Depois da aula, Rodolfo não perguntou pelo pai. Não porque não percebia a ausência (ele percebia tudo), mas porque sua forma de organizar o mundo não perpassava perguntas como essa (sua forma de organizar o mundo é rara, como já está claro a esta altura).

A rotina repetida para ele: banho, troca de roupa, saída.

Nos anos seguintes, a disciplina foi um pilar. Duas horas de corrida em frente ao prédio, duas horas de bicicleta todos os dias, sem espaço para negociação. O Sesc funcionava como uma espécie de eixo, um motor.

Lá, as pessoas conheciam Rodolfo, seus horários, seus limites, seus padrões; avisavam quando ele demorava mais no banheiro, quando parecia cansado, quando algo fugia do esperado.

Um dia, durante uma aula de natação, Rodolfo parou no meio da piscina. Ficou alguns segundos segurando na borda, olhando para a água. O professor se aproximou:

— Tudo bem?

— O pai nadava? — perguntou Rodolfo.

O professor pensou um instante, disse:

— Ele ficava aqui, olhando você.

Rodolfo assentiu, voltou a nadar. Leda, da arquibancada, assistiu à cena. Na saída, o mesmo caminho de sempre. Rodolfo passou pela catraca, olhou para a mãe.

— Amanhã a gente volta — disse ele.

— Sim, claro que sim — respondeu ela, pensando em suas próprias formas de organizar o mundo, nos cortes abruptos e em como, entre o antes e o depois, existe um só tempo. *Agora*, chama-se... e disse a palavra em voz alta:

— Agora, filho, vamos para casa.



RECOMEÇOS

ELISAMA SANTOS

Hoje acordei com muita saudade de conversar com você. Uma saudade tão grande que rasga o peito... Dói, dói muito, mas não como antes. A dor se transforma, sabe? Nunca acreditei de verdade nisso, mas vivi na pele. Acabei de chegar em casa, participei de mais uma competição. Quem diria, hein? Eu, triatleta! Fiquei olhando a medalha e pensando em como você estaria contente se estivesse aqui, na festa que faríamos ao chegar em casa, nos comentários que você faria sobre o meu cabelo depois de tirar a touca. Consigo escutar sua voz, seu sorriso, seu humor peculiar. Por que a vida fez isso com a gente?

Quando recebi a notícia de que você tinha partido, o mundo virou uma grande bola de ar que me sufocava. Não podia ser, você é meu irmão e eu tenho você ao meu lado desde sempre, não existia seguir a vida sem você. Eu tentei, juro que tentei, mas o ar seguia pesado e incômodo, e eu já não dormia, comia nem trabalhava. Eu queria você aqui, não somente no meu coração. De repente, meus dias estavam cheios de remédios, consultas e da sua ausência.

Você sempre me disse que nosso anjo da guarda fala quando a gente precisa ouvir, e, quando a psiquiatra me recomendou iniciar um esporte, foi o meu me mandando um

recado, tenho certeza. Lembrei-me das nossas tardes no Sesc, das brincadeiras na piscina quando éramos crianças, e fui direto para lá; me matriculei na natação, mesmo sem saber nadar, sem pensar ou refletir. Na primeira aula, contei para a professora de você, da minha dor. Ela me acolheu e fez a piscina me abraçar.

Irmão, lá embaixo d'água tudo era leve: eu, o ar, sua falta. Aquela sensação me fez respirar como eu não fazia havia muito tempo, e eu quis mais. A mãe ia comigo, torcia e acreditava que eu iria aprender. Cada mergulho me alargava o pulmão e soprava vida nas minhas narinas, a piscina do Sesc um útero me preparando para uma nova existência, os remédios saindo, a tristeza escoando, a alegria voltando para mim.

Eu já amava pedalar e correr, a natação virou mais um prazer. Juntei tudo, participei da minha primeira competição e vi que eu conseguia: nadar, respirar, seguir; mesmo sem suas piadas de mau gosto. Eu consegui, meu irmão. Eu queria você aqui, me vendo na piscina, gritando na arquibancada, chorando como um bobo abraçado com a mãe. Mas eu te sinto, sinto sempre. Assim, vou seguir nadando e brincando na água, como quando a gente era pequeno, como fiz quando entrei naquela aula no Sesc pela primeira vez.

Promete que vai continuar torcendo por mim de onde quer que você esteja?

Eu prometo que vou fazer a minha parte daqui.

Te amo. Ontem, hoje e sempre.

Um beijo estalado,
Sua irmã, Aryanne



UM EXEMPLO

LEONARDO PIANA

Não era mesmo tarde quando entrei na piscina? Em 2014, o corpo, o meu, estava acostumado a outras rotinas, menos precisas e conscientes. Talvez por isso mesmo tenha me inscrito: aprenderia a nadar aos 65 anos. Era junho — me lembro disso por causa do frio que fazia. A água gelada parecia ainda mais distante de mim, um obstáculo a mais.

No primeiro dia, fiquei na borda, observando, mais tempo do que dentro da piscina. Também nisto consiste um esporte: em observação, uma tentativa esforçada de entender como algo funciona. No caso da natação, a observação dos movimentos do corpo entrando e saindo da água, o ritmo da respiração — eu queria aprender tudo. Dentro d'água, estava aprendendo.

Em novembro, me colocaram numa competição. Quanto exagero, na minha cabeça, eu nem sabia nadar direito, ainda. Quando encostei na borda e olhei para o lado, vi que tinha chegado antes de alguns. Depois, chamaram o meu nome: “Oviedo”. Disseram “prata” e chamaram-me para que subisse ao pódio: “Venha”. Segurei a medalha sem saber muito bem o que fazer com ela: minha primeira.

Passei a ir duas vezes por semana, nunca faltava, chovesse ou fizesse Sol, não importava. A disciplina é um contágio, toma conta da vida, de tudo: minha alimentação ficou mais

limpa; meu sono, mais descansado. Nada que eu escolhia era sacrifício: a natação pedia, eu fazia por ela, pensei primeiro. Mas estou mentindo: era por mim mesmo que fazia tudo isso. Queria entender até onde dava pé.

Com o passar dos anos, uma medalha aqui, outra ali, e de repente vieram muitas, acumularam-se na parede. Eu mesmo não contei, alguém o fez por mim: trinta e cinco, eu quase nem acreditava. Era mesmo um bocado de metal pesando no pescoço, senti quando coloquei todas elas para fazer uma foto.

Quando chega alguém novo na turma, a pessoa com frequência fica perto da escada, como eu mesmo ficava. Segura na borda, se solta, volta a segurar.

O professor tentou orientar, o aluno novo não saiu do lugar. Numa pausa, parei perto dele. Não falei muita coisa, não sou muito de falar. Só mostrei com o corpo: solta, tenta, vai, volta se precisar. E ele tentou, mesmo. Afundou um pouco, atrapalhou-se ao voltar para a borda.

Na segunda tentativa, a gente sempre vai um pouco mais longe. Na terceira, talvez a gente até atravessasse a piscina, chegue do outro lado, fique parado e olhe para a borda oposta, sorrindo: ele fez isso.

Aquele sorriso, eu o reconheço.

Tenho 76 anos, em breve farei 77. Logo esse rapaz vai me dizer que sou “um exemplo” para ele: de nadador, de disciplina, com toda essa idade. Mas eu não quero ser um exemplo disso. Quero ser um exemplo de que não é tarde para atravessar uma piscina a nado. Para uma conquista pequena, que, por menor que seja, é sempre uma conquista. Para apaixonar-se, por exemplo, por um esporte.



ESCOLHAS

ELISAMA SANTOS

A exoneração na Receita Federal pareceu uma loucura. Os pais quase enlouqueceram, os amigos não acreditaram que ele seria tão irresponsável. José Nilson sabia o que o movia e não havia irresponsabilidade alguma em sua escolha. Não tinha a ilusão dos jovens que acreditam que existirá algum caminho de pura felicidade e satisfação, a vida é cheia de reveses e alguns dias serão mais difíceis que outros. Haverá dias em que sentirá a alegria e a satisfação tomarem seu coração; em outros, as obrigações serão cumpridas porque precisam ser. Mas, no Sesc, esses dias eram a exceção. Lá, na maior parte do tempo, havia um sentimento de conexão que fazia da segunda-feira um dia comum, não o sinônimo do início do martírio.

Queria que todos entendessem sua escolha, que não criticassem a decisão que foi tão pensada e, principalmente, sentida. Sentida nas noites de sono tranquilo, nos sorrisos trocados ao longo do dia, na preocupação com os colegas que se tornaram amigos, nas conversas à mesa do almoço. A rotina não seria fácil, mas podia ser menos difícil.

Escolheu o caminho que lhe soava o melhor, e não havia qualquer impulsividade nisso. Talvez os 40 anos recém-completados no Sesc não fossem a prova de que foi a escolha certa.

Talvez estivesse melhor financeiramente se tivesse trilhado outro caminho. Talvez tivesse mais filhos ou a pressão estivesse normalizada em vez dos malditos 14x9 que o perseguem. Mas o orgulho diante do que faz deve significar algo. A vontade de continuar também.

A lista de coisas que faria se pudesse voltar no tempo não é pequena. Jamais usaria a fantasia de cowboy da festa junina de 2002. Não cortaria o cabelo na barbearia da esquina, mesmo que quisesse muito ajudar o jovem proprietário. Não compraria aquele Gol 2010 que lhe deu tanta dor de cabeça. Tomaria mais sorvete com a filha, pois os domingos passaram rápido e ela mora longe para o seu pobre coração de pai. Mas as escolhas profissionais não mudariam. Essas, ele faria exatamente iguais.



**FRANCISCA
NA ÁGUA**
ELISAMA SANTOS

Na água, o corpo não sente a própria idade. Francisca demorou a descobrir isso. Por anos, a rotina preencheu seus dias com obrigações e cuidados com o marido, filhos, casa. Uma dor aqui, outra ali, o passar do tempo, aos poucos, entregava uma conta que parou numa gaveta imaginária por anos. Na velhice, a gaveta se recusou a fechar, e ela precisou se haver com juros e multas. As pernas já não tinham a agilidade de antes, os braços demonstravam uma capacidade reduzida de abraçar o mundo como sempre fizera. Aquela lentidão a irritava. A mente se recusava a aceitar que dividia a existência com um corpo que pedia novos cuidados.

A natação entrou em sua vida quando achava que já não havia espaço para esse tipo de novidade. Não que acreditasse que era hora de ficar em casa, sentada no sofá, fazendo crochê. Esse, definitivamente, não era o seu perfil. Apenas não achava que aprenderia algo tão novo nessa fase da vida, afinal, manter o que já sabia, às vezes, parecia difícil demais. Com a saída dos filhos de casa e a aposentadoria do marido, decidiram que aproveitariam melhor os dias. Os pacotes de viagem do Sesc foram uma descoberta transformadora. Pelo menos duas vezes

por ano conheciam algum destino diferente e, quando não estavam viajando, planejavam a próxima aventura, pensando em cidades, praias e lugares para desbravar.

Quem acredita que existe data-limite para se divertir está enganado demais, a cada dia tem mais certeza disso. Mas precisa assumir: não acreditava que, depois dos 60, começaria um novo esporte, e que, aos 80, encontraria na piscina uma companheira tão querida.

Uma braçada após outra, puxar e soltar o ar, o corpo aprendendo um ritmo especial. A água oferece um colo acolhedor e, nele, ela entrega tudo. As aulas são um compromisso inadiável, marcado na agenda e na alma. Quem diria que um maiô seria a peça de roupa mais preciosa e usada do guarda-roupas?

A natação no Sesc lhe trouxe um fôlego que ia muito além do necessário para mergulhos, expandiu mais do que os pulmões. Era uma nova Francisca, e ela amava isso.



JANELA
LIMIAIR ENTRE A CASA E A RUA

Toda casa nos prepara para o mundo

“Adélia não respondeu. Anotou mentalmente a frase, como fazia sempre, mas não para contar depois. Aquela não era uma história a ser recolhida.”

LUGARES SÃO NOSSAS HISTÓRIAS

LEONARDO PIANA



Adélia chegou ao Centro Cultural numa terça-feira. Passou a mão pela parede do corredor. Fazia isso desde Recife, desde o Cais de Santa Rita. Foi lá que aprendeu que os lugares também têm memória, e que às vezes é mais fácil conhecê-las com o toque. A parede lhe contou sua história. Tanta, tanta coisa tinha acontecido ali dentro...

Naquela tarde, ela conduziria um grupo pequeno do “60+”, uma visita comentada ao teatro, com conversa, pausa, tempo para olhar. Entre os nomes da lista, um chamou sua atenção: Eunice, 88 anos. Nada mais, nenhuma observação.

Quando o grupo se reuniu no saguão, Adélia apresentou-se a eles, notou Eunice, devia ser ela. Enquanto caminhavam, a senhora ficava sempre um passo atrás, no seu vestido florido, os cabelos brancos, elegantemente penteados para trás. As mãos cruzadas à frente do corpo, o olhar fixo na porta fechada do teatro.

— A senhora já entrou aqui? — perguntou Adélia.

Eunice negou com a cabeça. Demorou um pouco para completar.

— Passei a vida toda em frente.

Não explicou mais nada. Não precisava.

Quando as portas se abriram, o grupo avançou aos poucos, em pequenos blocos. Alguns comentavam o tamanho da sala, outros procuravam lugares conhecidos. Eunice parou na soleira, o corpo rígido.

Adélia percebeu que aquele era o centro da tarde. Não a visita, não o prédio: aquele instante.

— A senhora pode entrar quando quiser — disse.

Eunice respirou fundo, Adélia estendeu o braço, demonstração de que sim, estava ali. Eunice o segurou. Foi um gesto rápido, quase envergonhado. Entraram juntas.

Lá dentro, Eunice não se sentou como os demais. Andou devagar entre as fileiras, tocou uma poltrona, depois outra, olhou o palco.

— Eu achava que isto aqui não era pra mim — disse.

Adélia não respondeu. Anotou mentalmente a frase, como fazia sempre, mas não para contar depois. Aquela não era uma história a ser recolhida.

No fim da visita, enquanto o grupo se dispersava, Eunice ficou mais um pouco. Adélia enxergou o vestido florido em meio às poltronas — a beleza daquela cena. Eunice disse que agora entendia por que o prédio nunca tinha saído da sua paisagem. Disse que voltaria.

Na semana seguinte, voltou. E na outra. Às vezes se sentava ao fundo, às vezes só passava pelo saguão, sempre procurava Adélia com o olhar, a cumprimentava com a cabeça. Sempre a elegância, sempre.

Meses depois, ao registrar memórias com o grupo, alguém perguntou a Adélia por que ela fazia aquilo. Ela pensou no Recife, na mudança, no Sesc Glória, em Eunice um dia parada na soleira. Pensou no gesto simples de oferecer um braço para que a senhora entrasse.

— Porque os lugares podem ser nossas próprias histórias — disse, por fim.

SEGUNDOS QUE MUDAM TUDO

ELISAMA SANTOS



Acidentes acontecem rapidamente. São necessários poucos segundos para que o inesperado nos assombre com as suas garras afiadas. Carros se chocam porque um dos motoristas deixou cair o café que trazia nas mãos, quedas em piscinas ocorrem por conta de um tropeço, painéis de pressão que, incapazes de exercer a função para a qual foram programadas, explodem, espalhando feijão por toda a cozinha. Mas, diferentemente do acontecimento em si, as consequências de um acidente podem levar uma vida inteira para desaparecer. Por vezes, apenas não desaparecem, e quem as conduz passa o resto dos dias descobrindo mais formas de viver.

A história de Renato, assim como tantas, foi transformada numa questão de segundos, e coube a ele reaprender a fazer o que, até bem pouco tempo antes, era natural como acordar.

Depois de algum tempo de internação, o corpo pode desaprender a realizar o básico, e é preciso aprender a mover-se, segurar copos e talheres, pôr um pé após o outro, lembrar os joelhos e cotovelos de que não nasceram para a rigidez. Ele não lembrava quando começou a andar, abaixar-se ou subir e descer escadas. Movimentos que sempre lhe pareceram tão

naturais ganharam contornos estranhos. A mente comandava, mas o corpo, birrento, tinha vontade própria. Coisa estranha precisar de profissionais para ajudá-lo a fazer o que nunca foi uma dificuldade.

Quando teve alta da fisioterapia, recebeu a missão de fortalecer os músculos para ajudá-los a sustentar aquele novo corpo-criança que precisava de apoio para saber viver. No Sesc, a academia ampliou as possibilidades. Fora do ambiente hospitalar, cuidava do corpo como quem se diverte. A fase mais difícil passou, já não se sentia traído pelos seus membros, fizeram as pazes. Não podia voltar no tempo, não conseguia alertar seu eu do passado sobre os perigos que o aguardavam logo ali. Só lhe restava aceitar que a vida mudou e que isso não significava, necessariamente, que seria ruim.

Foi amado e cuidado como nunca, fortaleceu os músculos e a alma, fez novas amizades, descobriu partes de si que não conhecia. Era mais forte do que imaginava e mais humano do que gostaria.

A BATIDA DO FUTURO

LEONARDO PIANA



Perto de mim, as pessoas falavam baixo, como se eu fosse feito de vidro. Eu tinha 8 anos, e foi mais ou menos nessa época que meu pai foi preso e passei a morar de vez com meus avós. Eles não perguntavam muito. Faziam comida, acordavam cedo, cuidavam de mim como se eu fosse muito frágil e tivessem que me segurar com as duas mãos, para que eu não caísse.

Mas eu não era um menino de vidro, não.

O primeiro dia no Sesc Cidadão não teve nada de especial. Pelo menos é assim que lembro agora. O que eu lembro: um portão, uma sala muito grande, gente que não conhecia. Fui porque disseram que era bom, porque ajudava, porque ocupava o tempo. Mas tinha uma coisa diferente: ninguém ali parecia me tratar como cacos de um objeto quebrado, que precisavam ser colados, como as outras pessoas faziam. Eles me levavam a sério.

Demorei para falar, preferia ficar olhando. Gostava das atividades que exigiam de que eu corresse, pulasse e gastasse o excesso de energia que carregava sem saber que tinha nome para isto, para o excesso. Um dia colocaram um tambor no meio da sala, disseram para a gente experimentar. Primeiro

bati com força de mais, depois com força de menos, até encontrar um ritmo: o meu. Foi a primeira vez que senti que dava para dizer sem usar as palavras.

Às vezes elas ficam escassas, as palavras. São o contrário do excesso.

O acontecimento que não me larga veio uns meses depois. Era uma apresentação simples, nada demais. Eu ia tocar percussão com outros meninos. Antes de entrar, minhas mãos tremiam. Pensei no meu pai (preso), pensei nos meus avós (deviam estar sentados na primeira fila), pensei em tudo (não sei explicar nada). Quando comecei a tocar, errei, um erro feio, o som saiu torto, eu estava fora do tempo, queria parar, *por favor, me deixem parar agora mesmo*.

Ninguém riu, nenhuma interrupção, nenhuma trava.

Quando terminei, vi meus avós de pé. Vi minha avó chorando, silenciosa como ela era. Vi meu avô bater palmas daquele jeito dele, fora do ritmo, como sempre. Vi as pessoas diante de mim dizendo sem dizer: “Sim, vá em frente”. O que era muito para alguém como eu, acostumado às negativas. Vi que meu erro também podia ser eu: ser erro e, ainda assim, ser visto.

No Sesc, comecei a falar. Não muito, não tudo, mas o suficiente. Falei então da raiva que a gente sente de vez em quando, da vergonha que às vezes pesa sobre os ombros, do medo de virar alguém que não queria. De volta, ouvi que sim, que é normal sentir isso também, mas que minha história estava só começando. Agora, no ensino médio, penso no amanhã. Quem sabe o futuro não me deixa entrar na Marinha? Quem sabe não me permite ficar perto de casa, perto dos meus avós? Quem sabe o futuro me ensina até onde eu posso ir? Já sei o ritmo. Já conheço a batida.

REENCONTRANDO PRAZERES

ELISAMA SANTOS



A juventude é inundada de certezas. Jovens acreditam conhecer o mundo melhor que todos os outros, são tão cheios de si que mal cabe a existência para além das próprias expectativas. O caminho de Adão parecia igual ao de qualquer outro, até que uma consulta médica mudou tudo. Injusto dizer que tudo aconteceu naquela consulta, mas foi lá que tudo ganhou nome: as dores de cabeça, a visão constantemente embaçada, os óculos cada vez menos eficazes. Perderia a visão em breve, disse o médico, explicando com termos técnicos quais eram as expectativas e os prognósticos. As palavras soavam distorcidas e a notícia parecia uma lama viscosa se espalhando sobre seus sonhos e projetos.

Não sabe dizer exatamente o dia em que a leitura se tornou algo impossível, sabe apenas que a saudade dos livros e das suas histórias doía profundamente. Aprendeu a aceitar sua condição, a descobrir que lhe restavam outros tantos sentidos, igualmente potentes e importantes. Aprendeu que as previsões catastróficas que foram criadas em sua juventude faziam parte das certezas que não se concretizaram. Mas aquela falta da narrativa se desenvolvendo no papel, da ansiedade

para saber o que aconteceria, do silêncio cheio de palavras, ainda marcava a alma.

Foi na biblioteca do Sesc que teve acesso à tecnologia assistiva para a leitura. Lá, descobriu que seus dedos podiam transmitir as palavras para o coração. Que os livros podiam ser sentidos e escutados, que o universo continuava enorme esperando por ele. Reencontrou a literatura como quem abraça um amigo querido depois de uma temporada distante. O amor e a conexão permaneciam vivos. Com os livros, vieram os saraus, as rodas de bate-papo, os clubes de leitura e toda a programação cultural do Sesc. Vieram amizades e interesse compartilhado. Ele, que achava que os livros faziam parte do passado, foi mediador de um encontro sobre uma leitura que o tocou!

Com o tato, decifra personagens, desbrava mundos, conhece novos autores. As prateleiras repletas de livros abraçam uma existência completa e complexa. Cada história lhe conta que a vida é maior que seus medos e ansiedades sobre ela.

Cada página é uma conquista única e singular.

SONHOS

ELISAMA SANTOS



Enfeitaram a sala com carinho. Fotos do Jalapão foram espalhadas pelo ambiente, dando pistas do que estava por vir. Lourinaldo adivinharia? Ele e a família foram selecionados para o projeto Descobrimdo o Brasil e iriam conhecer o Jalapão com todas as despesas custeadas pelo Sesc. A filha foi a primeira a ver a notícia e preparou uma surpresa para comunicar ao pai. Que sorte a dele, comemorar os 60 anos no paraíso que sempre sonhou conhecer, e o melhor: com tudo pago.

A história de que a vida dela começou no Sesc Deodoro foi contada pelos pais inúmeras vezes, encenada algumas outras. O pai frequentava o lugar havia muito tempo. Ele jogava dominó, futebol e passava o fim de semana na piscina, mas foi no restaurante que encontrou a mulher que transformaria sua vida para sempre. Quando narra esse momento da história, ele sempre segura a mão da esposa e diz que conheceu o amor da sua vida.

Naquele dia, quase que ele não foi almoçar lá. Tinha pensado em aproveitar o horário de almoço para resolver pendências no banco, mas a fila estava milagrosamente pequena e, em poucos minutos, ele estava livre. A mãe também tinha outros planos: iria comprar um vestido para a formatura da amiga,

mas a colega que a substituiria no turno seguinte pegou uma virose e ela precisava almoçar e voltar para o trabalho. Assim, em uma sequência de imprevistos, o encontro aconteceu como tinha de acontecer. Ficaram juntos na fila, ele inventando motivos para conversar com a mulher linda que estava à sua frente; ela tentando ser educada, sem demonstrar interesse pelo rapaz risonho que comentava cada prato do *buffet*.

Logo estavam namorando e, algum tempo depois, a filha, fruto desse encontro inesperado, vinha ao mundo.

Se os planos tivessem dado certo naquele dia longínquo, se cada um tivesse seguido o rumo que desenhara para si naquela manhã, não estariam naquela sala, naquele momento, comemorando a viagem dos sonhos que logo se tornaria realidade.

“Um viva às surpresas da vida!”, Lourinaldo repetia constantemente. E logo ele passaria pela porta e receberia a notícia de que havia mais uma surpresa a ser brindada.



O ônibus estacionou em frente ao escritório. Belido o observava na calçada. Dentro das salas, o burburinho dos colaboradores animados. Quem diria que o estagiário toca triângulo? E de onde veio aquele bolo delicioso que está passando de mão em mão? Por alguns instantes, apenas admira o que construiu: o vínculo com aquelas pessoas, o reconhecimento do próprio trabalho, a possibilidade de levar todo mundo para o Sesc de Tepequém para uma confraternização diferente.

A placa com seu nome na fachada era uma junção de força, determinação e uma pitada de milagre. Muitas vezes, a sopa do final da tarde do Sesc era a única refeição de um dia cheio de esforço para mudar a própria realidade. Começar a frequentar o restaurante foi uma conquista, daquelas que mereciam comemoração.

Quem diria que passaria da sopa a levar mais de vinte colaboradores para uma viagem? Às vezes ele mesmo se surpreendia ao lembrar a própria caminhada. Aquela era, sem dúvidas, uma ocasião especial. Talvez por isso seus esforços atravessaram sua mente em retrospectiva, a vida o convidando à contemplação.

Nada lhe chegou por acaso. Agarrou cada oportunidade com força, fez abrir as portas que permitiram uma pequena

fresta. Por meses caminhava até o Sesc, após um dia inteiro de trabalho, para participar do curso preparatório para o vestibular, ofertado por um valor que, com esforço, cabia no seu orçamento. Sonhava com o dia em que teria seu próprio espaço, que não moraria de favor na casa de ninguém, que chegaria à sua sala, tiraria os sapatos e descansaria no próprio sofá enquanto a vinheta do jornal anunciava o final do dia. O resultado do vestibular confirmou o início de uma nova vida, José Belido, estudante da Universidade Federal de Roraima.

Vinte e cinco anos depois, estava ali: contador, advogado, perito em Contabilidade, com um escritório próprio e mais de vinte colaboradores, todos com Credencial Sesc — convênio que fez questão de firmar como reconhecimento pela própria trajetória e oportunidade para os que cruzassem o seu caminho.

— Todos prontos? — o motorista perguntou, animado para colocar o pé na estrada.

— Mais prontos do que nunca! — respondeu José Belido, sorrindo.

Abriu a porta convocando a tropa. O final de semana prometia muitas alegrias.

UM LUGAR SEGURO

LEONARDO PIANA



As ruas começaram a ganhar algum movimento: mães empurrando carrinhos de bebê, crianças com mochilas nas costas, vendedores montando as barracas. O portão ainda estava fechado quando Lady Laura chegou ao Instituto Embalando Sonhos. Ela segurava um molho pesado de chaves, ficou parada um instante, olhando o prédio. Era um hábito antigo, dos anos em que tudo parecia poder desaparecer de um dia para o outro.

Entrou, acendeu as luzes da cozinha e foi direto ao quadro onde anotava tudo: as entregas previstas, os nomes das turmas, o que ainda faltava. Havia um espaço em branco naquele dia: a doação do Sesc Mesa Brasil estava confirmada, mas o horário, não.

Em tempos normais, isso não a abalaria, mas aquele não era um tempo como todos os outros. A pandemia tinha levado muita coisa embora, o Instituto tinha crescido rápido para um cenário que encolheu de repente. Lady Laura sabia o que significava faltar comida: a imagem de uma criança muito quieta, que já não reclama porque já reclamou demais.

Enquanto organizava as salas, ouviu passinhos no corredor. Mariah Lorena, de quatro anos, puxava uma mochila

quase maior que ela. A menina entrou correndo, parou ao ver Lady Laura.

— Hoje tem café? — perguntou.

Lady Laura se agachou, ajeitou o laço branco, torto do cabelo da menina.

— Tem sim. Sempre tem.

Aquilo era um pacto diário que precisava ser renovado, e era ali que o Sesc Mesa Brasil entrava. O barulho do caminhão chegando, as caixas sendo descarregadas pelos homens, o cheiro de fruta fresca, de comida, sinais de que o dia podia começar.

Naquela manhã, porém, o caminhão atrasou. As crianças estavam sentadas — algumas delas inquietas, outras muito caladas. Lady Laura circulava entre elas inventando pequenas tarefas. *Use o jogo de cintura que a vida te deu, querida*, dizia a si mesma. Então pedia ajuda a um para arrumar as cadeiras. Para outro, pedia que fosse buscar um apagador na secretaria.

Quando finalmente ouviu o som do motor na rua, *graças a Deus*. Correu para ajudar na descarga, conferiu os itens, assinou os papéis, gestos automáticos. Carregava uma caixa de iogurtes quando Jessica Caroline se aproximou, o rosto cansado das noites mal dormidas.

— Lady, posso conversar um minutinho?

Foram para o canto do pátio, longe das crianças. Jessica segurava uma sacola vazia, daquelas que mais tarde voltariam cheias para casa.

— Ontem eu pensei que não ia dar — disse. — Acabou tudo. Eu tentei segurar, mas as férias chegaram, as crianças em casa o dia inteiro... Eu fiquei com vergonha até de vir. E aí eu lembrei daqui. Lembrei que vocês não fecham a porta. Que sempre dão um jeito. Isso aqui não é só comida, Lady. É saber que a gente não está sozinha.

Lady Laura não respondeu de imediato. Olhou para o pátio, onde algumas crianças já começavam a comer, as mãozinhas delas segurando os copos, os olhinhos atentos, os corpos relaxando aos poucos. Na memória, veio-lhe tudo que tinha sido necessário para que aquele momento existisse.

— A gente só consegue porque não faz sozinha — disse, por fim. — Tem muita gente sustentando isso junto.

Mais tarde, Lady Laura entrou na sala onde aconteceria a aula de canto coral. As vozes ainda desafinavam, mas havia entusiasmo, o que é mais importante. Ela se encostou na parede, as crianças cantavam diante dela. Tinham comida, o que às vezes significa o mesmo que ter onde pisar, ter uma voz para cantar, ou mesmo ter um lugar seguro onde usar essa voz.



UMA VIDA RICA

ELISAMA SANTOS

Comecei a frequentar o Sesc por causa do restaurante. Comida boa, fresquinha, barata e em um lugar agradável. Isso foi há muitos anos, mais de vinte. Um dia, estava sentada almoçando e uma moça me disse que teria um show de uma banda que eu gostava muito na época. Uma banda que nem todo mundo conhecia, mas viria para cá! Achei muito legal. Na noite do show, tive curiosidade de olhar a programação do mês. Nossa, tinha tanta coisa! Show, espetáculo de teatro, oficina de escrita... Eu não nasci rica e, naquela época, como o dinheiro era muito contado, essas coisas sempre me pareceram privilégio de quem podia pagar. Mas vários desses eventos eram gratuitos, outros tantos tinham um valor tão acessível quanto o do almoço. Passei a vir com cada vez mais frequência.

E foi assim que descobri as viagens. Eu nem sabia que no Sesc existiam tantas possibilidades! Conheci tantos lugares legais! Gramado, Penha, Curitiba, Torres! Viajei com amigas e, muitas vezes, ganhávamos pequenos mimos e demonstrações de carinho dos funcionários. É um clima tão gostoso, tão acolhedor.

Quando a Eloá nasceu, não tive dúvidas: vai estudar lá no Sesc. Educar uma criança é tão difícil, a maternidade toma o nosso tempo e a gente nem percebe direito. Não estou recla-

mando não, amo minha filha mais que tudo nesse mundo, mas não dá para negar que exige um tempo enorme. Ainda bem que no Sesc consigo cuidar dela e de mim. Ela vem para a escola e para as atividades culturais, enquanto participo das minhas atividades e frequento a academia. Tudo em um mesmo lugar. É a minha rede de apoio. Nas férias e feriados não perdemos a oportunidade de ir para o Sesc Tepequém. Eu brinco que lá é a nossa casa da montanha. Chique isso, não é?

Consigo proporcionar coisas para a minha filha que nunca imaginei que conseguiria. Ela não está crescendo acreditando que viver bem é um privilégio que não lhe pertence. É um direito! Uma infância cheia de experiências de viagem, música e teatro deveria ser o normal. Não foi para mim, mas é para ela, e tenho um orgulho enorme disso.



A HERANÇA

ELISAMA SANTOS

Deixou de frequentar a escola ainda criança. Quer dizer, não tão criança assim. Com 12 anos, uma menina tem as suas obrigações com a casa, com os irmãos, com os pais. Não é que não gostasse de estudar, longe disso, fazia gosto em aprender. Mas nem tudo o que se quer se pode fazer, e isso Lisiane aprendeu muito cedo. Já sabia ler e escrever, somar, subtrair, dividir e multiplicar, isso bastava para a vida que levaria. Era chegada a hora de lavar, estender, passar, varrer, banhar, cozinhar, auxiliar na colheita. A realidade era dura, e cada membro da família precisava fazer sua parte.

Quando saiu da casa dos pais e casou-se, as obrigações continuaram lhe ocupando todo o tempo. Às vezes até pensava em voltar a estudar, mas o que uma mulher do seu tamanho faria em uma sala de aula cheia de crianças e adolescentes? Estava velha para isso. As coisas da vida têm hora certa de acontecer, e a sua hora, definitivamente, já havia passado. Naquele momento, precisava manter o uniforme do marido limpo, os panos de prato alvos, a poeira distante dos móveis.

Os filhos vieram, e a ideia de voltar à escola foi enterrada em definitivo. Além de cuidar da casa, do jantar, das roupas limpas e passadas, precisava manter aqueles pequenos seres

vivos, limpos e livres de doenças. Sua escolaridade não importava, a sua responsabilidade era checar se a atividade de matemática foi entregue e se a cartolina foi comprada.

Quando as crianças cresceram, a vida já estava definida. Exercia seu papel de gerente da vida de todos, e não havia espaço para aprender geografia, química ou física. Quem marcava as consultas, comprava os remédios e garantia que o açúcar não faltasse no armário?

Um dia, entre reclamações do preço da carne e gargalhadas sobre a vida, a irmã comentou sobre o Sesc EAD EJA. Educação para jovens e adultos? E a distância? Nem sabia que era possível. Começou desconfiada, com medo de não dar conta, de já não ter uma mente disposta a aprender. Mas a menina que tinha sido estava viva, disposta e capaz. Concluiu o ensino médio junto com o filho.

Não deixaria dinheiro quando partisse dessa vida. Não tinha mansões e bens materiais, mas, como mãe e avó, deixaria a disposição e o amor pelo saber. E isso ninguém pode tirar. Que rica herança!



Sentado no sofá, Mauricio observa o ambiente. Lembra-se de quando comprou aquele sofá. A esposa reclamava do antigo havia muito tempo. Era pequeno, não cabia a família inteira. Estava velho, ela morria de dor nas costas ao se demorar nele. Tinha perdido a cor vistosa que já tivera um dia. No dia em que recebeu a notícia de que seria promovido, fez uma surpresa. Ela achava que iriam almoçar fora, mas pararam na loja de móveis no caminho. A alegria de vê-la tocando estofados enquanto transitava feito criança pela loja foi bonita de ver. O trabalho possibilitava essas coisas: comprar o que era preciso e um pouquinho do que não era; mimar quem ele amava. Por isso, por tanto tempo após a aposentadoria, sentou-se naquele sofá com a sensação de vazio tomando todo o corpo. O que se faz quando não se tem um serviço para onde ir?

Começou a trabalhar ainda menino, aprendeu que o trabalho dignifica o homem e sempre acreditou nisso. Homem em casa sem fazer nada? Isso não era certo. Não sabia o que fazer direito sem uma rotina que estruturasse o dia, sem hora para acordar, sair e chegar. Quem vive solto assim? Conversando com um amigo, descobriu que o Sesc promovia a prática de esportes para pessoas idosas e, um tanto desconfiado, um tanto

curioso, decidiu visitar uma unidade. Sempre teve um pé atrás com atividades voltadas para idosos. Imagina um monte de velhinhos juntos, reclamando de dores e se movendo lentamente. Ele era um homem forte, não queria que o confundissem com alguém que já não tinha agilidade e sagacidade.

Logo na primeira visita, seus preconceitos se dissiparam. Pessoas alegres caminhavam, sorriam, brincavam e competiam em um grande ginásio. Aquela cena ficou marcada em sua retina. Estava vivo, como todas aquelas pessoas. Era mais que um velho aposentado. Em pouco tempo estava participando de campeonatos e aproveitando as viagens para conhecer o país, desbravando uma nova forma de ser digno e produtivo, descobrindo que era capaz de muito mais.

O som da buzina na porta de casa avisa que é hora de sair. Confere os documentos e pega a mala, pronto para mais uma viagem. O Brasil é lindo demais, que bom ter tantas horas disponíveis para conhecê-lo.



RUA
DE VOLTA AO MUNDO

Algumas casas nos devolvem ao
mundo melhores do que entramos

“Naquele lugar, a gente continuava aprendendo coisas um do outro. Mesmo depois de tanto, tanto tempo.”

AS CASAS QUE NOS DEVOLVEM AO MUNDO

LEONARDO PIANA



No dia em que atravesssei novamente o portão do Polo Educacional Sesc, eu não era mais aluna. Isso pode até parecer simples de dizer, mas não é. O corpo não acompanhava, as pernas diminuíram o passo sozinhas, como se ainda estivessem habituadas ao ritmo antigo, aquele em que a gente chega atrasada e confia que tudo vai dar tempo.

Era estranho voltar sem uma mochila pesada às costas, sem uniforme, sem o peso das expectativas que eu carregava aos 17. O mundo tinha mudado, eu tinha mudado, mas aquele lugar permanecia quase igual. O mesmo caminho, as mesmas árvores, o mesmo vento cortando o pátio logo cedo. Passei por alunos. Eles não me conheciam, e por um instante senti inveja deles, não por estarem ali, como eu mesma tinha estado, mas por ainda não saberem o quanto aquilo ia marcá-los. As experiências inéditas.

É estranho voltar aos lugares que mudaram a nossa vida, tanto tempo depois.

Eu tinha ido resolver algo pequeno, burocrático, coisa rápida. Pelo menos era o que eu repetia para mim mesma. Mas o corpo traiu essas desculpas e me levou direto ao teatro do

Polo. Empurrei a porta com cuidado, como se pudesse atrapa-lhar alguém, mesmo sabendo que o espaço estaria vazio àquela hora. Eu conhecia os horários, o toque da maçaneta, o cheiro das poltronas.

Sentei-me no fundo, no lugar onde costumava me escon-der nos dias difíceis. Ali, fiquei pensando em quem eu tinha sido quando cheguei. Pensei numa menina cheia de referên-cias inventadas sobre o “ensino médio perfeito”, carregando livros, filmes, expectativas de sobra. Também pensei em quem eu tinha me tornado ali dentro, sem nem perceber. Alguém que aprendeu a falar em voz alta, a errar na frente dos outros, a sustentar um silêncio incômodo quando era preciso.

Devo ter ficado muitas horas. Enquanto estava ali, um ensaio começou, alunos muito jovens entraram no pal-co sem saber que, lá no fundo, no escuro, eu os observava. Erraram textos, riram, tentaram de novo, e aquilo mexeu com força em algo permanente, mas muito insubstancial. Um pensamento me vinha insistente, *isso tudo já foi meu.*

E agora não é mais.

Senti medo. De ter passado rápido demais. De não saber quem eu era sem aquele espaço me organizando por dentro. Lembrei-me da formatura, do vazio que veio depois, da di-ficuldade de escolher um curso, da sensação de estar atrasa-da no mundo. De voltar ali outras vezes, depois de formada, quase pedindo permissão para continuar, *por favor, alguém deve estar sentindo a minha falta.*

Uma professora entrou no teatro, me reconheceu. Não perguntou o que eu estava fazendo ali, ou por quanto tempo eu ficaria. Disse que era bom me ver. E foi tudo.

Quando o ensaio terminou, fui embora sem chamar atenção. Caminhei pelo campus mais uma vez, sem pressa. Entendi, finalmente, que o que eu chamava de casa não era o prédio, nem os corredores coloridos, os projetos. *Algumas casas não servem para nos proteger, pensei.*

Algumas casas, elas servem para nos devolver de volta ao mundo.

A REVOLUÇÃO DAS PALHAÇAS

ELISAMA SANTOS



Rir de si é uma arte. Transformar a imperfeição em graça é gritar para a vergonha: eu não tenho medo de você! Para uma mulher, viver sem vergonha é uma conquista, sinal de uma liberdade transgressora. Teimosa. Eis outra arte que mulheres precisam desenvolver para viver: a teimosia. Aprendi a desobedecer desde pequena, a subir em árvore e comer a fruta do pé, a chutar bola e jogar pião, a acreditar que a gente pode muito. Mainha abençoou minha liberdade. Painho sabia que a menina arteira era artista.

No dia em que assisti a uma contação de histórias no Sesc Piauí, senti um rebuliço que nunca mais se acalmou. A moça contava a história, a voz hipnotizava tanto que a gente não conseguia sequer piscar. A pele toda arrepiada, a história crescendo dentro de cada serzinho que escutava, uma conexão sem outra explicação que não a magia que só a arte é capaz de despertar. As crianças apoiavam o rosto nas mãos, totalmente entregues. Os adultos deixavam que as crianças escondidas em si se misturassem às demais, em um encantamento contagiante. Ali o tempo passava em outro ritmo, contado por suspiros e gargalhadas. Saí de lá

querendo sentir e provar aquilo também, querendo encontrar o meu jeito de contar e encantar. Um tempo depois, era eu quem estava naquele palco, arrepiando e me sentindo arrepiar, deixando a história crescer até transbordar, observando os olhinhos sedentos pela viagem da narrativa.

Um mundo de gente transbordando o melhor de si é bonito demais, por isso, quando o Sesc abriu vagas para o curso de Produção Cultural para artistas, eu me inscrevi, porque queria viver da arte e ajudar mais gente a viver da arte também. Virou missão de vida, profissão, chamado dos céus. Aqui do meu canto, vou construindo uma revolução cercada de mulheres, grande parte delas palhaças. Rindo, a gente revela a verdade e contagia corações.

Quero que outras Railanes, assim como eu, se permitam existir sem pedir licença, que subam nos picadeiros da vida com o coração cheio de coragem, que se permitam ser esquisitas, diferentes, arteiras, artistas!

A CONTAGEM

ELISAMA SANTOS



Um, dois, três... sete... nove... Viva! Era a quantidade exata. Que sorte!

A mãe estava chateada com a nota de matemática e se recusou a pagar a entrada para o Sesc naquele final de semana, o que Cleyson considerou bastante injusto. Era somente uma nota, afinal. Ele se recuperaria, sempre se recuperava, não havia motivo algum para todo aquele estardalhaço. Colocou a sunga na mochila, umas moedas para comprar picolé e montou na bicicleta rumo à piscina que ele mais amava na vida. A galera estaria toda reunida e não era justo ele ficar de fora por conta de uma prova.

Buscou na lembrança a primeira vez que percorreu aquele trajeto, que passou correndo pelas casinhas coloridas do caminho, que tocou a campainha da casa amarela e se escondeu, mas não encontrou a informação. A sensação é de que sempre fizera aquele caminho, de que o Sesc Interlagos era uma espécie de extensão divertida da própria casa. Foi ali que deu o primeiro beijo, escondidinho atrás da cantina. Foi lá, também, que descobriu que receber um fora dói mais que cair de skate.

Tanta coisa ainda estava por acontecer e ele não fazia ideia! A vida é muito surpreendente mesmo. Seria contratado

como menor aprendiz no Bom Retiro, e o Sesc seria maior que a diversão do final de semana. Seriam os shows das bandas favoritas, os espetáculos de teatro mais marcantes, os filmes inesquecíveis. Lá, conheceria o amor de uma vida inteira e os amigos que seriam os padrinhos dessa união. Também descobriria a profissão que viraria paixão e sustento. Visitar as unidades do Sesc pelo Brasil, como se faz a tias e primos que moram longe, se tornaria uma tradição nas férias e nos feriados.

Um dia, ah, um dia, a contagem de moedas se transformaria em contagem de unidades que conheceria com a sua credencial plena. Dezesete em São Paulo capital, quatro no interior, três em outros estados... Por enquanto...

Mas o futuro ainda não chegou, e ele não sabe o que a vida lhe reserva. Por enquanto, pedala com toda a animação, pedindo a Deus que sopra pra bem longe aquela nuvem que ameaça trazer um temporal e atrapalhar o dia. Eles merecem o céu azul e limpo, uma partida de futebol no campo novo e um *tchibum* na piscina para completar o dia. Na matemática ele pensa depois.

LIÇÕES DE BELEZA

LEONARDO PIANA



Quase todo dia vejo a Elizete de longe. É fácil reconhecer antes mesmo de chegar perto: o cabelo ruivo sempre bem arrumado, unhas feitas, os saltos firmes no chão. Ela vem com a neta pela mão, exibindo a calma de avó — embora uma avó jovem demais.

Comecei a conversar com ela aos poucos, nos horários de entrada da educação infantil do Sesc Goiás. Trocamos comentários simples sobre o tempo, sobre os pequenos — banalidades de quem divide o mesmo espaço. Foi assim, pelo jeito como falava, que fui entendendo quem ela era. A beleza dela, chegando aos 60, também é a sua profissão: deixar as pessoas mais bonitas. Para muitos, isso explicaria muita coisa. Mas, para ela, a beleza não explica — a beleza protege.

Um dia, Maria Clara não quis entrar. Travou na porta, chorou seu choro de menina, agarrada na perna da avó. Foi um choro fundo, quase ancestral. Pela cara da avó, sabia que não era uma birra passageira de criança: era dor. Algo doía na Maria Clara, qualquer um que passasse perto sabia — a gente reconhece a dor do outro, quando dói.

A professora tentou ajudar. Eu fiquei ali perto, sem saber se me aproximava ou não, quais os limites entre nós, duas

conhecidas do portão da escola. Fiquei pensando em que momento a calma viraria impaciência, se é que viraria.

Não virou. Elizete abaixou-se devagar, ficando da altura da menina.

— Eu tô aqui — disse. E estava. Olhando para ela. Mas Maria Clara continuou chorando. Dizia que não queria ficar, que queria ir embora com a avó. Elizete respirou fundo: — Eu também já quis ir embora, meu amor.

Aquilo me chamou a atenção. Não parecia uma frase para acalmar criança, parecia mesmo outra conversa, muito mais áspera e sincera.

Aos poucos, a menina foi diminuindo o choro, se soltando devagar, até aceitar a mão da professora.

— Vamos, querida?

Quando Maria Clara desapareceu pelos corredores, Elizete ficou parada por uma minúscula eternidade, o olhar fixo no local por onde a menina tinha acabado de desaparecer, para fazer o que devia ser feito. Então eu me aproximei.

— Hoje foi mais difícil, né?

— Sim. — Ela hesitou, antes de olhar para mim. — Tem dias que as coisas voltam — disse. — Desde o início.

A gente se sentou num banco ali perto, diante da escola. Foi a primeira vez que a escutei falar da filha — pouco, sim, mas o suficiente para eu entender o que houve. A doença, pouco tempo, uma menina pequena: Maria Clara. E havia o agora — que era o depois para ela.

— Eu não tinha planejado ser mãe de novo — disse ela.

— Mas também não tinha como saber. Não tinha como ser diferente. Fiz o que devia ser feito.

Ficamos um pouco em silêncio.

— E a sua filha? — perguntei, sem saber se devia.

— Ela queria isso pra Maria Clara — respondeu Elizete, olhando em direção à escola. — Esse lugar. Sempre quis que a menina estudasse aqui.

Naquele dia, Elizete não foi direto embora. Ficou mais tempo na unidade, caminhou um pouco, passou pela área dos esportes, cumprimentou algumas pessoas. No dia seguinte,

estava lá de novo: a mesma roupa bem escolhida, o mesmo cuidado com a aparência, a mesma beleza. Maria Clara entrou sem chorar. “Um dia de cada vez”, as pessoas dizem.

Na saída, vi as duas de mãos dadas, conversando sobre algo que eu não conseguia ouvir de onde estava. Elizete ria. De fora, a gente pensa na beleza de uma jovem avó levando a neta para a escola. A gente nunca pensa nas profundezas das histórias. Assistindo à cena, me alegrei que avó e neta tivessem uma à outra.



CORRIDA DE PAI PRA FILHO, CORRIDA DE FILHO PRA PAI

LEONARDO PIANA

Vinícius diminuiu o ritmo quando percebeu o pai alguns metros atrás. Já tinha cruzado a linha de chegada, pausado o relógio no pulso, mas as pernas não entenderam que a corrida tinha acabado. Olhou para o lado, para a frente, depois voltou o olhar para trás. Jeremias vinha firme: o rosto vermelho, a respiração pesada, aquela maneira antiga de correr que o filho, professor de educação física, conhecia bem, e que o tempo não corrigiu.

Vinícius decidiu voltar, não avisou a ninguém. Virou-se e começou a correr no sentido contrário, desviando dos outros atletas, ouvindo os gritos confusos da organização:

— O que você está fazendo? Vinícius!

Enquanto se aproximava do pai, lembrou-se de outra linha de chegada, perdida no tempo. Ele era pequeno, magriçela, em chinelos de dedo, ficava perto da grade, segurando a mão da mãe, esperando o rosto daquele homem suado aparecer no meio da multidão. Jeremias sempre chegava cansado, mas com uma expressão serena, como se correr fosse uma conversa íntima que acabara de concluir, uma espécie de meditação. O menino acenava para o pai:

— Olha ele, mãe! Vem vindo!

Agora era diferente. Vinícius não estava mais do lado de fora.

Quando se encontraram, Jeremias estranhou. Fez um gesto com a mão, porque não conseguia falar, ofegante demais, o que o filho estava fazendo ali? Vinícius não explicou, correu ao lado do pai, ajustou seu ritmo ao dele para dividirem o trecho final.

— Não precisava — disse Jeremias com esforço, a fala entrecortada.

— É claro que precisava — respondeu o filho.

Correram em silêncio, Vinícius olhando de vez em quando para o pai, a expressão plácida no rosto, imaginou o que ele estaria pensando. Que profundezas ocupavam sua conversa interna, depois de tantos anos de corrida? O barulho do público aumentou à medida que se aproximavam da chegada do Circuito Sesc de Corridas.

Vinícius sentiu o peso daquele momento, muito mais no peito do que nas pernas. Lembrou-se de quando era menino, o pai saía cedo de casa para treinar, contava histórias das corridas do Sesc nos anos 80, mostrava medalhas colecionadas numa caixa simples.

Ao cruzarem juntos a linha de chegada, Jeremias olhou de lado para o filho. Havia orgulho em seu olhar, mas também havia outra coisa, muito mais delicada, difícil de nomear. O tempo tinha passado rápido demais, o seu filho era um homem formado, Jeremias estava envelhecendo.

Escutaram as palmas, tiraram fotos, alguém chamou os dois pelo nome. Jeremias abaixou a cabeça por um instante, apoiando as mãos nos joelhos. Vinícius ficou ao lado do pai, esperando.

— Engraçado — disse Jeremias, depois de recuperar o fôlego —, eu te esperava sempre.

— Não, pai — disse Vinícius —, era eu quem te esperava na linha de chegada, com a minha mãe, lembra?

— Não. Eu esperava a corrida inteira para ver vocês.

O filho sorriu para ele. Não sabia o que responder, não precisava.



RITUAL DE FAMÍLIA

ELISAMA SANTOS

Em algumas famílias, o símbolo da adulez é a carteira de motorista. Dirigir é sinal de que a infância ficou para trás, que a responsabilidade bateu à porta, invariavelmente. Em outras, o primeiro copo de cerveja com a família é sinal de que agora se é gente grande. Na minha, foi a carteirinha do Sesc. A mudança de dependente para titular foi uma prova irrefutável de que tinha crescido. Talvez esse seja um fato estranho para alguns, mas aqui significa muito.

Meu pai trabalha no comércio há muitos anos. Para ser sincera, não tenho memória de que possa ter sido diferente em algum momento. Sabe como é, né? A gente realmente acredita que os pais só existem depois que a gente chega no mundo. Pois bem, ele é titular de uma Credencial Sesc desde sempre e isso significava que, nos finais de semana, podíamos atravessar um portal mágico de brincadeira na piscina e dindin de suco em pó! “Se não fizer a atividade não vai para o Sesc”, “Se não arrumar o quarto vai passar o sábado em casa.” Eis a grande ameaça da minha infância. Quer saber o pior? Funcionava.

Quando minha irmã começou a vida profissional, muito além de ter a própria carteirinha, ela passou a trabalhar no

Sesc! Dá pra acreditar? Eu frequentava tudo o que podia. A gente participou de uma excursão para o Sesc Tepequém, em Amajari, e foi simplesmente inesquecível. Os anos passam e aquela viagem não sai do pódio das melhores da minha vida.

E eis que chegou a minha vez! Eu, Bruna Nataly, sou credenciada como trabalhadora do comércio. Agora você consegue entender por que saí, no dia do meu casamento, ainda de vestido de noiva, até a praça em que estava acontecendo um evento do sistema S para perguntar como incluir meu marido como dependente no cadastro do Sesc? Aquilo era um sinal divino, eu não podia desperdiçar!

Já me imagino velhinha, levando meus netos para sábados refrescantes e divertidos no Sesc, organizando viagens para unidades pelo Brasil inteiro e criando memórias inesquecíveis como as minhas.

Ah, eu amo um bom e velho ritual de família.



DINO 1 × SARCOPENIA 0

ELISAMA SANTOS

ABRIL DE 2023

As dores no corpo ganharam um nome: princípio de sarcopenia. Grosso modo, meu corpo está se deteriorando ainda mais rápido que o corpo dos outros velhos. Minha filha me diz para não falar assim, que tenho apenas 74 anos, que posso viver muito mais. De verdade? Não acho que posso. Tudo me incomoda. Andar, tomar banho, sentar para conversar. Em alguns dias quero ficar deitado na cama, poupando meu corpo do intenso trabalho de se sustentar em pé.

JULHO DE 2023

Começar musculação depois de velho parece uma piada de mau gosto. Já disse ao médico que mal consigo sentar e levantar da cama, vou para a academia para passar vergonha? De jeito nenhum. A gente não foge da morte, não importa o quanto tente.

NOVEMBRO DE 2023

Dormi a noite inteira. Estou realmente impressionado. Comecei a frequentar a academia do Sesc há pouco mais de três meses. No dia em que realmente não consegui me mexer,

o medo me invadiu. Sou um homem independente. Voltar a ser criança e precisar da ajuda da minha filha para tomar banho é pior que o meu pior pesadelo. O medo de passar vergonha era grande, mas o medo de perder de vez a pouca autonomia que ainda tenho é maior. Pensei em desistir nos primeiros dias, mas o professor é tihoso, não me deixou escapar. Decidi, então, ir um dia por vez, até quando desse.

FEVEREIRO DE 2024

Dancei o baile de carnaval inteiro. Dá para acreditar? O Sesc cheio, as pessoas com máscaras e as minhas pernas e braços tinindo, como se fosse um garoto! Nem sei dizer que horas cheguei, mas saí no finalzinho. Para quem achava que estava com o pé na cova, ressuscitei, hein?

NOVEMBRO DE 2024

Avisa à minha mãe que cachorro velho aprende truque novo, sim. Um ano frequentando o Sesc Doca, todo santo dia. Aprendi mais que um truque, ganhei uma disposição que nem sabia que era possível na minha idade. Não sou um cara emotivo, mas estou realmente emocionado. O médico me disse que estou curado da tal sarcopenia, ela não contava com a minha determinação: Dino 1 × Sarcopenia 0. Viva!

MARÇO DE 2025

Pode me chamar de louco, mas me inscrevi para uma corrida. Definitivamente me tornei um daqueles velhos que dão trabalho para a morte. Estou me alimentando bem, durmo a noite toda e até parei o remédio para a pressão. Só consigo pensar naquele ditado africano que diz, que quando a morte chegar, ela deve nos encontrar vivos. Tô vivo, dona Morte, vivaço. E pretendo continuar assim por muito tempo.



ENVELHECER SE APRENDE

LEONARDO PIANA

Segunda, terça, quarta, quinta e sexta-feira, a gente não falha. Irani e eu acordamos cedinho, tomamos café sem muita conversa, que não somos disso, e saímos juntos. Já se vão nove anos nesse ritmo do Sesc. Nove anos... Passam num instante.

Moramos em Itumbiara há tempo suficiente para nem lembrar como era a vida antes daqui. Espera, não é isso: a verdade é que o Paraná ficou para trás, como tantas outras coisas. Um estado que virou assunto de visita. Goiás é a nossa casa. Itumbiara é.

Quando ouvimos falar do grupo Vida Plena, logo colocamos nosso nome na lista. O nome do grupo mesmo já era uma expectativa muito alta: *vida plena*. E pode a vida dos velhos ser desse jeito? Disseram que tinha fila — e tinha. Foi mais de um ano esperando. Às vezes eu pensava que nem ia sair. Mas também não tirei o nome.

No dia em que ligaram avisando que a gente tinha conseguido vaga, eu fiquei feliz, claro, mas também meio desconfiada: então estava mesmo ficando velha? Na primeira reunião, chegamos cedo, nos sentamos lado a lado. Tinha gente que já se conhecia. Outros, como a gente, estavam chegando agora. Aos poucos, a conversa foi fluindo.

Num dos encontros, pediram que falássemos sobre uma perda. Não precisava entrar em detalhe, só dizer alguma coisa que tivesse ficado para trás. Pensei em não falar, que não sou muito dessas exposições. Mas Irani apertou minha mão de leve — como faz quando percebe que estou me segurando demais. Então falei da época em que a gente pensou em ir embora de Goiás, um período difícil, das dúvidas que vão surgindo, da vontade de voltar para perto de uma família antiga. Falei que fiquei com medo de ter escolhido errado — algo que não tinha contado para quase ninguém, naquela época. Quase nem contei pro Irani.

Depois, o Irani falou também, sem que eu esperasse, nem ninguém. Coisas que eu nem sabia que ele guardava: pequenas preocupações, inseguranças que ele nunca colocou em palavras. E, de repente, as palavras davam forma às coisas.

— Agora quer dizer que sou velho? — a minha pergunta era também a dele.

Fiquei ali ouvindo e pensando em como a gente vive junto há tanto tempo e, mesmo assim, ainda tem coisa que não chega a ser dita. O próprio tempo, às vezes, se esquia.

Na volta para casa, a gente não conversou muito. Não precisava. No dia seguinte, lá estávamos nós no Sesc de novo: para musculação, pilates ou biblioteca. Mas, de vez em quando, no meio de um exercício ou de uma caminhada, a gente se olhava e dava um meio sorriso frouxo e verdadeiro, sem chamar muito a atenção: o sorriso de quem está aprendendo a envelhecer. Isso também se aprende, afinal de contas.

Outro dia, alguém perguntou por que a gente não falta nunca. Respondi sem pensar muito:

— Porque a gente gosta de estar aqui.

Mas não era só isso, é claro. Naquele lugar, a gente continuava aprendendo coisas um do outro. Mesmo depois de tanto, tanto tempo.



SAUDADES

ELISAMA SANTOS

O palco estava escuro, um breu incomum. Acendeu uma das pequenas iluminações na coxa, admirando a beleza das cortinas escuras como um bom vinho. Fazia tempo que não chegava tão cedo para um espetáculo. Os olhos se inundaram, o peito tomado por uma sensação difícil de descrever. Gratidão? Êxtase? Incredulidade? Tudo junto? A primeira vez que subiu em um palco foi aos 15 anos, em um grupo de teatro amador. Aquele era um solo sagrado, e o Rodrigo adolescente não fazia ideia de quantas vezes ainda presenciaria milagres, admirando aquele altar. A família estava na plateia, a mãe apontava com encanto: “Olha o meu menino ali!” Tantos anos passados desde aquele dia, tantos espetáculos, tantas histórias.

No café da manhã, recebeu a mensagem de um amigo com um *link*. Nele, o espetáculo que dirigia era elogiado pela crítica, incensado por pessoas que admirava. A foto iluminada do palco do Sesc Copacabana ilustrava o texto. Seu nome em destaque. Foi transportado para anos antes, quando, aos 17, escreveu e dirigiu a primeira peça. Aquele menino chegou ali. A primeira apresentação em um Sesc foi marcante. Não é todo dia que um diretor iniciante tem uma estrutura de som, iluminação e equipe como aquela. Por melhor que seja a semente, sem um bom

solo a planta não cresce. Foram tantas as vezes que plantou nesse solo irrigado, preparado e adubado. Cresceu.

Os prêmios se acumulam na estante, as conquistas e histórias se ampliam na memória, mas é impossível se acostumar com o frio na barriga pré-estreia, com os imprevistos que surgem mesmo que esteja com a melhor equipe possível, com a adrenalina que arrepia a pele instantes antes do terceiro sinal, com o alívio sentido quando se baixam as cortinas.

Alguém acende outras luzes e ele sai do transe. Em instantes, o trânsito de pessoas será intenso, os bastidores se movimentam muito antes do olhar do público. Um suspiro aliviado escapa sem que perceba. Seria pretensioso dizer que está vivendo um sonho? Por vezes esquece quanto imaginou um momento assim, mas hoje, não. Hoje, por algum motivo misterioso, a vida o fez se lembrar da beleza que é seu caminho.

A mão seca os olhos, os pés caminham em direção ao que precisa ser resolvido. O relógio não para, o show tem que continuar.



A VIDA NOVA

LEONARDO PIANA

Ela acordava antes do despertador. O corpo já sabia o caminho. Hóstia saía de casa ainda no escuro, com a bolsa leve e o tênis já gasto. Das seis às sete, o tempo era dela. Exclusivamente. Mas nem sempre foi assim.

Durante anos, revezava-se entre trabalho, casa e cansaço acumulado. A vontade de se movimentar ficava sempre para depois. Até aquele primeiro de maio de 2015, quando decidiu ir à corrida do comerciário. Caminhou boa parte, parou outras vezes, sentiu-se carregando o peso de algo que não sabia nomear, que talvez nunca soubesse. Mas completou a corrida, enfim.

Na semana seguinte, voltou ao mesmo lugar, agora sem o barulho da multidão. Procurou a unidade, fez a matrícula, disse para si mesma que tentaria — tinha de tentar. No primeiro dia, nenhuma cena, nada realmente especial. O que houve foi um cuidado sincero no jeito de orientar, de observar, de não apressar as coisas.

Passou por tudo que dava: ginástica, dança, hidroginástica. Brincavam que ela morava ali. Talvez fosse verdade. Entre uma atividade e outra, surgiram conversas, amizades. Algumas ficaram só ali dentro, outras atravessaram o portão, como tem de ser.

Anos depois, quando começou a trabalhar como cuidadora de idosos, o corpo já era outro, mais firme e atento. O pilates ajudava a levantar alguém sem se machucar, a sustentar o peso de outra pessoa sem perder o próprio equilíbrio. E ajudava também no resto: uma vida que ficava para trás, feita de bebida e suas consequências — na vida dela, das pessoas ao seu redor.

A corrida voltou devagar, primeiro na esteira, depois na rua. Um dia, saiu para correr no bairro. Não foi longe, mas também não parou. Quando percebeu, Hóstia estava respirando fundo, o corpo respondendo de um jeito que antes parecia impossível.

Naquele dia não havia aula de pilates. A turma foi avisada de última hora. Algumas pessoas foram embora, outras ficaram conversando, meio sem saber o que fazer com aquele tempo aberto no meio da rotina. Ela também ficou. Sentou-se por alguns minutos, olhando o espaço vazio. Pensou em ir embora também. Tinha trabalho mais tarde, coisas para resolver. Mas algo a incomodava.

Levantou-se, saiu da unidade e começou a correr. Sem planejamento, sem percurso definido. Só correu. O corpo ainda frio foi esquentando aos poucos, o ritmo se ajustando. Passou por ruas conhecidas, cumprimentou gente de longe, seguiu. Em algum ponto, diminuiu o passo e parou. Ficou ali, de pé, respirando, sentindo o coração acelerar e depois desacelerar. Pensou na mulher que tinha chegado naquela corrida anos antes — uma mulher que precisava deixar para trás vestígios de outra vida, que precisava correr em direção a um futuro novo, melhor, quem sabe.

No dia seguinte, lá estava Hóstia de novo, no horário de sempre. A aula tinha voltado ao normal. Alguém comentou sobre o dia anterior, a falta da atividade, o desencontro.

— Eu corri — disse Hóstia, dando de ombros.

— Para onde? — alguém perguntou, e o impulso dela foi responder *de volta para mim*, mas segurou-se e disse apenas:

— Não sei.

Então foi para o seu lugar habitual, pronta para começar.



AUTORIAS



Emerson Rocha é artista visual contemporâneo afro-brasileiro natural de São Roque, em São Paulo, e formado em Arte: História, Crítica e Curadoria pela Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP). Seus trabalhos se concentram na exaltação das experiências e do cotidiano da população negra de seu país. Com foco na estética única do povo negro brasileiro, tem o uso de um azul bastante específico, obtido por meio da junção de tinta acrílica e anil africano, o dourado e o branco como elementos principais em suas composições.

FOTO: ACERVO PESSOAL



Elisama Santos é escritora com mais de 200 mil cópias vendidas, autora de best-sellers como *Educação não violenta* e *Conversas corajosas*, além de romances e obras infantis, como *Ensaio de despedida*. Consagrada como TED Speaker, é psicanalista especializada em Saúde Mental e possui formação em Resolução de Conflitos e Educação Parental nos EUA. Sua trajetória inclui certificação em Lideranças Executivas pela primeira infância pela Harvard University. Na televisão e no streaming, atua como apresentadora do SAC das Emoções, no GNT, e do videocast Chá de Coragem.

FOTO: CAROLINA PIRES

Leonardo Piana é romancista, poeta e servidor público. Formado em Comunicação Social pela Universidade de São Paulo (USP), é autor dos romances *Sismógrafo*, que venceu o Prêmio Cidade de Belo Horizonte, foi finalista dos prêmios Jabuti e São Paulo de Literatura e teve os direitos vendidos para o cinema, e *Tarde no planeta*, que também ganhou o Prêmio Cidade de Belo Horizonte. Seu primeiro livro de poemas, *Escalar cansa*, recebeu o Prêmio Sesc de Literatura.

FOTO: FABIO AUDI



“O Sesc amplia as possibilidades de vida dos territórios em que se apresenta. Traz novas formas de estar no mundo, é lugar de respiro, encontro e reencontro.”

Elisama Santos, escritora

“Como frequentador do Sesc, já sabia de sua dimensão e importância. Mas foi entrando em contato com as histórias presentes neste livro que pude conhecer o modo como ele se infiltra e transforma profundamente a vida de tantos brasileiros.”

Leonardo Piana, escritor

“É sempre uma surpresa muito gostosa visitar um Sesc. Uma das coisas que rondam a instituição é você ser direcionado pra outros caminhos, alguns dos quais você sequer fazia ideia que precisava.”

Emerson Rocha, artista visual

“Creio que a essa altura já tenho quase certeza de que o sentido da vida é fazer alguém feliz, um pouco a cada dia. O Sesc existe para isso.”

Socorro Acioli, escritora

